



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

LUCIANA GUIMARÃES BOEING

**CONSTRUINDO A VIDA ADULTA: Trajetórias, Sentidos e
Práticas Cotidianas de Pessoas com Formação Universitária**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Florianópolis/SC
2011**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Luciana Guimarães Boeing

**CONSTRUINDO A VIDA ADULTA: Trajetórias, Sentidos e
Práticas Cotidianas de Pessoas com Formação Universitária**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre. Área de concentração Práticas Sociais e Constituição do Sujeito.

Orientadora: Prof^a Dr^a Dulce Helena Penna Soares

Florianópolis
2011

Luciana Guimarães Boeing

CONSTRUINDO A VIDA ADULTA: Trajetórias, Sentidos e Práticas Cotidianas de Pessoas com Formação Universitária

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 8 de dezembro de 2011.

Prof^a Dr^a Maria Aparecida Crepaldi
Coordenadora – PPGP-UFSC

Banca Examinadora:

Prof^a Dr^a Dulce Helena Penna Soares
Orientadora
UFSC

Prof^a Dr^a Edite Krawulski
Examinadora-UFSC

Prof. Dr. Jorge Castellá Sarriera
Examinador-UFRGS

Dedico este trabalho aos jovens e adultos que já atendi em minha prática como psicóloga, por tudo o que me ensinaram e pelas reflexões que me proporcionaram.

AGRADECIMENTOS

Um trabalho como este só se concretiza quando podemos contar com pessoas que nos amparem e acompanhem. Agradeço a todos que, direta ou indiretamente, estiveram presentes neste importante momento da minha vida, apoiando-me e torcendo por mim. Especialmente a algumas pessoas que, mais próximas, foram de fato imprescindíveis.

À minha querida orientadora, colega e amiga, Dulce, por sua alegria, entusiasmo e leveza na condução do seu trabalho comigo e, principalmente, por ter acreditado desde o início em meu tema de pesquisa. Muito obrigada!

A Selma, minha amiga, comadre e irmã de coração: obrigada por tudo! Por nossos encontros renovadores, regados a café e outras delícias; pela sua amizade sincera e incondicional; pelas vezes em que ficou com o Gu para que eu pudesse me dedicar ao mestrado; por me ouvir tantas e tantas vezes e pela ajuda fundamental nas referências e correção final da dissertação.

Aos participantes desta pesquisa, que aceitaram doar parte do seu tempo e dividiram comigo suas histórias, pensamentos e sentimentos de forma tão especial e com tanta confiança, além de brindarem-na com imagens tão cheias de sentido!

Agradeço à professora Edite, por suas críticas construtivas ao projeto, pela paciência e disposição em sentar comigo para redefinir os objetivos da pesquisa, e por aceitar fazer parte da defesa. Igualmente agradeço à professora Andréia, integrante também da banca de qualificação, que trouxe importantes contribuições.

Desde já agradeço ao professor Jorge Sarriera, que aceitou ler sobre a temática da vida adulta e vir até aqui examinar meu trabalho.

A Maria Teresa Mandelli, companheira de barco nessa jornada, pelas muitas dúvidas, orientações, desabafos e palavras de afeto trocadas durante todo o trajeto: chegamos, amiga!

A Marilaine Bittencourt, colega duplamente, pelas tantas conversas de apoio e incentivo, não me deixando desistir.

Não poderia deixar de citar as colegas Claudia Basso e Vera Regina Roesler, que me deram valiosas orientações e apoio em momentos importantes.

Um agradecimento especial também a Fernanda Queiroz, por sua generosidade e presteza ao me ajudar com o *abstract*.

Agradeço às minhas queridas Renate e Carmem, meus braços direitos e cérebros em casa durante esse período, cada uma do seu jeito

em seu momento. Sem vocês não teria tido energias para me dedicar a este trabalho. À Renate por ter me esperado... à Carmem por ter vindo de tão longe...

Aos meus sogros e cunhados (a), obrigada pelos momentos em que cuidaram da minha família, dando-lhes a atenção que não pude dar.

A todos os professores, colegas e funcionários do PPGP/UFSC, particularmente: ao Kleber e à Mériti, pelo grande conhecimento conosco compartilhado; às professoras Kátia e Maria, pelas importantes orientações quanto ao método e à questão de pesquisa, me fazendo crescer como pesquisadora.

Enfim, gostaria de lembrar e agradecer, aqui, às pessoas mais importantes de minha vida:

Aos meus **pais**, com quem tanto aprendi e aprendo, e que tanto investiram em minha educação. Por sempre acreditarem em meus projetos, pelo apoio incondicional, por todo amor que sempre me dedicaram e pelo exemplo que representam para mim.

Ao meu irmão **Ricardo**, sinto não ter tido mais tempo nesse período delicado, para dar-lhe a atenção merecida; ao mesmo tempo, registro aqui minha alegria pelas mudanças que tem buscado empreender em sua vida.

Ao meu marido e companheiro, **Guilherme**, que cresceu junto comigo nesse período: obrigada pelo seu amor e dedicação. Pelas tantas vezes em que cuidou do nosso Gu para que eu pudesse estudar, pelos deliciosos almoços e jantares que fez para me poupar e por entender minhas ausências nesses três longos anos.

Aos meus filhos, **Arthur** e **Gustavo**, maiores amores e mestres para mim: por vocês, desejo crescer e aprender cada vez mais! Foi difícil abrir mão de acompanhá-los e curti-los tanto quanto gostaria durante esse tempo.

Ontem não fui estudar na biblioteca, fiquei em casa o dia todo, estudando no meu ritmo. Depois do almoço, senti sono e dormi até umas três da tarde. Acordei, estudei mais um pouco, e no fim da tarde fui caminhar, depois voltei e tomei um banho. Aí lembrei de como era boa minha fase de estudante, andar de tênis, não ter aquele compromisso com horário de trabalho, não ter que me arrumar, me maquiar, dirigir, viver com pressa... senti tanta saudade! Como era bom... no fundo acho que é essa a minha crise, como é difícil ser adulto!

(D. 30 anos, profissional de nível superior. Na época, estava estudando para concursos - 2009)

RESUMO

BOEING, Luciana Guimarães. **CONSTRUINDO A VIDA ADULTA: trajetórias, sentidos e práticas cotidianas de pessoas com formação universitária**. 2011. 167p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

Esta pesquisa delimitou-se à temática da vida adulta e à produção de sentidos a esse respeito por parte de sujeitos graduados. Pautada teoricamente na concepção sócio-histórica de sujeito, teve como objetivo principal compreender quais os sentidos atribuídos à vida adulta por pessoas com formação universitária. Como objetivos específicos, buscou identificar entre os sujeitos as concepções de vida adulta, suas trajetórias de vida e as práticas cotidianas consideradas próprias da vida adulta. Utilizando-se de uma abordagem qualitativa, foram entrevistados 6 sujeitos adultos, todos com formação universitária e idade entre 26 e 41 anos. Realizaram-se duas entrevistas com cada um deles, e entre a primeira e a segunda foi solicitado que produzissem imagens fotográficas sobre a temática da vida adulta, as quais foram interpretadas pelos próprios sujeitos por ocasião da segunda entrevista. A análise dos dados deu-se a partir dos núcleos de significação, propostos por Aguiar e Ozella (2006) e definidos com base nos objetivos da pesquisa e nas temáticas emergentes nos discursos dos sujeitos. Foram identificados três núcleos de significação: (a) os sujeitos da pesquisa: a trajetória de vida em ciclos e momentos marcantes do reconhecimento da vida adulta; (b) sentidos de vida adulta: independência, responsabilidades e trabalho e (c) sentidos de vida adulta: autonomia emocional, família e a ética do cuidado. Os resultados apontaram para a noção de ciclos de vida, onde os sujeitos seguem uma trajetória singular e não linear em direção à vida adulta, porém com momentos marcantes que se repetem nas várias histórias – como a formatura, o primeiro emprego, o casamento – e que pontuam um maior reconhecimento de si mesmo como adultos. Da mesma forma, algumas práticas se mostraram relacionadas à vida adulta, como responsabilizar-se por tarefas cotidianas e buscar o auto-sustento através do trabalho. Este último surge como tema central na vida adulta e imprescindível à independência financeira, sendo retratado por todos os sujeitos como um dos sentidos a ela atribuídos. Quanto à autonomia em relação à família de origem, sair da casa dos pais é expresso como um objetivo, porém

não uma condição para a adultez. A família também se expressa como um dos sentidos de vida adulta, bem como o casamento e os filhos – porém aparentemente estes dois aspectos não chegam a ser considerados pré-requisitos para a condição de adulto. Por fim, a ética do cuidado revela-se como mais um sentido atribuído à adultez, traduzindo-se pela preocupação com os mais velhos e os mais novos, em especial os filhos bem como os pais na velhice.

Palavras-chave: sentidos, trabalho, ciclo vital, psicologia do adulto.

ABSTRACT

BOEING, Luciana Guimarães. **BUILDING THE ADULT LIFE: trajectories, meanings and attitudes of people with university education.** 2011. 167p. Thesis. Master of Philosophy in the School of Psychology, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

This research focused on the issue of adult life and the production of meanings about this subject by graduates. Based on socio-historical theory, aimed to understand the meanings attributed to adult life by university undergraduates. The principal aims were to identify among the participants, the conceptions of adulthood, their life trajectories and everyday practices considered typical of adulthood. Using qualitative method, six adult participants were interviewed, all university undergraduates and aged between 26 and 41 years. There were two interviews with each participant, and between the first and the second they were asked to produce images about adult life. The participants interpreted the images at the second interview. Data analysis was performed using the core meaning method proposed by Aguiar and Ozella (2006). Therefore the interview was categorized based on the research aims and the content present in the discourse of the subjects. Three clusters of meaning were identified: (a) participants: life journey in cycles and the moments of recognition of adult life, (b) adult life purposes: independence, responsibilities, work and (c) adult life purposes: emotional autonomy, family and the ethics of care. Research results suggests that the life cycles notion, where subjects follow a non-linear trajectory toward adulthood, with important moments that are repeated in several stories – such as graduation, first job, marriage – and who highly categorized themselves as adults. Likewise, some attitudes have proven to be related to adult life, like financial independence and be responsible for everyday hassles. As for autonomy from family, leaving the parental home is expressed as a goal, but not a condition to adulthood. Work, on the other hand, emerges as a central issue in adult life and essential to financial independence, being portrayed by all subjects as one of the meanings assigned to it. Family is also one of the

meanings of adulthood, as well as marriage and children – but apparently, these two aspects do not come to be considered prerequisites for adulthood. Finally, the ethic of care reveals itself as one more meaning attributed to adulthood, leading to concern for the older and younger, especially the children, and elderly parents.

Keywords: purpose, work, life-cycle, adult psychology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1: construção (Janaína).....	82
Fotografia 2: trabalhador em uma construção (Aragon).....	95
Fotografia 3: a sala de atendimento (Lívia).....	96
Fotografia 4: pessoas trabalhando nas ruas (Janaína).....	96
Fotografia 5: folder profissional (Helena).....	100
Fotografia 6: painel de profissionais na recepção (Pedro).....	101
Fotografia 7: Gazeta Mercantil (Pedro).....	102
Fotografia 8: o carro atual (Estér).....	108
Fotografia 9: as contas para pagar (Estér).....	109
Fotografia 10: o trânsito (Janaína).....	110
Fotografia 11: a casa de uma pessoa adulta (Aragon).....	112
Fotografia 12: velhice tranquila (Janaína).....	115
Fotografia 13: varal (Estér).....	120
Fotografia 14: desabrochar (Helena).....	122
Fotografia 15: família (Janaína).....	126
Fotografia 16: cuidar dos mais velhos (Janaína).....	132
Fotografia 17: cuidar de um cão (Estér).....	133
Fotografia 18: parque infantil (Aragon).....	134
Quadro 1: caracterização dos sujeitos da pesquisa.....	62
Quadro 2: momentos da trajetória de vida em que os sujeitos se reconheceram como adultos.....	84
Quadro 3: concepções de vida adulta.....	136

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEPSH – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
CNS – Conselho Nacional de Saúde
ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA – Instituto De Pesquisa Econômica Aplicada
IPTU – Imposto Predial e Territorial Urbano
LIOP – Laboratório de Informação e Orientação Profissional
OECD – Organização Para a Cooperação o Desenvolvimento Econômico
OMS – Organização Mundial da Saúde
PNAD – Pesquisas Nacionais Por Amostra De Domicílios
PPGP – Programa de Pós-Graduação em Psicologia
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO: ESCOLHENDO O TERRENO.....	21
1 PREPARANDO A TERRA E JOGANDO A SEMENTE.....	23
2 O ADUBO.....	33
2.1 OS SENTIDOS.....	33
2.2 A VIDA ADULTA.....	36
2.2.1 Breve histórico da vida adulta e sua relação com a infância e a juventude.....	36
2.2.2 Concepções sobre o adulto, a vida adulta e o desenvolvimento humano.....	40
2.2.3 Juventude prolongada, vida adulta elástica e transformações no mundo do trabalho: consequências da modernidade.....	47
2.3 O TRABALHO E SUA CENTRALIDADE NA VIDA ADULTA.....	53
3 A FORMA DE PLANTIO E AS FERRAMENTAS.....	59
3.1 O MÉTODO.....	59
3.2 OS PRECEITOS ÉTICOS DO ESTUDO.....	60
3.3 OS SUJEITOS DA PESQUISA.....	61
3.4 AS FERRAMENTAS DE COLETA E REGISTRO DE DADOS.....	63
3.5 O PROCESSO DE ANÁLISE E DEVOLUÇÃO DOS DADOS.....	68
4 VIDA ADULTA – TRAJETÓRIAS, SENTIDOS E PRÁTICAS EXPRESSOS EM PALAVRAS E IMAGENS.....	71
4.1 OS SUJEITOS DA PESQUISA: TRAJETÓRIAS DE VIDA EM CICLOS E MOMENTOS MARCANTES DO RECONHECIMENTO DA VIDA ADULTA.....	71
4.1.1 Os sujeitos da pesquisa.....	72
4.1.2 As trajetórias de vida em ciclos.....	77
4.1.3 Os momentos marcantes do reconhecimento da vida adulta.....	83
4.2 SENTIDOS DE VIDA ADULTA: INDEPENDÊNCIA, RESPONSABILIDADES E TRABALHO.....	91

4.3 SENTIDOS DE VIDA ADULTA: AUTONOMIA EMOCIONAL, FAMÍLIA E A ÉTICA DO CUIDADO.....	116
5 CONSIDERAÇÕES OU CUIDADOS FINAIS.....	137
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	145
APÊNDICE A – Tabela 1.....	159
APÊNDICE B – Tabela 2.....	160
APÊNDICE C – Tabela 3.....	161
APÊNDICE D - CARTA DE APRESENTAÇÃO E SOLICITAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO.....	162
APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	163
APÊNDICE F - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI- ESTRUTURADA.....	164
ANEXO - CERTIFICADO DO CEPESH/UFSC.....	167

APRESENTAÇÃO: ESCOLHENDO O TERRENO

Há um dito popular que afirma: “para se tornar homem de fato, é preciso três coisas – plantar uma árvore, ter um filho e escrever um livro”. No início do meu trabalho de pesquisa, cujos frutos aqui se apresentam, pensei nesse ditado ao refletir sobre os sentidos de tornar-se adulto e as falas e concepções a esse respeito, e nele inspirei-me para a escrita desta dissertação. Utilizando o plantio de uma árvore como metáfora, aproveitei também para homenagear um pedaço de minha própria trajetória rumo à vida adulta: na busca de um dos aspectos considerados inerentes ao mundo adulto – a profissão – graduei-me, primeiramente, em Agronomia. O processo de tornar-se adulto, bem como uma pesquisa desde a eleição do tema até a escrita do trabalho final, pode ser comparado ao desenvolvimento de uma planta – portanto esta dissertação se apresenta dividida em partes cujos títulos remetem ao plantio de uma árvore.

Plantar uma árvore requer escolher um terreno, preparar a terra, jogar a semente e cuidar de seu crescimento até que dê frutos. Ao iniciar meu percurso como pesquisadora, escolhi explorar questões emergentes do meu próprio cotidiano de trabalho, aquelas que me faziam e fazem refletir na busca de caminhos e respostas. Desde o início de minha trajetória profissional na Psicologia, nos vários locais de atuação, muitas das pessoas com quem tive contato encontravam-se envolvidas com dilemas relacionados à vida adulta ou à transição em direção a ela. Jovens, “jovens adultos” ou adultos, direta ou indiretamente, traziam e ainda trazem conteúdos ligados a este tema para o universo da minha prática profissional – a exemplo do trecho citado na epígrafe. Expressões como “viver uma vida adulta”, “entrar no mundo adulto”, “ser adulto”, eram e são frequentes em seus discursos, geralmente acompanhadas da queixa e do sofrimento diante da dificuldade em realizar alguma das tarefas atribuídas a essa condição. Junto à queixa, o desejo – de transformar essa percepção e viver os aspectos mais interessantes relacionados por eles à vida adulta, como a independência financeira, a capacidade de resolverem seus dilemas emocionais e éticos, os relacionamentos voltados à construção da própria família, o *status* de adulto perante os outros.

Afinal, o que é preciso para que alguém seja reconhecido e se reconheça como adulto, e como acontece a vida adulta na sociedade contemporânea? Relatos como os daquelas pessoas com as quais atuei suscitaram perguntas sobre as quais desejei investigar: o que é afinal ser adulto, ou viver uma vida adulta? Existe para isso uma forma ou são

singulares as maneiras de ser adulto? O que faz com que alguém se intitule como adulto, se reconheça um adulto e seja assim reconhecido? Quais os sentidos de vida adulta para as pessoas que assim se consideram? A partir dessas e de outras reflexões, a vida adulta delimitou-se como o terreno de idéias sobre o qual iria plantar minha árvore, tornando-se o tema escolhido para esta investigação.

1 PREPARANDO A TERRA E JOGANDO A SEMENTE

Este trabalho tece considerações sobre a vida adulta a partir da seguinte questão: **quais os sentidos de vida adulta para pessoas com formação universitária?** Tal pergunta construiu-se a partir de uma procura inicial, em bancos de dados e teses, por subsídios para delinear o problema de pesquisa. Se plantar uma árvore requer antes de tudo a escolha do terreno, segue-se a isso o preparo da terra, nutrindo-a para jogar a semente. Assim, tendo sido escolhido o tema de pesquisa, partiu-se à delimitação do problema que, como afirmam Laville e Dionne (1999, p. 89), vem “do que somos, pois são nossas experiências que nos fizeram ser o que somos”. Nessa investigação inicial sobre os estudos já realizados em torno da temática vida adulta, verificaram-se lacunas na literatura acadêmica. Há pouca bibliografia existente acerca do assunto, em detrimento das muitas pesquisas sobre a criança, o adolescente, o jovem e o idoso (SOUSA, 2007).

Pesquisando em três bancos de dados¹ e escolhendo utilizar as palavras-chaves “vida”, “adulta”, “transição”, “juventude” e “sentidos”, em diferentes combinações, foram encontradas várias publicações – porém somente nove que abordassem diretamente a temática escolhida (vide tabelas referentes à pesquisa de artigos nos Apêndices A, B e C). Em leitura rápida dos resumos e em seguida dos trabalhos completos, chamaram a atenção as pesquisas comparadas entre os vários países da Europa a respeito do tema: em Portugal, autores como os sociólogos Maria das Dores Guerreiro e Pedro Abrantes focaram suas pesquisas na transição dos jovens europeus para a vida adulta, centralizando-se no acesso ao mercado de trabalho, mas abordando também questões referentes à forma como estes encaram a família (PIMENTA, 2005). Segundo Pimenta (2005, p. 386), os autores construíram uma tipologia de sete modelos de transição para a vida adulta: “trajetórias fortemente orientadas pela profissão e pelo tempo dedicado ao trabalho; trajetórias orientadas para a valorização da individualização e a realização pessoal; trajetórias que fogem ao modelo familiar tradicional (e por essa razão são classificadas como experimentais); trajetórias que obedecem a estratégias e projetos claramente definidos e concretizados progressivamente; trajetórias caracterizadas pela conjugalidade ou parentalidade precoces (antes dos 20 anos); trajetórias marcadas pelo desemprego e pela instabilidade no trabalho, que dificultam a

¹ Index psi periódicos, Scielo e Banco de teses da Capes.

autonomização e a realização de projetos pessoais; e trajetórias que levam ao risco de exclusão social”.

Em publicação posterior a respeito dessa mesma pesquisa, Guerreiro e Abrantes (2005) referiram-se novamente a tais tipologias, cada qual baseada em orientações distintas: profissional (orientado para o trabalho), lúdica (lazer), experimental (*self*), progressiva (futuro), precoce (responsabilidade familiar), precária (adaptativa) e desestruturante (sobrevivência). A construção das mesmas deu-se segundo os fatores percursos escolares, trabalho, gênero e família, e o método consistiu em uma análise transversal dos trajetetos de vida para chegar até elas. Ainda em Portugal, destacam-se as pesquisas de José Machado Pais, entre elas um artigo recente tratando dos ritos de passagem para a idade adulta. Um desses ritos, ainda existente entre rapazes de aldeias do nordeste daquele país, é problematizado e contextualizado na modernidade pelo autor. Para ele, os antigos ritos de passagem da juventude para a idade adulta podem estar cedendo seu lugar a ritos de impasse, ou seja, muitos jovens vivem um impasse em relação ao seu futuro e não conseguem se tornar independentes economicamente, tendo em vista a precariedade que pauta as suas trajetórias de vida (PAIS, 2009). Sousa (2007), por sua vez, buscou identificar e caracterizar as práticas e representações sociais a respeito de ser adulto naquela sociedade, afirmando existirem poucas pesquisas acerca do tema, o que dificulta entender a transição para essa fase que, com o aumento da expectativa de vida, ocupa de trinta e cinco a quarenta anos do tempo de vida das pessoas. Ela alerta para o fato de a idade adulta já não ser exatamente um atrativo para os jovens, visto o número de adultos desiludidos com suas vidas.

Entre as publicações de pesquisas no âmbito nacional foi encontrada a de Sodré (2007, p. 4), estudando “a relação dos filhos com os pais, na passagem para a vida adulta, por meio do mito dos Titãs e da criação do Olimpo, traçando o processo histórico-cultural em jogo na sucessão das gerações”. Pais (1996), ao descrever as correntes teóricas da sociologia da juventude, cita a corrente geracional, tendo como ponto de partida a noção de juventude como fase de vida e cuja questão básica de discussão diz respeito à continuidade ou não dos valores intergeracionais. As descontinuidades entre as gerações estariam “na base da formação da juventude como uma geração social” (p. 38). Outra pesquisa envolvendo as relações entre as gerações de pais e seus filhos em transição para a vida adulta é de Pais; Cairns; Pappamikail (2005), os quais analisaram entrevistas com jovens e pais destes jovens. Foi feita uma análise tipológica das transições, combinando métodos

quantitativos e qualitativos para compreender as múltiplas trajetórias, em estudo com jovens de oito países europeus. As características de cada grupo, mostrando diferentes modelos de transições, orientações atitudinais e perfis juvenis, são: autonomia proporcionada por aculturações sociais (jovens-adultos solteiros, cultos, independentes); dependência gerada pela tradicionalidade (jovens temerosos, materialistas, dependentes); independência precoce mas condicionada (jovens vivendo como casais, pós-modernos, entravados); ancoragem tensa à família de origem (jovens dependentes, controlados, acomodados); ética de trabalho libertadora (jovens coabitantes, independentes, confiantes).

La Mendola (2005, p. 79) analisou o sentido do risco² entre os jovens como um processo de “construção, experimentação e afirmação da própria identidade”, processo esse cada vez mais fragmentado, se realizando por um alongamento da transição para a vida adulta. Vários outros autores (BARROSO, 2009; CAMARANO, 2006; DEBERT, 2004; PEIXOTO e LUZ, 2007; GUERREIRO e ABRANTES 2005; HENRIQUES; JABLONSKI; FÉRES-CARNEIRO, 2004; KEHL, 2008; PERALVA, 1997; PIMENTA, 2001; SOUSA, 2007) concordam a respeito do prolongamento da juventude em direção à vida adulta. Entre eles, Pimenta (2001) analisa diferentes tipos de transição na cidade de São Paulo e conclui que as mais lentas se dão naquele segmento da juventude possuidor de melhores condições sócio-econômicas. Em pesquisa posterior, a autora enfatiza a necessidade de considerar que em nosso país tais transições “ainda se encontram fortemente marcadas pela desigualdade social” (PIMENTA, 2007, p. 25).

Debert (2004) problematiza a noção de curso da vida frente à complexidade das sociedades ocidentais contemporâneas. Para essa autora, nesse trabalho onde discute imagens do curso da vida adulta produzidas pela mídia, a idéia de idades cronológicas perde a relevância por não dar conta dessa complexidade, apesar de ainda assim ser um definidor do status de uma pessoa. Pais (2009) propõe uma reflexão semelhante ao discutir quanto às mudanças nas fronteiras que separam as fases do ciclo de vida, as quais têm variado de maneira crescente nas três últimas décadas na Europa. A referência à idade cronológica como determinante nos momentos de transição e no curso da vida como um

² O conceito de risco, no trabalho deste autor, é diferente daquele utilizado por outros autores que o relacionam com vulnerabilidade social – como, por exemplo, Soares; Dias; Baptista (2008) que estudaram jovens recém-formados em situação de insegurança quanto a seus projetos de vida frente à falta de perspectivas de futuro.

todo tem sido deixada de lado nas pesquisas atuais a respeito dessa temática. Nesse sentido, apresenta-se como apropriada à presente investigação a afirmação de Henriques; Jablonski; Féres-Carneiro (2004, p. 198), segundo a qual os sujeitos “não pertencem a grupos etários, eles os atravessam”.

Os autores pesquisados utilizam diferentes formas e expressões para abordar a vida adulta, sendo utilizados termos como adulto e adulez, ambos também adotados neste trabalho. Em relação à transição para a vida adulta, alguns se referem ao próprio termo transição (PAIS; CAIRNS; PAPPAMIKAIL, 2005; PAIS, 2009; VIEIRA, 2008; GUERREIRO E ABRANTES, 2005), outros a passagem (SODRÉ, 2007; VIEIRA, 2008), outros a processo (LA MENDOLA, 2005); ainda são citados os termos etapa (DEBERT, 2004) e fase (LA MENDOLA, 2005; PAIS, 2009; VIEIRA, 2008). Há também a referência a curso de vida (DEBERT, 2004; LA MENDOLA, 2005; PAIS, 2009; VIEIRA, 2008) em substituição aos termos anteriores. Sodré (2007) e Oliveira (2004) referem-se a desenvolvimento psicológico, sendo que esta última inclui sua investigação no âmbito da psicologia do desenvolvimento. A presente pesquisa não pretendeu se encaixar exatamente neste ramo de estudo, apesar de tocá-lo, ao abordar a constituição de sujeitos adultos, à luz da perspectiva sócio-histórica, buscando os sentidos de vida adulta para eles. Para discutir a categoria vida adulta foi necessário, em alguns momentos, utilizar termos como etapa, momento ou ciclo, mesmo discordando-se de uma concepção de vida dividida em estágios pré-determinados e separados por fronteiras definidas no tempo ou por fatores biológicos. “Processos de transformação ocorrem ao longo de toda a vida do sujeito e estão relacionados a um conjunto complexo de fatores”, salienta Oliveira (2004, p. 213), que argumenta ser o termo “ciclos de vida” o mais promissor para a compreensão de tais processos.

Dentre os artigos encontrados, Vieira (2008) segue por uma análise quantitativa, buscando identificar quando começa e termina a vida adulta, bem como quando essa atinge o que a autora denomina de pico. Foi feita uma comparação dessa transição no Brasil em dois momentos, 1970 e 2000, segundo os fatores renda e sexo. A pesquisa conta com um aspecto interessante no que diz respeito aos sinais de mudança de *status*, ou seja, fatores que levariam o sujeito a estar ou mais próximo da adolescência/juventude, ou mais próximo da vida adulta. Entre tais fatores ela cita, para os primeiros, ser estudante, não trabalhar, ser membro dependente no domicílio, sem experiência conjugal e sem filhos – sendo os fatores opostos determinantes do *status* mais aproximado do adulto. O trabalho, um dos fatores listados pela

autora, é central na vida das pessoas e torna-se particularmente significativo durante a transição para a vida adulta, o que transparece nos resultados e discussões de várias outras pesquisas aqui citadas sobre o tema (PIMENTA, 2005; GERREIRO E ABRANTES, 2005; PAIS, 2009; SOUZA, 2007; PAIS; CAIRNS; PAPPAMIKAIL, 2005; OLIVEIRA, 2004). Em pesquisa com jovens universitários em planejamento de carreira profissional, Veriguine (2008, p. 13) afirma que “grande parte da organização da vida social baseia-se na preparação para a entrada no mundo do trabalho e na posterior atuação como profissional”.

Oliveira (2004, p. 211), ao estudar trabalhadores urbanos adultos que frequentam um curso supletivo para elevar a escolaridade, discute a formulação de uma psicologia do adulto a partir da compreensão da “organização de diferentes práticas culturais, da construção compartilhada de sentidos e significados, da internalização de modos de fazer, de pensar e de produzir a cultura em cada um dos seus âmbitos concretos”. Já Miguez (2005) investigou quanto à chegada da maioridade para meninos e meninas de rua da cidade do Rio de Janeiro. Segundo o trabalho da autora, para esses sujeitos tal momento é de rupturas, pois transforma suas relações com a lei, levando-os à perda das garantias previstas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 1990). A pesquisa busca as representações sociais que tais jovens fazem da chegada da maioridade e de ser adulto, levando em conta a diferença entre os dois momentos.

Todos os trabalhos encontrados relacionam-se à vida adulta, porém, a maioria, mais à transição para a esta etapa do que à vida adulta em si, com todos os aspectos a ela relacionados. Pesquisas sobre a adultez são escassas, provavelmente por ser essa etapa da vida considerada de estabilidade, um status a ser finalmente alcançado, sobre o qual pouco tenha para se dizer. O adulto é quem fala das crianças, dos jovens e dos velhos – pouco fala de si mesmo. Porém, frente às transformações do mundo ocidental na contemporaneidade, seria ainda a vida adulta um momento sem maiores crises ou transformações, uma etapa de normalidade e referência? Autores como Oliveira (2004) e Sousa (2007) discordam a esse respeito e enfatizam a necessidade de se realizar pesquisas sobre essa fase, e esta última destaca a pertinência de estudar sobre o que é ser adulto e justifica ser necessário “trabalhar uma fase de vida a qual não pode ser ignorada e que, tendo sido considerada como referência para outras idades, aparece agora desestabilizada” (SOUSA, 2007, p 59). Cabe mencionar pesquisas, como algumas ligadas à juventude, que buscam desnaturalizar conceitos social e

historicamente construídos, reforçando a noção de que há várias formas de ser jovem. Cita-se como exemplo os trabalhos de Ozella e Aguiar (2008), que desmistificam a concepção de adolescência como um período naturalmente crítico, bem como outros que apontam naquela direção (GROPPO, 2000; SPOSITO, 2003; ABRAMO, 2005; DAYRELL, 2003). Também a vida adulta se apresenta de inúmeras formas na contemporaneidade e não como um período naturalmente estável e sem crises, devendo ser melhor investigada no sentido de se construir novas formas de concebê-la.

Para problematizar vida adulta no contexto contemporâneo, escolheu-se nesta pesquisa identificar quais os sentidos atribuídos a ela por pessoas com formação universitária. O interesse foi de estudar e compreender os sentidos de vida adulta para pessoas adultas, e a eleição de sujeitos com esse pré-requisito justifica-se na relação entre o investimento em uma formação universitária e a busca de melhores colocações no mundo do trabalho, considerando-se a sua centralidade na contemporaneidade – particularmente na vida adulta. Mesmo considerando previamente a existência de múltiplos aspectos relacionados à adultez, os quais inclusive evidenciaram-se ao longo da pesquisa, como conquistar relacionamentos estáveis, formar uma família, entre outros fatores, concordamos com o argumento de Oliveira (2004, p. 223), segundo o qual “a principal modalidade de inserção da pessoa adulta na cultura é o trabalho e essa seria a categoria fundamental de análise no processo de construção de uma psicologia do adulto”. Por outro lado, as transformações pelas quais o mercado do trabalho tem passado na atualidade influenciam as mudanças nos modos de transição para a vida adulta, e a permanência de filhos adultos em coabitação com seus pais, por exemplo, deriva entre outros aspectos da instabilidade, do desemprego e da precariedade das novas relações de trabalho (HENRIQUES; FÉRES-CARNEIRO; MAGALHÃES, 2006).

Já a escolha pelo estudo e compreensão dos sentidos atribuídos à vida adulta por essas pessoas embasa-se na noção de sentido como sendo uma produção singular das mesmas em sua relação com a vida e na concepção de sujeito como produto e produtor da história. A perspectiva histórico-crítica de Lev Semionovitch Vygotski traz uma importante contribuição teórica para a análise dos sentidos e significados (TOLFO et al. 2005). Segundo Vygotski (2008), sentido e significado estão juntos, interagem no discurso de um sujeito, sendo que o significado é uma das zonas do sentido, a mais estável. Zanella et al (2007, p. 31) afirmam que o significado é “necessariamente compartilhado e goza de uma relativa estabilidade, provisória em razão

de sua condição social e histórica; os sentidos, por sua vez, referem-se a uma dimensão essencialmente idiossincrática”. Ambos são produzidos pelos sujeitos em suas relações e práticas, as quais são marcadas “pelas trajetórias e experiências de cada um e de todos e ao mesmo tempo pelas condições e características do contexto histórico em que vivem”. Tolfo et al (2005), também apoiadas nessa contribuição teórica, nos lembram que enquanto os significados apontam para conceitos coletivos, nos sentidos as possibilidades são sempre ilimitadas, pois os mesmos são produzidos a partir da apreensão individual de tais conceitos, a partir de experiências concretas, cotidianas de cada sujeito e em sua relação com a vida. Sendo assim, torna-se necessária a sua investigação, como afirmam Zanella et al (2007, p. 31):

Desse modo, toda e qualquer atividade humana foco de investigação psicológica requer, para sua compreensão e explicação, o olhar sobre os sentidos que têm para os sujeitos em relação, olhar esse que considere a indissociabilidade de sujeitos, de suas condições de possibilidades e a realidade histórica do contexto do qual ativamente participam.

O objetivo geral desta pesquisa foi **compreender quais os sentidos atribuídos à vida adulta por pessoas com formação universitária**. Mais especificamente:

- Identificar, entre os sujeitos, concepções de vida adulta;
- Identificar as trajetórias de vida dos sujeitos;
- Identificar práticas cotidianas consideradas próprias da vida adulta.

O trabalho justificou-se basicamente no grande interesse pelo tema e no pequeno número de publicações existente a respeito da temática da vida adulta, conforme descrito anteriormente. Em especial no Brasil, que conta com muitos jovens, mas que também vem envelhecendo rapidamente, as certezas se transformaram em possibilidades variadas de trajetórias de vida (CAMARANO, 2006). O estudo acerca dos sentidos de vida adulta para pessoas com formação universitária pode trazer subsídios teóricos bem como possibilitar novos olhares para a compreensão dessas múltiplas trajetórias num país em que vem diminuindo a população infantil e jovem em detrimento da população adulta – principalmente de idosos. Segundo dados do censo

2010 realizado pelo IBGE (2011), houve uma diminuição do número de crianças e jovens, a qual foi acompanhada pelo aumento da população com 65 anos ou mais (IBGEa, 2011). O grupo de pessoas com idade até 25 anos é menor em 2010 do que em 2000, sendo que os grupos etários acima desta idade aumentaram sua representatividade na última década:

O grupo de crianças de zero a quatro anos do sexo masculino, por exemplo, representava 5,7% da população total em 1991, enquanto o feminino representava 5,5%. Em 2000, estes percentuais caíram para 4,9% e 4,7%, chegando a 3,7% e 3,6% em 2010. Simultaneamente, o alargamento do topo da pirâmide etária pode ser observado pelo crescimento da participação relativa da população com 65 anos ou mais, que era de 4,8% em 1991, passando a 5,9% em 2000 e chegando a 7,4% em 2010.

Os dados acima são corroborados pelos descritos por Pochmann (2004), os quais apontam o incremento na expectativa de vida nas últimas décadas, com previsão de crescimento nos próximos 30 anos. Aliado a isso, conforme o autor, ocorre o alargamento da transição da juventude para a vida adulta, o que remete a uma ampliação do ciclo de vida jovem bem como da adultez, reforçando a necessidade de investigações nesse âmbito.

A presente pesquisa está inserida no eixo de estudos da área 2 do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) da UFSC – Práticas Sociais e Constituição do Sujeito, onde enfatiza-se o processo de constituição do sujeito em relação com o outro e com a cultura, sendo este sujeito produtor de sentidos nos contextos políticos e culturais em que se insere (ZANELLA et al, 2006, p. 33). Essa ênfase no sujeito e na sua constituição se dá no bojo da contemporaneidade, a qual trouxe discontinuidades, rapidez das mudanças e a quebra da narrativa histórica, de tempos e espaços demarcados. Nela, não há mais a crença no passado como constitutivo do presente e previsor do futuro (GIDDENS, 1991). Sendo assim, é necessária a compreensão do sujeito adulto e da vida adulta contemporânea, problematizando-a e compreendendo as singularidades passíveis de serem construídas, olhando-as sempre em relação direta com a história e com o social.

Este trabalho encontra-se estruturado da seguinte maneira: na apresentação revelam-se o contexto e as motivações sob os quais foi eleito o tema de pesquisa. Na introdução, aprofunda-se o tema e

delimita-se o problema, com a exposição dos objetivos e das justificativas da investigação. A segunda sessão traz o referencial teórico – o adubo da pesquisa, onde são aprofundadas as categorias sentidos, vida adulta e trabalho, as quais fundamentaram teoricamente a mesma e serviram de embasamento para a análise dos dados. A terceira sessão trata do método utilizado na escolha dos sujeitos, coleta, análise e devolução dos dados – as ferramentas e formas de plantio da semente e manejo da planta; a quarta traz a colheita dos frutos: os resultados, sua análise e discussão, as quais se dividem em três núcleos de significação. Por último, a título de conclusão, temos na quinta sessão as considerações ou cuidados finais.

2 O ADUBO

O adubo é o fermento da terra, o nutriente que facilita o crescimento da planta e sua frutificação. Para cada planta, um tipo de adubo – o qual também será um complemento para o tipo de solo. Em uma investigação, o adubo é o marco teórico, o qual fundamentará as categorias presentes na questão de pesquisa dando subsídios ao seu desenvolvimento. Para atender aos objetivos propostos nesse trabalho, três temáticas precisaram ser exploradas de forma a nutri-lo: a noção de sentidos, a noção de vida adulta e a noção de trabalho.

2.1 OS SENTIDOS

A noção de sentidos tal como é compreendida nesta pesquisa parte dos ensinamentos de Lev Semionovitch Vygotski, (1896 – 1934) que no início do século XX propôs o materialismo histórico dialético como método para a Psicologia, buscando superar “dicotomias resultantes das concepções estritamente objetivistas ou subjetivistas” (GONÇALVES, 2009, p. 126). Vygotski percebe o ser humano como ser histórico e cultural, concebendo sujeito e sociedade como mutuamente constituídos. Como afirmam Zanella et al (2007, p. 28), ao propor esta mudança epistemológica e metodológica, ele contraria “perspectivas que isolam o sujeito de seu contexto, pois o próprio psiquismo é constituído historicamente na complexa e indissociável relação sujeito e sociedade”. A Psicologia proposta por Vygotski assume a complexidade da realidade, onde os fenômenos são interdependentes.

A investigação da vida adulta nesta pesquisa partiu desta concepção de sujeito, constituído social e historicamente e sendo ao mesmo tempo, único, social e histórico. Sendo parte integrante da natureza, em sua relação com ela o homem lhe dá novas formas, conferindo a essas últimas uma significação. Assim, “na atividade humana opera uma dupla mediação: a técnica e a semiótica” (SIRGADO, 2000, p. 58), sendo que a primeira permite a transformação da natureza e, a segunda, o ato de significar o produto de tal transformação. Nas palavras de Aguiar e Ozella (2006, p. 225), sendo o homem “ser social e singular, síntese de múltiplas determinações, nas relações com o social (universal), constitui sua singularidade através das mediações sociais (particularidades/circunstâncias específicas).” Segundo os autores, pela apreensão das mediações sociais constitutivas do sujeito, é possível sair da aparência e ir à busca do processo, do que

não foi dito, ou seja – do sentido. A linguagem é uma dessas mediações, e foi intensamente estudada por Vygotski. Em suas pesquisas sobre o pensamento e a linguagem, afirma ser o sentido de uma palavra predominante sobre o seu significado:

Uma palavra adquire o seu sentido no contexto em que surge; em contextos diferentes, altera o seu sentido. O significado permanece estável ao longo de todas as alterações do sentido. O significado dicionarizado de uma palavra nada mais é do que uma pedra no edifício do sentido... (VYGOTSKI, 2008, p. 181).

A palavra, por sua vez, é um signo a representar o objeto na consciência, signo este que é, ao mesmo tempo, “produto social a designar a realidade objetiva, construção subjetiva compartilhada por diferentes indivíduos e construção individual, que se dá através do processo de apropriação do significado social e atribuição de sentidos pessoais” (GONÇALVES, 2009, p. 126).

Pino (1993, p. 54) argumenta que os signos são criação humana, o que equivale a dizer que não são naturais em si, portanto as relações criadas entre as coisas não existem naturalmente: “estabelecer uma ligação quer dizer atribuir a uma coisa o poder de significar outra coisa. Portanto, o valor de um signo está no que ele significa, ou seja, naquilo ao qual ele refere: a significação”. Como salienta Namura (2004, p. 113), os sentidos são produzidos “para e a partir de comunidades/cultura particulares, isto é, em instâncias locais e condições específicas sem pretensões de estabelecer leis universais”. Sendo assim o signo “adulto”, por exemplo, tem valor na significação atribuída a ele, e tal significação não existe por si só – ela é construída pelos homens, cultural e historicamente, o que implica também na possibilidade de mudança aí implícita (grifo da pesquisadora). A respeito da significação e do processo de produção de sentidos, Tolfo et al (2005, p. 4) propõem a seguinte explicação:

A significação ocorre nas interações sociais e diz respeito ao processo de produção de sentidos e aos significados por estes veiculados, aquilo que o signo significa para os sujeitos. O significado é um componente indispensável da palavra, o qual é generalizável, portanto, compartilhado socialmente, caracterizando-se na zona mais

estável do sentido, não sendo, no entanto, imutável.

A palavra signo “representa o objeto na consciência”, portanto os signos representam “uma forma privilegiada de apreensão do ser, pensar e agir do sujeito” (AGUIAR e OZELLA, 2006, p. 225). Mas, se a significação de um signo é convencionalizada pelos homens, seu poder significativo vai além do convencionalizado, na interação comunicativa. Na fala, como relata Pino (1993, p. 54), outras significações podem ser produzidas: “os sujeitos têm o poder de fazer com que as palavras digam mais e outra coisa diferente da que elas dizem convencionalmente” – essa é a noção de sentido. Na transformação do pensamento em palavra, esta última nunca corresponderá diretamente ao primeiro, “há sempre um subtexto oculto em cada enunciado”, afirmam Zanella et al (2007, p. 31). Segundo as autoras, o pensamento se constitui por meio de palavras ou outro signo pelo qual se objetiva, “tanto em sua dimensão física, ou seja, pelo som, traço ou imagem que o apresenta, quanto pelos sentidos produzidos nos contextos de interlocução, sentidos esses que pressupõem necessariamente algum outro, presente ou ausente”.

Sendo assim, sentido e significado só podem ser compreendidos juntos – pois não existem em separado – e “constituídos pela unidade contraditória do simbólico e do emocional” (AGUIAR e OZELLA, 2006, p. 226). Partindo da compreensão dos significados, através da interpretação, pode-se chegar aos sentidos, sua zona mais instável e profunda. Estes são bem mais amplos que os primeiros, pois representam a produção dos eventos psicológicos do sujeito frente a uma realidade, portanto traduzindo a sua singularidade historicamente construída. Podem ser tanto marcados por sua trajetória individual, quanto, compartilhados por determinados grupos. Cabe ao pesquisador buscar as determinações históricas e chegar aos sentidos atribuídos pelos sujeitos. Como explica Aguiar (2009, p. 131), tais determinações “se configuram no plano do sujeito como motivações, necessidades, interesses”. A partir de suas falas e expressões, busca-se construir “um conhecimento que desvele a realidade pesquisada” (p. 132). Na investigação sobre a vida adulta dos sujeitos desta pesquisa, optou-se por, através de suas falas, determinações históricas e também pelos registros imagéticos por eles produzidos, encontrar os sentidos a ela atribuídos.

2.2 A VIDA ADULTA

A temática da vida adulta na literatura científica mostra-se, ao mesmo tempo, escassa e esparsa, por encontrar-se distribuída desta maneira entre as diferentes áreas de estudo, não sendo assim tarefa simples organizar as opiniões dos diversos autores e os vários aspectos colocados em questão acerca do assunto. Para contextualizar a vida adulta na contemporaneidade nesta investigação optou-se por, primeiramente, traçar um breve histórico de como ela tem se mostrado desde a idade média até os dias atuais, e no que ela vem se diferenciando, ao longo da história, de outras categorias sociais como a infância e a juventude. Num segundo momento, foram contempladas as concepções a respeito do adulto, da vida adulta ou adultez, bem como do desenvolvimento humano, sob diferentes pontos de vista. Finalmente, na última sub-sessão desta sessão, foi feita uma breve exposição a respeito do prolongamento da transição entre juventude e adultez, fato social recente descrito por diversos autores, bem como das mudanças nessa vida adulta e sua relação com o mundo do trabalho na contemporaneidade.

2.2.1 Breve histórico da vida adulta e sua relação com a infância e a juventude

Historicamente, a concepção de vida adulta não foi da mesma forma em diferentes épocas. Philippe Ariès, em seu livro *História Social da Criança e da Família* (1978), mostra-nos que na Idade Média a passagem para o mundo dos adultos se iniciava ainda na infância quando, aos sete anos, as crianças eram levadas pelos pais para viverem em outra família, onde aprendiam a servir, a ter boas maneiras, enfim, onde eram educadas e de onde só saíam já adultas, muitas vezes não retornando à família de origem. Também em torno dos sete anos as crianças já eram demandadas como adultos, e com eles participavam de todas as tarefas e atividades sociais, sem distinção. A partir do século XV, a extensão da frequência escolar transforma a escola em um local de transição, tornando-a “o instrumento normal da iniciação social, da passagem do estado da infância ao do adulto” (ARIÈS, 1978, p. 231).

A partir das transformações na família – primeiramente na família burguesa – em direção a uma separação entre o mundo familiar e o exterior, a criança deixa de ser vista como um pequeno adulto e passa a ser objeto de atenção particular, tendo para si um “projeto educativo individualizado, que de certo modo qualifica o lugar que ela virá

posteriormente ocupar na sociedade adulta” (PERALVA, 1997, p. 16). Essa mudança no modo de ver e tratar a criança mostra-se evidente na família do século XVII, na qual ela se torna indispensável e foco da atenção dos pais, preocupados com sua educação, carreira e futuro – equivalendo a dizer que se preocupavam em quão preparados iriam chegar ao mundo dos adultos. Com a chegada da modernidade, portanto, as crianças já ocupavam um lugar privilegiado na família, no sentido de serem cuidados pelos demais. Por outro lado, mesmo protegidas do mundo adulto em vários âmbitos desde o século XV, ainda assim eram logo nele inseridas: havia, entre os séculos XVI e XVII, uma literatura sobre civilidade e regras de conduta – algo que hoje poderia ser chamado de um “conhecimento da sociedade”, como coloca Ariès (1978, p. 245), a qual era destinada a todos, inclusive às crianças, mesmo não sendo uma literatura escolar. Dessa maneira, apesar de haver formas de transição ao mundo adulto, em certos aspectos elas já eram desde cedo tratadas como tal.

Segundo Peralva (1997, p. 16), assim como a infância destaca-se com o início da modernidade, também a juventude “aparece como configuração própria da experiência moderna”. A autora afirma que o ponto principal de diferenciação dessas duas categorias antes e depois da era medieval diz respeito à educação: enquanto as crianças medievais aprendiam a ser adultas convivendo com adultos, na modernidade tanto elas como os jovens tornaram-se objetos de uma ação educativa e socializadora de caráter voluntário, a partir do Estado, o qual usou como instrumento a escola. Assim a juventude, como categoria social, produz e é produzida por relações sociais, e um exemplo disso foi o fator de diferenciação gênero, que desde o início da modernidade e durante muito tempo ainda, tornou as mulheres adultas bem mais cedo, tão logo tivessem idade para se casar e gerar filhos – já que a escola era frequentada somente por rapazes. A classe social também foi fator diferenciador e continua sendo, na contemporaneidade, quando do abandono da escola por crianças e jovens levados pela necessidade de trabalho e sustento.

A noção de juventude como categoria social sofreu um enfraquecimento, na primeira metade do século XIX, em função da grande demanda por mão-de-obra infantil. A partir do século XX, porém, já se fez presente e se consolidou cada vez mais, trazendo, inclusive, o caráter problemático dos jovens quando não se encaixam em determinado padrão de socialização (ABRAMO, 1994). Eles passaram a ser vistos como um problema dessa era, em contraposição a uma construção paralela da juventude considerada “normal” (Grifo da

pesquisadora). Ozella e Aguiar (2008, p. 100) recordam as concepções da década de 60, apontando o jovem como “crítico, generoso, criativo” e as preponderantes desde os anos 90, associando-os “à violência, às drogas, ao individualismo”. Também a Sociologia da juventude constituiu-se em parte, segundo Peralva (1997, p. 18), como uma “sociologia do desvio: jovem é aquilo ou aquele que se integra mal, que resiste à ação socializadora, que se desvia em relação a um certo padrão normativo”.

Paralelamente ao caráter de desvio, o conceito de juventude³ tem sido utilizado tradicionalmente para definir uma faixa etária, um período de vida em que mudanças físicas, psicológicas e sociais ocorrem e onde se completa o desenvolvimento do sujeito que sai da infância em direção ao mundo adulto. No início da segunda metade do século XX, várias das teorias psicológicas dispostas a explicar essa trajetória não chegavam a considerar em seu bojo as diferenças sociais, culturais e históricas entre diferentes juventudes. Winnicott (2001, p. 116), ao descrever a chamada adolescência, propõe a sua “cura” pelo passar do tempo. Alguns autores da Psicanálise, por sua vez, incluem o tema da adolescência no ramo da Psicopatologia⁴. Mckinney, Fitzgerald e Strommen (1983) a definem cronologicamente e fazem paralelos entre o desenvolvimento humano e o de outros animais, porém seguem um caminho alternativo ao debaterem sobre os estereótipos ligados a ela, segundo os quais o adolescente é visto como perigoso, desajustado, etc. Erikson (1976) fala em crises de identidade que se iniciam com a adolescência, perduram durante a juventude e retornam em outras fases do ciclo de vida. Para esses autores existe uma concepção da juventude como um período distinto e do jovem como um ser inacabado, ao contrário do adulto que já teria completado o seu desenvolvimento.

Uma grande contribuição no sentido de demonstrar o caráter primordialmente cultural da adolescência foram as pesquisas da antropóloga Margaret Mead com adolescentes de Samoa (MEAD, 1961). Mais recentemente, autores como Bock (2004) e Ozella e Aguiar

³ Neste parágrafo utilizarei ora o termo juventude, ora adolescência, conforme a utilização feita por cada autor citado.

⁴ Alguns dados para ilustrar essa afirmação: no dicionário enciclopédico de psicanálise (KAUFMANN, 1996, p. 4), o termo adolescente aparece como “adolescente, psicopatologia do” e ao tema são dedicadas quatro páginas com diferentes classificações para o conceito. Aberastury e Knobel (1981) também trataram a adolescência como período crítico, caracterizando-a como uma síndrome situada num limite tênue entre a normalidade e a patologia; Calligaris (2000, p. 16) traz uma visão mais atualizada, mas não deixa de caracterizar a adolescência como uma “época no mínimo inquieta”, apontando as possíveis razões para isso.

(2008), buscam desmistificar as concepções naturalizantes de adolescência, as quais a concebem como um período crítico, cumprindo “o papel ideológico de camuflar a realidade, as contradições sociais, as verdadeiras mediações que constituem tal fenômeno” (OZELLA e AGUIAR, 2008, p. 100). Por outro lado, pode-se dizer que as noções tradicionais de adolescência e juventude posicionam socialmente o adulto em um lugar de suposta estabilidade. Mas elas vêm sendo substituídas por um conceito de juventude histórico, social e culturalmente variável, não só em relação ao tempo de duração como em relação aos significados nele contidos. Nem todas as formas sociais apresentam a juventude caracterizada como um período distinto, como uma categoria social (ABRAMO, 1994).

A respeito da faixa etária como definidora da juventude, e desta última como categoria social, Bourdieu (1983, p. 113) afirma ser a idade um “dato biológico socialmente manipulado e manipulável” e, acrescenta: “o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente”. Há muitos modos de ser jovem e, segundo esse autor – precursor da visão contemporânea do uso do termo no plural – há pelo menos duas juventudes, a dos jovens que estão na escola e vivem uma “irresponsabilidade provisória” (BOURDIEU, 1983, p. 114) e a dos que, na mesma idade, já trabalham. Essa irresponsabilidade provisória seria típica do universo da adolescência daqueles que estudam, quando se é adulto para certas coisas e criança para outras – entre esse extremo e o do jovem que já trabalha, segundo o autor, há uma série de figuras intermediárias. Ainda em relação à idade, Levi e Schmitt (1996, p. 1) argumentam que ela é condição transitória, e pertencer a uma faixa etária é algo provisório, portanto os jovens “não pertencem a grupos etários, eles os atravessam”.

Assim, a noção de juventudes vem substituindo conceitos mais tradicionais os quais definem juventude de forma única e totalizante. Há várias juventudes, ou várias formas de ser jovem. Não há “um conceito único de juventude que possa abranger os diferentes campos semânticos que lhe aparecem associados”, afirma Pais (1996, p. 37). Para ele, são necessárias diferentes teorias tanto para as diferentes juventudes como para as diferentes maneiras de olhar para elas. Vários outros autores utilizam a noção de juventudes para designar esta etapa de vida (GROPPO, 2000; SPOSITO, 2003; ABRAMO, 2005; OZELLA e AGUIAR, 2008; QUAPPER, 2001). Ela não possui um fim predeterminado e nem tampouco é uma passagem, um momento de

preparação a ser superado com a vida adulta, mas sim parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos (DAYRELL, 2003). Nesse processo, pode-se até dizer que o jovem transita para a vida adulta, mas não de forma linear.

Diante das evidências históricas, pode-se dizer que até o final da era medieval a vida adulta abrangia quase todo o tempo de vida dos sujeitos, sendo permeada por práticas sociais nas quais todos eram inseridos desde cedo. A partir do que se pode chamar de uma construção social da infância e, posteriormente, da juventude, o ingresso na vida adulta foi sendo prorrogado e antecedido por um período cada vez maior de escolarização, o qual servia e serve, cada vez mais, à preparação dos sujeitos para uma vida social em que o trabalho e a obtenção de capital são primordiais à sobrevivência.

2.2.2 Concepções sobre o adulto, a vida adulta e o desenvolvimento humano

Há poucas pesquisas sobre o adulto e a vida adulta, ao contrário do grande número de publicações a respeito da infância e da juventude (SOUSA, 2007; OLIVEIRA, 2004; MOTA, 2005). Buscando pelo seu significado em dicionários de psicologia, sociologia e filosofia, somente em Arnold (1982, p. 25) foi encontrado um conceito para o termo adulto. Descrito pelo autor como “adulto, psicologia do”, refere-se a uma atribuição da psicologia do desenvolvimento e considera, nessa área de estudo, fatores não só biológicos como sócio-culturais, afirmando a dificuldade em estabelecer uma distinção clara da idade de início – “em geral, a partir dos 30 anos até a velhice” – e relaciona tal faixa etária à de maior produtividade, desempenho e criatividade. Em outros dicionários⁵, o termo não foi encontrado.

Ao definir a vida adulta, ou adulez, alguns autores apresentam-na como um estágio final a ser atingido, onde aparentemente não há mais desafios a serem vencidos ou onde foi atingido um ápice de desenvolvimento, denotando uma suposta estabilidade em todos os aspectos da vida. Entre estes autores, Winnicott (2001) baseia-se na teoria psicodinâmica e fala do conceito de “maturidade relativa”, que considera maturidade sinônimo de saúde e a avalia em função de cada estágio de desenvolvimento: uma criança de três anos é madura se está

⁵ Pesquisa feita nos dicionários de psicologia Laplanche e Pontalis (1988), Kaufmann (1996) e Roudinesco e Plon (1998); nos dicionários de sociologia Globo (1970) Boudon e Bourricaud (1993); e no dicionário de filosofia Abbagnano (1982).

saudável para essa idade, assim como “o adulto sadio é maduro enquanto adulto, o que significa que já transpôs todos os estágios de imaturidade, isto é, todos os estágios maduros anteriores” (p. 129). Já Foracchi (1972), ao descrever a vida adulta sob a percepção da sociologia, afirma que ser adulto é atingir uma condição social e humana onde se dá a plenitude de *status*, a máxima participação e a completa identificação com os ideais de uma sociedade, onde o sujeito é capaz de perpetuar o tipo de vida social por ela adotada. Por outro lado, admite o caráter sócio-histórico deste conceito, ao afirmar a construção de uma noção ideal de adulto em cada sociedade, onde são sintetizadas suas maiores aspirações, valores e normas. Mckinney, Fitzgerald e Strommen (1983, p. 16) apresentam concepção semelhante ao afirmar que as pessoas são consideradas adultas “quando a comunidade adulta delas espera que adotem as responsabilidades inerentes ao seu ingresso na comunidade e lhes confere os privilégios resultantes”.

A partir dos estudos de Erikson (1976, p. 136), cada estágio do desenvolvimento psicológico envolve a superação de uma crise, e assim como na adolescência ocorre a crise de identidade em contraponto a uma confusão de papéis, para se atingir a fase adulta deve haver a superação de outra: a da intimidade: “só quando a formação de identidade está em pleno desenvolvimento é que a verdadeira intimidade [...] é possível” – argumenta o autor. Ele considera não somente a intimidade sexual, mas uma capacidade em desenvolver a “autêntica e mútua intimidade psicossocial com uma outra pessoa, seja na amizade, em encontros eróticos ou em inspiração conjunta”, sem a qual o jovem pende para a alienação típica dessa fase – o isolamento. O papel dos relacionamentos é então enfatizado na sua conceituação de adulto. Também cita o “sentimento ético” como típico do adulto, em contraposição à “convicção ideológica da adolescência e ao moralismo da infância” (p. 137), bem como da generatividade, em oposição à estagnação, como uma crise do adulto já formado. Ela seria um sentido de altruísmo, onde existe disposição em ajudar o próximo, preocupação com a educação e cuidado com as próximas gerações, além da capacidade de confiança, independência, auto-imagem positiva e ausência de culpa em relação ao já vivido.

Guerreiro e Abrantes (2005, p. 162) se referem à visão tradicional de transição para a vida adulta como aquela correspondente “ao momento em que os jovens, simultaneamente, abandonam o agregado familiar de origem e casam, constituindo uma nova família”. A respeito do relacionamento como aspecto importante, os autores apontam uma tendência entre os jovens portugueses: o casamento, o qual tende a

significar para muitos deles um modo de institucionalizar a transição entre o passado de liberdade e o futuro de estabilidade e responsabilidade. Apesar da diversidade encontrada em sua pesquisa, referem que para a maioria desses jovens a vida adulta é concebida como um período de estabilidade, onde estarão casados, com filhos e vivendo em casa própria, modo de vida que os autores chamaram de “pacote familiar” (KUGELBERG, 1998 *apud* GUERREIRO E ABRANTES, 2005). Soares (2002) também relaciona o casamento à vida adulta, ao concebê-la como o ápice do desenvolvimento físico e emocional, no qual o sujeito sai da infância, supera a adolescência e a juventude e torna-se apto a comprometer-se com o trabalho e a estabelecer relações afetivas estáveis.

A concepção de vida adulta como um estágio, fase ou etapa, é constante entre vários autores. Levi e Schmitt (1996, p. 2) citam os ritos de saída e entrada, que “dão a imagem de um processo de consolidação por etapas, o qual garante uma progressiva definição dos papéis da idade adulta”. Mosquera (1978) divide a vida do adulto em sub-estágios: adulto jovem, adulto médio, adulto velho, e define não só faixas etárias como traços característicos de cada fase. Tais sub-estágios também são citados por Mckinney; Fitzgerald; Strommen (1983), que definem a fase seguinte à adolescência e anterior à fase adulta como a do adulto jovem e por Sousa (2007, p. 65), que além dessa última utiliza outra expressão: “jovem adulto”, da qual Groppo (2000) também lança mão como uma categoria da idade adulta.

Sousa (2007, p. 60) utiliza o termo “adulto padrão” para designar o adulto como modelo a ser atingido, com estabilidade profissional, financeira e familiar:

O adulto padrão define-se como o indivíduo equilibrado, estável, instalado e, conseqüentemente, rotineiro. Trata-se de um adulto produto da confiança ilimitada no progresso, na possibilidade de se poder controlar e projetar todas as dimensões da vida humana através da definição de um ciclo de vida linear, com etapas a percorrer e objetivos a cumprir. O adulto padrão será aquele que atingiu a maturidade biológica, sexual, psicológica.

Segundo essa autora, o modo tradicional de entrada na vida adulta já deixou de ser referência da norma por vir sofrendo pressões sociais, porém ainda se considera a adulez uma idade de referência,

onde aparentemente não há conflitos. Encarada dessa forma, vida adulta não se caracteriza por uma etapa qualquer, mas sim pela etapa a qual todos devem chegar: “estatuto a atingir pelos mais jovens e a recordar com nostalgia pelos mais velhos” (Sousa, 2007, p.64), um “estatuto de estabilidade” (p. 63), o qual não se define somente por fatores etários, remetendo-se geralmente a uma idade encontrada entre 25 e 65 anos, o que corresponderia que a juventude se estenderia até os 24 anos.

Assim como os conceitos de estágios, etapas ou fases, a faixa etária é muitas vezes utilizada como marcação aproximada para o final da adolescência, o período que compreende a juventude, bem como a entrada na vida adulta, e são variadas as idades apontadas. Há as demarcações jurídicas – os 18 anos, para o ECA (BRASIL, 1990), correspondem ao final da adolescência; já para a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2011), esta etapa finda aos 19; e há definições de autores como Mosquera (1978, p. 110), para o qual o adulto jovem situa-se entre os 25 e 40 anos de idade, o adulto médio dos 40 aos 65 e o adulto velho, dos 65 até a morte. Já Guerreiro e Abrantes (2005, p.170) sugerem o entendimento da transição para a vida adulta como um “percurso a dois tempos”, sendo o primeiro mais voltado às experiências e com menos preocupações, e o segundo marcado pela estabilidade, com o desejo de casar e ter filhos; e indicam, a partir de suas pesquisas com jovens portugueses, os 30 anos como a fronteira simbólica entre os tempos de juventude e vida adulta.

De acordo com pesquisa realizada pela empresa Viacom Networks Brasil⁶ em 2008 (PRADO, 2009), são três as etapas da juventude e a última, correspondente à “idade de ouro” e mais próxima da idade adulta, vai dos 25 aos 34 anos. Para os jovens entrevistados essa fase corresponde àquela na qual já sabem o que querem e começam a ter os meios para isso, porém ainda sem tanta cobrança e responsabilidade. A respeito da idade como definidora de fases ou estágios da vida, Calligaris (2000) nos lembra ser bem mais fácil determinar o início da adolescência do que o seu término ou o início da idade adulta, pois não se sabe, ao certo, o necessário para um adolescente tornar-se adulto em nossa sociedade. Antes da construção sócio-histórica da ideia de adolescência como uma fase de vida, as crianças já estavam inseridas no mundo adulto quando passavam pelas mudanças fisiológicas da puberdade, um dos aspectos inerentes à adolescência tal como é caracterizada atualmente.

⁶ A pesquisa envolveu 18 países e 28 mil pessoas.

Viver uma vida adulta pode ser difícil, e diferenciar-se muito da juventude – onde tradicionalmente existe uma maior permissão social para a experimentação e o erro – por requisitar daquele que a vivencia deveres e responsabilidades também. Na sociedade brasileira atual, alia-se à essa dificuldade o fato de o mercado de trabalho não dar conta da demanda dos jovens por emprego, assim como o sistema de ensino não supera as suas necessidades de formação profissional de forma a poderem competir no mercado, cada vez mais concorrente (Correa, 2008). Sendo o desemprego um problema em nível mundial, não se pode deixar de citar a juventude como “um dos segmentos sociais que mais sofrem as suas consequências”. (CÂMARA e SARRIERA, 2001).

Talvez por tais razões ocorra hoje, em muitas sociedades e em determinados segmentos sociais, um prolongamento da juventude com a consequente entrada mais tardia na vida adulta, como já foi afirmado anteriormente⁷. Pesquisas realizadas sobre juventude no Brasil apontam na mesma direção, a partir de um dado interessante: a faixa de idade dos entrevistados aumentou, de uma pesquisa realizada em 2003 (CRITERIUM, 2003) para outra realizada em 2008⁸ (Juventude e Integração Sul-Americana: diálogos para construir a democracia regional, 2008), de 15-24 anos para 18-29 anos passando, dessa última para a já citada pesquisa da Viacom Networks Brasil, para 16-34 anos.

Mas a questão biológica da idade não é suficiente para explicar ou definir o espaço de tempo no qual um sujeito vive uma vida adulta, apesar de ser um fato concreto, como nos lembram Margulis e Urresti (2000). Tais autores demonstram uma base comum a todos os jovens, de todas as classes: as transformações biológicas, a suposta distância da morte, o excedente de tempo, ou seja, a “moratória vital” (p. 20), que inclui a todos os jovens em um grupo possuidor de “capital energético” (p. 23) como valor de uso. A essa base primeira e anterior devem, porém, ser acrescentados posteriormente outros aspectos, os das distinções sociais e econômicas existentes entre os vários grupos juvenis – e a moratória vital passa, então, a moratória social, pois o valor do capital é mais ou menos rentável conforme esses últimos.

Erikson (1976, p. 129) foi o primeiro autor a utilizar o termo “moratória”, e relacionou-o à espera do adolescente até a integração dos elementos de identidade infantis, a partir do contato com a sociedade.

⁷ Ver página 25.

⁸ Pesquisa em nível sul-americano, segundo a qual são considerados adultos sujeitos de idade entre 30 e 60 anos (a juventude brasileira corresponde a 26% da população, com 50,2 milhões de jovens).

Mais tarde, outros também o fizeram - como Calligaris (2000), que o conceituou como o tempo de suspensão entre a maturação do corpo do adolescente e a sua autorização para realizar os valores sociais mais básicos – como o sexo, o amor e o trabalho.

Considerando as atribuições geralmente relacionadas à vida adulta, como o sustento econômico, assumir relações estáveis e filhos, não há uma idade que determine a adultez. Sob esse ponto de vista o conceito de adulto está mais voltado ao comprometimento com as tarefas da vida cotidiana, as quais são definidas e construídas socialmente, como salienta Heller (2000). Segundo a autora, adulto é aquele “capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade” (p. 18), ou seja, deve dominar a manipulação das coisas e ter assimiladas as relações sociais.

Comprometimento, autonomia e responsabilidade relacionam-se entre si. A esse respeito cabe citar a pesquisa de Ozella e Aguiar (2008), com adolescentes das classes A a E do município de São Paulo, em que praticamente todos se referiram à responsabilidade para definir o marco de entrada na vida adulta. Responsabilidade, nesse caso, implica “diferentes atividades, práticas, formas de inserção, sentimentos, etc.” (p. 122). Destacam-se, entre os grupos investigados pelos autores, as diferenças entre as adolescentes do sexo feminino das classes D e E e aquelas das classes A e B: enquanto para as primeiras responsabilidade está ligada a dar melhores condições para os filhos, trabalhar, sofrer, para as segundas significa ter um pouco mais de seriedade e ter família – mas sem se referirem a sofrimento, trabalho ou futuro.

Pode-se arriscar a dizer, a respeito do trabalho de Ozella e Aguiar (2008), que as diferenças na noção de responsabilidade entre as adolescentes apontam também para diferenças na noção de vida adulta, e que ao se atribuir sentidos à vida adulta os sujeitos estarão sempre atrelados às histórias, sociedades, culturas e classes às quais pertencem. A partir dessa reflexão fica clara, novamente, a ineficácia do critério da idade como único definidor de um estágio ou momento do ciclo da vida – pois, enquanto os adolescentes de classes médias e altas tenderão a prolongar a transição para a vida adulta, os de classes mais baixas tornar-se-ão adultos mais cedo em relação àqueles, por necessidade.

A idade é, portanto, um critério falho, ao calcar-se “numa visão naturalista e objetivista, característico das definições das ciências modernas” (HENRIQUES; JABLONSKI; FÉRES-CARNEIRO, 2004, p. 7). Ademais, ela é construída social e historicamente, como afirma Peralva (1997, p. 15):

As idades da vida, embora ancoradas no desenvolvimento bio-psíquico dos indivíduos, não são fenômeno puramente natural, mas social e histórico, datado, portanto, e inseparável do lento processo de constituição da modernidade, do ponto de vista do que ela implicou em termos de ação voluntária sobre os costumes e os comportamentos, ou seja, naquilo que ela teve de intrinsecamente educativo.

Para Oliveira (2004), a Psicologia não chegou a formular satisfatoriamente uma psicologia do adulto. Em geral, traduz a fase adulta como de estabilidade e sem grandes transformações importantes, uma inverdade se pensarmos nas questões vividas pelos adultos – trabalhar, assumir relacionamentos amorosos, ter filhos, educar os filhos, ter projetos individuais e coletivos. A compreensão do ciclo de vida adulta, refere a autora, passa pelo conhecimento das atividades com os quais os sujeitos estão envolvidos e dos “instrumentos, signos e modos de pensar” (p. 218) a elas relacionados. É preciso, portanto, estabelecer de que adulto se está falando quando se busca uma historicização da psicologia do adulto. Esse ponto de vista vem ao encontro dos objetivos da presente investigação, no sentido de admitir não haver apenas uma maneira de ser adulto ou, ainda, de viver uma vida adulta. Da mesma forma que há vários modos de transição para ela, pressupõe-se haverem maneiras diversas de viver essa vida adulta, e não apenas uma.

Ao falar em uma psicologia do adulto, por outro lado, não se pode deixar de reportar ao estudo do desenvolvimento humano, cuja ênfase tradicional na infância e na adolescência como únicos focos de investigação vem mudando, como afirma Mota (2005). Para a autora, o dever de estudar o desenvolvimento dos indivíduos ao longo de todo o seu ciclo vital já é consenso na psicologia do desenvolvimento humano. Ao discutir sua delimitação conceitual, leva em consideração perspectivas e tendências atuais nesta área, e assim o define:

O estudo, através de metodologia específica e levando em consideração o contexto sócio-histórico, das múltiplas variáveis, sejam elas cognitivas, afetivas, biológicas ou sociais, internas ou externas ao indivíduo que afetam o desenvolvimento humano ao longo da vida (p. 106).

Observa-se, em relação aos vários autores da contemporaneidade, que os mesmos vêm assumindo com mais frequência a historicidade da vida adulta ao atribuírem-lhe significados. Tendo em vista as contribuições teóricas encontradas sobre o tema, pode-se dizer que o conceito de vida adulta tornou-se atualmente bastante elástico, aceitando atribuições diferentes conforme o contexto social, cultural e histórico. A idade, como caráter biológico da adultez, não é um fator determinante, e algumas características parecem ser mais frequentes entre os autores – como a autonomia, o entendimento e cumprimento das regras sociais, os relacionamentos, a independência financeira. Tais requisitos, entretanto, não são universais, e mesmo dentro de cada um as variações são múltiplas. Na contemporaneidade, paralelamente aos modelos tradicionais que ainda persistem, a vida adulta se coloca como descontínua, flexível, imprevisível, variável e construída conforme a cultura, a sociedade e a história.

A investigação dos sentidos de vida adulta contemplada neste trabalho também assume esse posicionamento contemporâneo, e perpassa o estudo do desenvolvimento humano tal como é colocado, principalmente, por Oliveira (2004) e Mota (2005), visto a preocupação dessas autoras em considerar a constituição sócio-histórica dos sujeitos. A partir do momento em que se contextualiza o termo “desenvolvimento”, é possível estudar as transformações pelas quais tais sujeitos passam ao longo do ciclo de vida abandonando, contudo, os pontos de vista tradicionais que dividem a vida em etapas ou estágios distintos (Grifo da pesquisadora). Optou-se, aqui, por utilizar preferencialmente a expressão *ciclo de vida* para designar a vida adulta, bem como por considerar, aqueles fatores que Palacios (1995, p. 9, *apud* OLIVEIRA, 2004) relaciona ao processo de desenvolvimento humano, quais sejam: “1) a etapa da vida em que a pessoa se encontra; 2) as circunstâncias culturais, históricas e sociais nas quais sua existência transcorre e 3) experiências particulares privadas de cada um e não generalizáveis a outras pessoas” – sendo essas últimas particularmente importantes na construção dos sentidos de vida adulta pelos sujeitos desta pesquisa.

2.2.3 Juventude prolongada, vida adulta elástica e transformações no mundo do trabalho: consequências da modernidade

Vários autores têm pesquisado as formas de transição para a vida adulta na contemporaneidade, entre os quais Camarano et al (2004), Pais

(2009) e Borges e Magalhães (2009), que concordam em afirmar as mudanças ocorridas nesses padrões de transição durante as últimas décadas.

Dentro do ciclo de vida adulto, não há como negar a independência econômica como um dos requisitos importantes a serem conquistados nas sociedades contemporâneas. Sobre esse aspecto, Pimenta (2005, p. 385) afirma, a partir das pesquisas de Maria das Dores Guerreiro e Pedro Abrantes com jovens europeus: “a transição para a vida adulta ainda é associada à conquista da independência financeira, situação essa que, para a quase totalidade dos jovens, é alcançada via rendimentos por meio do trabalho”. A independência econômica, portanto, é importante para aqueles jovens na aquisição do *status* de adulto, e “obter um emprego é considerado a base para todos os demais projetos que constituem a entrada na vida adulta”, entre eles o projeto familiar.

Guimarães (2006, p. 171) concorda com esse ponto de vista, afirmando ser a entrada no mercado de trabalho um dos principais momentos de transição para o ciclo de vida adulto, por ser também “condição de possibilidade para que outras dimensões da passagem da adolescência à vida adulta se efetivem”, como a autonomia em relação à família de origem e a independência material necessária à constituição de família própria e descendência.

Na busca da independência econômica através do trabalho, outro elemento ligado ao *status* de adulto também vai se constituindo – a identidade profissional, aspecto importante da constituição identitária dos sujeitos. Perceber-se como um trabalhador, pertencendo ao mundo do trabalho, faz parte do reconhecimento como adulto. Na contemporaneidade, distintamente do que ocorria no século passado, tal processo mostra-se complexo, tanto pela dificuldade em ingressar no mercado quanto pelas suas características, que envolvem a precariedade e transitoriedade nas relações de trabalho. Ainda assim o processo de construção da identidade profissional mostra-se possível, mesmo que diferente. Como apontam Coutinho, Krawulski e Soares (2007, p.35):

Na contemporaneidade, portanto, estão presentes as dimensões da mudança e da continuidade, requerendo dos sujeitos que se identifiquem, a cada momento, com algo novo, e reconheçam em suas trajetórias uma dimensão temporal, integrando passado, presente e futuro, no mundo laboral.

Em relação às dificuldades de inserção no mercado de trabalho, destaca-se a pesquisa de Dias (2009, p. 63) com jovens saindo da universidade, onde a busca do primeiro emprego “se configura como um momento particular, objetivamente gerador de inseguranças e ansiedades para o sujeito”. Aquele jovem com formação universitária, ao buscar um trabalho dentro de sua escolha profissional, “percebe, pelos indicadores de desemprego, que os melhores postos de trabalho são destinados aos que estiverem mais adaptados e adequados ao sistema” (p. 64), e não sabe avaliar se está ou não qualificado para o trabalho.

Sarriera, Câmara e Berlim (2000, p. 1) também apontam a dificuldade dos jovens em ingressar no mercado:

Os jovens que tentam ingressar no mercado de trabalho sonham poder realizar seus projetos profissionais, constituir família e ter independência econômica. Porém seu sonho, na maioria das vezes, se converte em pesadelo. As dificuldades para encontrar o primeiro emprego, são cada vez maiores, exigindo cada vez mais, maior escolarização e conhecimentos profissionalizantes.

Assim, torna-se cada vez mais difícil deixar a casa dos pais e conquistar independência econômica. Como afirmam Guerreiro e Abrantes (2005, p. 163), “num contexto de risco, o apoio fundamental dos pais às transições para a vida adulta parece mesmo dar origem a novas solidariedades e dependências”. Por outro lado, a modernidade tardia traz a expansão das oportunidades individuais, mas também dos riscos e, particularmente em países onde há pouco apoio do Estado, adiar a transição para a vida adulta é para muitos um destino, e não uma opção, frente à “impossibilidade ou à irresponsabilidade de opções alternativas”.

Enquanto os jovens de classes mais baixas acabam buscando – por urgência – situações de trabalho precarizadas e encerrando mais cedo a sua escolarização, aqueles mais favorecidos economicamente preferem, muitas vezes, adiar seu projeto de autonomia e saída da casa dos pais até o momento de poderem manter, fora dali, o mesmo padrão proporcionado pela família. A esse respeito, Henriques, Jablonski e Féres-Carneiro (2004, p. 10) citam a “Geração Canguru - assim

nomeada pela mídia por sua analogia com o mamífero [...] cuja fêmea abriga os filhos em uma bolsa ventral”:

A geração canguru, constituída na família de classe média urbana brasileira, se caracteriza por abarcar jovens adultos de ambos os sexos. Estes jovens, apesar de considerados aptos para a vida profissional – em vista de já terem alcançado uma faixa etária identificada com a conclusão dos estudos de graduação universitária – parecem ainda não estar prontos para a vida fora dos limites da casa paterna. Curiosamente, alguns dos representantes desta geração, além de já terem concluído seus estudos, são independentes financeiramente e possuem condições suficientes para assumir moradia própria, mas mesmo assim preferem continuar vivendo com os pais.

Conforme os autores, tal geração cumpre com alguns requisitos de entrada no mundo adulto, porém deixa outros de lado – como a conquista da autonomia e o comprometimento com responsabilidades sociais e relacionamentos afetivos.

Várias são as nuances da vida adulta na contemporaneidade. Uma outra forma de postergá-la é levantada por Kehl (2008, p. 11), e diz respeito ao que ela chama de “*teenagização* da cultura ocidental”, segundo a qual os adultos de hoje – aqueles que já teriam alcançado essa condição – preferem se mostrar como jovens e se sentir como tal. Incentivados pela mídia e o consumo, espelham-se nos chamados ideais da juventude e sentem-se constrangidos em repassar sua experiência de vida para os mais jovens. Tal experiência, diz ela, está desvalorizada: “sobretudo numa cultura plástica e veloz como a contemporânea, pouco podemos ensinar aos outros partindo da nossa experiência” (p. 12) – assim, coloca a autora, descarta-se o passado em nome da juventude sem fim.

A *teenagização* viria, de certa forma, na contramão da generatividade descrita por Erikson (1976) e da ética do cuidado, proposta por Gilligan (1982) traduzindo-se, entre outros aspectos, numa recusa em educar e na falta de cuidado com as próximas gerações. Como se uma parte da geração hoje reconhecida como adulta se negasse a passar pelas transformações desse ciclo ou, ainda, preferisse permanecer em ciclos anteriores para ter a segurança de não envelhecer. O mercado tem nos jovens um grande alvo, e coloca em evidência

valores tradicionalmente a eles atribuídos – como ser belo, ter energia inesgotável, estar em plena forma física, ser ativo. Alia essa imagem à de quaisquer mercadorias, vendendo-as muito bem sob o signo da juventude. E dessa forma ela é prolongada, assim como a adultez nela se reverte, tornando a chamada vida adulta cada vez mais elástica.

Debert (2010), em caminho semelhante, traz o argumento da dissolução da vida adulta como uma experiência de maturidade, responsabilidade e compromisso, ao mesmo tempo em que a juventude se transforma em um valor e se redesenha o envelhecimento – agora segmentado em estágios como a meia-idade, a aposentadoria ativa e a terceira idade. Esses estágios, por sua vez, transformaram-se em momentos de satisfação pessoal, realização de antigos sonhos e busca de novas formas de autoexpressão, ao contrário da representação da velhice como período de retraimento:

Por um lado, a juventude perde conexão com um grupo etário específico e passa a significar um valor que deve ser conquistado e mantido em qualquer idade através da adoção de formas de consumo de bens e serviços apropriados. Por outro lado, a velhice perde conexão com uma faixa etária específica e passa a ser um modo de expressar uma atitude de negligência com o corpo, de falta de motivação para a vida, uma espécie de doença autoinflingida... (DEBERT, 2010, p. 51)

O prolongamento da juventude e a elasticidade da vida adulta na contemporaneidade estão em sintonia com as transformações no mundo do trabalho e são algumas das consequências da modernidade, na qual o labor é central na vida dos sujeitos e ocupa grande parte do seu tempo de vida, exigindo cada vez mais em termos de escolarização e profissionalização. Sendo essa exigência um fator decisivo no aumento do tempo em que o jovem permanece com a família de origem, pode-se dizer que também o é para o aumento do tempo de vida laboral do adulto, o qual muitas vezes continua ativo no mercado de trabalho mesmo após a aposentadoria (SOARES e COSTA, 2011).

Debert (2010), na mesma linha de pensamento de Kehl (2008) e Henriques, Jablonski e Féres-Carneiro (2004), argumenta que a exigência financeira pode não ser o único fator a manter na casa dos pais o jovem da atualidade – um consumidor com renda disponível alta – mas também sua dificuldade em assumir a própria autonomia. Ela atenta para um padrão de consumo, fomentado pela mídia, por trás do adulto –

que busca aumentar sua auto-estima e fazer da vida uma experiência gratificante, sob o risco de ser visto como um consumidor falho. O lugar do adulto moderno, que antes ocupava o estatuto da estabilidade, mostra-se agora elástico, prendendo-o a um padrão de consumo onde a juventude é um valor e trazendo à cena o chamado “adultescente”, aquele sujeito pertencente a uma geração um pouco mais velha mas que se coloca na “vanguarda da cultura jovem” (DEBERT, 2010, p. 54).

Berman (1982, p. 15) refere-se à modernidade como um “conjunto de experiências” que:

[...] promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos.

Essa promessa a que se remete o autor lembra o valor no qual se transformou a juventude, citado por Debert (2010), e representa o que tem sido buscado pelos sujeitos modernos, tanto jovens como adultos. Paralelamente a esse panorama, a modernidade traz o individualismo em seu cerne. Bauman (2001, p. 39) nos lembra a “marca registrada da sociedade moderna”, qual seja a apresentação dos membros como indivíduos.

Esse individualismo volta o sujeito para si mesmo e para o momento, e perde-se a preocupação com o outro – ou ela fica em segundo plano:

Viver para o momento é a paixão predominante – viver para si, não para os que virão a seguir, ou para a posteridade. Estamos rapidamente perdendo o sentido de continuidade histórica, o senso de pertencermos a uma sucessão de gerações que se originaram no passado e que se prolongarão no futuro. É o enfraquecimento do sentido do tempo histórico – em particular, a erosão de qualquer preocupação maior com a posteridade [...] (LASCH, 1983, p. 25).

Nesse contexto de prolongamento da juventude e de vida adulta dissolvida e elástica, não é mais possível estabelecer conceitos rígidos ou fomentar certezas quanto à concepção desse ciclo da vida – a adultez. Consequências da modernidade, que nas palavras de Giddens (1991)

mostra-se como um paradoxo, um enigma onde perguntas são deixadas sem respostas.

2.3 O TRABALHO E SUA CENTRALIDADE NA VIDA ADULTA

A escolha por pesquisar os sentidos de vida adulta para um grupo particular de sujeitos, possuidores de nível superior, tem como base a importância da categoria trabalho na contemporaneidade, particularmente na vida adulta, e sua relação com a busca por maiores níveis de escolarização. Os adultos representam a maioria da população economicamente ativa no Brasil, descrita pelo IBGE⁹ como aqueles que trabalham ou estão procurando emprego. Dados de pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA em 2009 apontam que, dentro dessa população economicamente ativa, 69,9% pertencem ao grupo etário entre 18 e 24 anos, e 80,1% ao grupo que compreende a faixa dos 25 aos 49 anos (IPEA, 2010).

A busca por um curso superior, por outro lado, é motivada por melhores condições de trabalho, mesmo com dados mostrando que o aumento do nível de escolaridade em nosso país nos últimos anos (POCHMANN, 2004, 2010), não assegura maior renda, acesso ao emprego ou proteção contra a precarização (POCHMANN, 2004). Ainda assim, pesquisa feita pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD) em mais de trinta países, inclusive no Brasil, revela relação direta entre possuir um curso superior e estar inserido no mercado de trabalho (OECD, 2011).

O trabalho é um aspecto fundamental e o principal meio de obtenção da autonomia do adulto na sociedade contemporânea. Como analisa Heller (2000), a partir da movimentação no e do ambiente, o homem é capaz de se manter no mundo das integrações maiores e da sociedade em geral, reconhecendo seus valores e ingressando no mundo adulto. A definição da categoria trabalho também passa pela relação do homem com seu ambiente. De acordo com Marx (1980), o trabalho caracteriza-se por ser um processo entre o homem e a natureza. O ser humano, ao agir sobre a natureza com seu corpo e seu intelecto, transforma-a e apropria-se dos seus recursos dando-lhes utilidade à vida humana, e nessa relação entre homem e natureza, um transforma o outro, dialeticamente.

⁹ Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme/pmemet2.shtm>>

Buscando traçar um breve histórico da categoria trabalho, nota-se que as concepções a esse respeito têm se modificado ao longo da história. De acordo com Piccinini et al (2004, *apud* Tolfo et al, 2005), um dos primeiros conceitos de trabalho vem das sociedades antigas, e remetia à tortura: *tripallium*, segundo a etimologia da palavra. Relacionado à escravidão e ao trabalho agrícola, esse foi o seu principal significado durante muito tempo, passando mais tarde para uma concepção de esforço direcionado a algum fim. Na era industrial, ocorre uma mudança na idéia de trabalho, e ele “passa a ser visto como um símbolo da liberdade [...] que possibilita ao homem transformar a natureza, as coisas e a sociedade” (TOLFO et al, 2005, p.2), conceito que vem ao encontro do pensamento Marxista. A acumulação de capital torna-se primordial e o principal propulsor do processo produtivo na sociedade moderna, sendo o trabalho a partir de então entendido como uma atividade coletiva na qual todos participam, tornando-se o centro estruturante da vida e da sociedade.

O modo de produção capitalista origina-se historicamente no século XVI (ALVES, 2007) e, desde o seu surgimento na sociedade burguesa, vem se reestruturando de modo a continuar exercendo controle social, sendo a acumulação de mais-valia a sua finalidade principal. Segundo este autor, é a busca dessa acumulação que leva a sociedade a imprimir cada vez mais sua marca sobre a natureza, alterando-a e constituindo-a como uma natureza social ou socializada. E, se a acumulação de mais-valia se dá pela transformação da força de trabalho em mercadoria, sem essa força de trabalho não existiria a produção de mais-valia.

Particularmente a partir da segunda metade do século XX, o mundo do trabalho passou a sofrer inúmeras transformações. Tolfo et al (2005) afirmam ter sido a partir da década de 70 que se intensificaram as transformações na estrutura do sistema produtivo, movidas em especial pela chamada Terceira Revolução Industrial, baseada nos avanços da microeletrônica. Até então, as formas vigentes de organização do trabalho traduziam-se na produção em série e em empresas verticalizadas, geradoras de operariado produtivo em massa. Como salienta Antunes (1999), tal modelo não conseguiu manter o processo de acumulação do capital e as taxas de emprego formal, começando a dar sinais de esgotamento a partir da segunda metade do século XX, no início dos anos setenta, frente a uma crise estrutural de grandes dimensões.

A partir de então, várias mudanças começaram a ser feitas no processo produtivo, na tentativa de superar a crise na qual a produção

em massa já não era suficiente ao capital, e o mundo do trabalho começou a passar por grandes mudanças. A substituição do antigo modelo produtivo culminou naquele que hoje se apresenta e o qual se caracteriza, conforme Antunes e Alves (2004), pela heterogeneidade, fragmentação e complexificação, onde a classe trabalhadora vem presenciando um processo que dá lugar a formas menos regulamentadas de trabalho, reduzindo o trabalho estável e especializado e, conseqüentemente, o número de trabalhadores estáveis, em empregos formais.

Segundo Sarriera, Câmara e Berlim (2000, p. 1), a falta de emprego tem prejudicado o bem-estar e atentado à integridade física e psicológica dos sujeitos, atingindo não só trabalhadores adultos, como também os jovens e tornando-se uma preocupação psicossocial:

Nos países latino-americanos emergem novas formas de contratação temporária e de redução da jornada de trabalho, acrescentadas às crônicas dificuldades do desemprego, do trabalho informal e da exploração da mão de obra. Nos países da União Européia, por exemplo, o objetivo de maior prioridade é a luta contra o desemprego, que se alastra como uma grave ameaça ao estado de bem-estar.

As mudanças do mundo do trabalho são também levantadas por Tolfo et al. (2005, p. 3):

[...] há um aumento da precarização das relações e condições de trabalho e um significativo crescimento dos índices de desemprego. Neste cenário ocorre uma diversificação e complexificação das formas de trabalho, que trouxeram novos elementos para a relação homem/trabalho.

Todas essas transformações ao longo da história no mundo do trabalho têm efeitos diretos na sociedade em geral e trazem conseqüências para a vida dos sujeitos. Nas últimas décadas do século XX emergiu o debate a respeito das alterações na sociedade como um todo – em especial no modelo produtivo, mas com implicações também no modo como se dão as relações entre os sujeitos e na forma como estes se constituem. Como afirmam Coutinho et al (2007, p. 29):

[...] a contemporaneidade trouxe em seu bojo transformações sociais, econômicas, tecnológicas e geopolíticas em escala mundial, com implicações para os modos de ser dos sujeitos e suas formas de agir na sociedade.

Um exemplo dessas implicações é a inequívoca relação entre o prolongamento da transição para a vida adulta que hoje se observa, em várias sociedades, e as mudanças no mundo do trabalho, onde o aumento do desemprego e da precarização, principalmente entre os jovens, gera uma entrada mais tardia no mercado laboral, aliada geralmente a percursos educacionais mais prolongados por conta da necessidade de maior escolarização (GUERREIRO e ABRANTES, 2005).

Sendo o trabalho, portanto, uma das principais formas de inserção no mundo adulto, cabe salientar a extensão de sua importância e dos seus efeitos sobre a vida e os modos de constituição dos sujeitos na contemporaneidade uma vez que, para os participantes desta pesquisa, exerce influência na construção dos sentidos a respeito da vida adulta. O trabalho não só é importante no cotidiano dos sujeitos como é, frequentemente, preponderante, tornando-se o centro de suas vidas, ao redor do qual outros elementos – como a família ou o lazer – se organizam, e relações se constroem. Como argumentam Coutinho, Krawulski e Soares (2007, p. 34), “a dimensão ocupacional ainda ocupa um grande espaço na vida das pessoas, permeando as relações sociais”.

Nas discussões científicas acerca da categoria trabalho, uma das questões colocadas em debate diz respeito justamente à sua centralidade na vida contemporânea, e entre os autores presentes nessas discussões está Antunes (2004, p. 336), afirmando que o trabalho está longe de desaparecer da vida dos sujeitos. Para o autor, mesmo com as transformações na classe trabalhadora nas últimas décadas, esta “não está em vias de desaparecimento, nem ontologicamente perdeu seu sentido estruturante”. Dizer que o trabalho tem um sentido estruturante equivale a admitir sua centralidade, na vida dos sujeitos, praticamente desde o nascimento:

[...] a sociedade da mercadoria do século 20 se consolidou como a sociedade do trabalho. Desde o início, no microcosmo familiar, fomos educados para o labor (ANTUNES, 2009).

Em relação à centralidade do trabalho, Tolfo e Piccinini (2007, p. 39) explicam-na como sendo “o grau de importância que o trabalho tem na vida de uma pessoa em um determinado momento”, sendo composta por um componente absoluto – o quanto o trabalho é central na vida dos sujeitos – e outro relativo, a saber, a centralidade do trabalho influenciada pelos ciclos vitais, onde se relaciona trabalho e outros momentos importantes da vida dos sujeitos. A respeito deste componente relativo, cabe lembrar a posição social do adulto no ciclo de vida, ou seja, o lugar que ocupa como sujeito produtivo, apto para o trabalho, para a produtividade e a serviço do capital, diferentemente do que ocorre na juventude e na velhice, posições no ciclo vital onde a essencialidade e a centralidade relativa do trabalho diminuem.

Sendo assim, se o trabalho está no centro da vida contemporânea, se revela como ainda mais central entre os sujeitos adultos, o que justificou a sua contextualização nesta pesquisa.

3 A FORMA DE PLANTIO E AS FERRAMENTAS

Assim como a forma de plantio e as ferramentas precisam ser apropriadas para a espécie a ser plantada, o método e os instrumentos escolhidos em uma pesquisa precisam se adequar ao problema e aos objetivos da mesma, caso contrário corre-se o risco de não se satisfazer nenhum deles. O problema desta pesquisa coincide com o seu objetivo principal e, para contextualizar a escolha do método e das ferramentas utilizadas na sua condução, cabe aqui retomá-lo: quais os sentidos atribuídos à vida adulta por pessoas com formação universitária?

3.1 O MÉTODO

Para trazer luz a essa questão, primeiramente cabe salientar a abordagem qualitativa como a mais capacitada a buscar compreensão no estudo da complexa subjetividade humana, particularmente no estudo das temáticas envolvidas nesta pesquisa: sentidos, vida adulta e trabalho. Se os sentidos são atribuições individuais carregando em si os significados produzidos social e historicamente, estamos diante de uma unidade de análise que só poderá ser compreendida em seu contexto (ZANELLA et al, 2007). Sentidos podem ser apreendidos, entre outras formas, através da palavra. E a palavra é uma generalização, um fenômeno do pensamento relacionado “com todos os processos psicológicos e a dimensão afetivo-volitiva que move as pessoas e conota as relações que estabelece com outros e consigo mesmas” (p. 31). Segundo Tolfo et al (2005, p. 4),

[...] a definição de sentido é compreendida ao longo da obra de Vygotski como não restrita apenas à palavra enquanto unidade fonética, mas relacionando esta ao seu contexto. A evocação dos eventos psicológicos também se estende para além da palavra, compreendendo os signos como um todo.

Entre os sujeitos dessa pesquisa, os sentidos de vida adulta produzidos basearam-se em suas experiências e trajetórias individuais, segundo características do seu contexto cultural e histórico.

O método escolhido foi o estudo de caso. Lüdke e André (1986) citam as suas características fundamentais, dentre as quais a atenção a elementos novos que possam emergir durante o estudo, a ênfase na

interpretação em contexto, a busca pela retratação da realidade de forma completa e profunda, sob diferentes perspectivas e com o uso de várias fontes de informação. No estudo de caso, segundo as mesmas autoras, “o pesquisador procura revelar a multiplicidade de dimensões presente numa determinada situação ou problema, focalizando-o como um todo. Esse tipo de abordagem enfatiza a complexidade natural das situações, evidenciando a inter-relação dos seus componentes” (p. 9). O que se destaca nesse tipo de estudo, segundo Krawulski (2004, p. 48), é

[...] sua constituição em uma unidade dentro de um sistema mais amplo, incidindo o interesse do pesquisador naquilo que ele tem de único, de particular, mesmo que *a posteriori* surjam semelhanças com outros casos ou situações.

A expectativa desta pesquisa foi buscar acima de tudo a singularidade dos sujeitos pesquisados e a maneira como cada qual produziu os sentidos ligados à vida adulta. Foram envolvidos mais de um sujeito, caracterizando-o como um Estudo Multicasos. Trivinos (1987) refere-se a esse estudo como uma possibilidade de estudar dois ou mais sujeitos, sem necessariamente compará-los.

3.2 OS PRECEITOS ÉTICOS DO ESTUDO

Segundo Prado Filho e Trisotto (2006, p. 46),

A conduta ética é um tipo particular de comportamento orientado por preceitos, que apresenta dimensões individuais e coletivas, implicando questões políticas, uma vez que coloca em jogo um sujeito que toma decisões dentro de uma estreita faixa definida por limites e padrões socialmente estabelecidos.

De acordo com essa afirmativa, pressupõe-se que o pesquisador, ao realizar seu trabalho investigativo, adote uma postura crítica – no sentido de ser autêntico com suas escolhas, políticas e epistemológicas – e, principalmente, uma postura ética, na direção de estar consciente do lugar de poder que ocupa ao ter como objeto de estudo os demais seres humanos. É necessário “reconhecer limites e avaliar consequências” (PRADO FILHO e TRISOTTO, 2006, p. 46) e para isso são necessários o autogoverno e a reflexão constantes.

Morin (1998) também atenta para a questão ética na ciência, alegando ser o saber científico um instrumento de mais poder para aqueles que já detêm tal poder. Ao contrário do que sempre aconteceu na história da humanidade, hoje o saber produzido não mais se destina “a ser incorporado nas consciências, nas mentes e nas vidas humanas” (p. 127).

Segundo a resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, o caráter ético da pesquisa com seres humanos implica em: consentimento livre e esclarecido por parte dos sujeitos, ponderação entre riscos e benefícios, garantia de que danos previsíveis serão evitados e relevância da pesquisa, com vantagens significativas para os sujeitos. Atendendo a tais preceitos éticos, foi utilizada uma Carta de Apresentação e Solicitação de Participação (vide Apêndice D), com a qual foi feito o primeiro contato pessoal com cada sujeito participante da pesquisa. Nesse contato, solicitou-se a sua autorização por escrito através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (vide apêndice E). Esses dois documentos, juntos, prevêm os cuidados éticos de sigilo, anonimato e liberdade de recusa em participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da pesquisa. O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEPESH, da UFSC (vide anexo), e teve-se o cuidado com os sujeitos durante todo o processo – no contato com eles, nas entrevistas e nos sentimentos que eventualmente vieram à tona nesse momento – mantendo-se uma postura reflexiva, crítica e ética.

3.3 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos dessa pesquisa tiveram seus nomes preservados através da escolha, por cada um deles, de um nome fictício. Estão descritos no Quadro 1, na próxima página, e foram escolhidos segundo o critério da formação em curso de nível superior, representando uma pequena porção da população adulta de Florianópolis. A busca desses sujeitos deu-se pelo método de redes, onde existe uma intencionalidade na escolha e o primeiro convidado a participar da pesquisa indica outros, e assim por diante. Para Deslandes (2007, p. 48), “uma boa seleção de sujeitos ou casos a serem incluídos no estudo é aquela que possibilita abranger a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões”. Assim, a definição do número de sujeitos deu-se por inclusão progressiva.

Quadro 1: caracterização dos sujeitos da pesquisa.

Nome	Sexo	Idade	Formação profissional e área de atuação	Tempo de formado	Estado civil	Com quem reside	Renda aproximada*	Recebe auxílio dos pais**	Auxilia os pais**
Livia	F	26	Psicologia. Atua como psicóloga em uma escola, uma ONG e em consultório particular.	2 anos e 6 meses	Solteira	Pais e irmão	Menos de 3	Sim	Não
Ester	F	38	Educação Física. Atua como instrutora física em academia, como <i>personal trainer</i> e como assistente pessoal.	16 anos	Solteira	Pais e avó materna	Entre 3 e 5	Não	Sim
Helena	F	41	Educação Física e Fisioterapia. Atua como fisioterapeuta autônoma em consultório próprio.	20 anos (Ed.Física) e 12 anos (Fisioterapia)	Solteira	Sozinha	Mais de 5	Não	Não

continua

continuação

Nome	Sexo	Idade	Formação profissional e área de atuação	Tempo de formado	Estado civil	Com quem reside	Renda aproximada*	Recebe auxílio dos pais**	Auxilia os pais**
Aragon	M	26	Educação Física. Atua como instrutor físico em academia e como <i>personal trainer</i> .	1 ano	União estável	Mãe, esposa e enteada	Entre 3 e 5	Não	Sim
Pedro	M	39	Publicidade. Atua como publicitário autônomo em agência própria.	16 anos	Casado	Esposa e filhos (2)	Mais de 5	Não	Não
Janaína	F	29	Hotelaria. Atua como auxiliar administrativo e de finanças em empresa de comércio exterior.	3 anos	Solteira	Avó materna, irmã e filho	Mais de 5	Não, mas maior parte da renda vem de herança paterna	Não

*renda em número de salários mínimos (valor vigente no dia da entrevista)

**auxílio financeiro

3.4 AS FERRAMENTAS DE COLETA E REGISTRO DE DADOS

Como ferramenta principal de coleta e registro de dados da pesquisa foi escolhida a Entrevista Semi-Estruturada, que “se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações” (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 34). Este tipo de instrumento permite uma relação mais flexível de interação entre pesquisador e entrevistado, e vem ao encontro do tipo de abordagem metodológica escolhida. Além desta ferramenta principal foi utilizado o recurso da fotografia, com a produção de imagens pelos próprios sujeitos sobre a temática da vida

adulta. A coleta de dados constituiu-se em um processo com três etapas: uma entrevista dividida em dois encontros, e a produção dos registros imagéticos entre o primeiro e o segundo. Os dois momentos da entrevista foram gravados e a seguir transcritos.

Com vistas a testar e aperfeiçoar a ferramenta principal de coleta e registro de dados foi feita, inicialmente, uma entrevista piloto¹⁰. Para tal, foi escolhido um sujeito que atendesse ao critério da formação universitária, e feito um convite pessoal e oral solicitando sua participação na pesquisa. Após a entrevista piloto, decidiu-se que o material coletado faria parte da análise, tanto por sua riqueza quanto pela percepção de que não havia alterações significativas a serem feitas no roteiro de entrevista, que permaneceu praticamente igual ao roteiro original. A única alteração foi o acréscimo de mais dois itens no campo destinado às informações sobre os sujeitos¹¹.

Dando continuidade ao processo de coleta de dados, o segundo sujeito a ser entrevistado também foi convidado a participar por meio de convite pessoal e oral, sendo os demais indicados pelos dois primeiros já entrevistados e incluídos sucessivamente a cada entrevista realizada e transcrita – no total, foram realizadas seis entrevistas.

Sempre que havia a aceitação em participar da pesquisa, era marcado um encontro para a apresentação da mesma através da Carta de Apresentação e Solicitação de Participação (vide Apêndice D), bem como para a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (vide Apêndice E). Tal procedimento foi feito com todos os sujeitos com exceção do primeiro: para ele, a apresentação dos dois instrumentos foi feita após a entrevista piloto, assim que se verificou a possibilidade de incluir na pesquisa os dados ali coletados.

Com a sexta entrevista deu-se a interrupção do processo, pelo critério de saturação, definido por Deslandes (2007, p. 48) como o momento em que “as concepções, explicações e sentidos atribuídos pelos sujeitos começam a ter uma regularidade de apresentação”. Como cada entrevista foi sendo transcrita, em geral, antes da subsequente, tornou-se fácil perceber quando esse critério foi atingido.

O Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada (vide Apêndice F), segundo o qual foram conduzidos a coleta e registro de dados, constou de quatro campos: o primeiro, com informações sobre a própria

¹⁰ Como entrevista piloto, entenda-se o processo de coleta de dados descrito acima, composto por duas entrevistas, intercaladas pela produção de registros imagéticos.

¹¹ A partir de sugestão do próprio sujeito entrevistado, foi percebida a necessidade de acrescentar, a esse campo, espaço para as seguintes questões: *recebe auxílio dos pais? quanto (%)? e auxilia financeiramente os pais? quanto (%)?*.

entrevista; outro para informações sobre os sujeitos, consideradas relevantes em relação à temática pesquisada; um terceiro contendo algumas questões norteadoras sobre o tema – feitas por ocasião do primeiro encontro – e, por último, um campo com questões relativas às imagens produzidas entre o primeiro e o segundo encontro. Esse roteiro serviu de base para a coleta de dados, porém não foi utilizado de forma rígida, tendo sido ampliado ou adequado ao longo das entrevistas com cada sujeito conforme iam surgindo necessidades, tendo em vista as particularidades de suas histórias de vida e os elementos emergentes em seus discursos durante o processo.

As questões norteadoras mostraram-se úteis em buscar respostas a questões específicas; ao mesmo tempo, deram condições de maior interação com os sujeitos no intuito de descobrir elementos novos. Além do roteiro, a pesquisadora lançou mão de um diário de campo para outros registros durante a coleta de dados, tais como observações do contexto, expressões faciais dos entrevistados, sentimentos expressos por eles e *insights*. Esses registros seguem a sugestão de Aguiar e Ozella (2006, p. 229), que recomendam um plano de observação a ser realizado durante as entrevistas, “tanto para captar indicadores não verbais como para complementar e parear discursos e ações que estejam nos objetivos da investigação”.

Como afirmado anteriormente, utilizou-se o recurso da fotografia como complemento à entrevista, com registros imagéticos produzidos pelos próprios participantes da pesquisa a partir de uma câmera digital, entregue a eles pela pesquisadora, ao final do primeiro encontro. O sujeito da entrevista piloto, bem como aqueles da quarta e quinta entrevistas, preferiram produzir suas imagens com a própria câmera.

A respeito da utilização de técnicas complementares à entrevista, Aguiar e Ozella (2006, p.229) afirmam:

Mesmo considerando que uma boa entrevista possa contemplar material suficiente para uma análise, se houver condições, alguns outros instrumentos podem permitir aprimoramento e refinamento analítico [...] desde que sejam complementados e aprofundados através de entrevistas.

A solicitação feita aos participantes foi de registrarem imagens que revelassem o significado de vida adulta para eles. Este procedimento baseia-se no método autofotográfico que, segundo Neiva-

Silva (2003), consiste em solicitar ao sujeito a produção e apresentação de algumas fotografias ao pesquisador, descrevendo sua percepção a respeito de um ambiente ou de si mesmo. Nesse caso, foi pedido que construíssem imagens a partir da temática vida adulta. Sugeriu-se o número de imagens – cinco a dez, porém foi esclarecido que essa escolha ficaria aos seus critérios. No prazo de sete dias, em média, a câmera era entregue à pesquisadora para a revelação das fotografias, e um novo encontro era marcado. Os sujeitos que utilizaram câmera própria enviaram os arquivos de imagens para a pesquisadora, por e-mail, alguns dias antes do encontro seguinte.

As fotos, já impressas pela pesquisadora, eram levadas a este encontro onde o segundo momento da entrevista era realizado, baseado nas suas produções imagéticas. Era solicitado aos participantes que visualizassem cada fotografia e posteriormente mostrassem-nas à pesquisadora, uma a uma, respondendo às questões do último item do roteiro de entrevista. Dessa forma, foi possível estabelecerem suas próprias explicações em relação às imagens e sua ligação com a vida adulta tal qual a percebiam. Muitos novos elementos foram emergindo nessa segunda etapa da coleta de dados, demonstrando a riqueza da fotografia como complemento à entrevista em uma pesquisa qualitativa, particularmente na apreensão dos sentidos. Como sustentam Maurente e Tittoni (2007, p. 34), há de se considerar “a potência fotográfica para a reflexão e também como instrumento fundamental nas investigações”, visto ser o olhar fotográfico um “ato criativo e uma possibilidade de surpresa”.

A forma de utilização das produções imagéticas levou os sujeitos a interpretarem o material por eles mesmos construído. Para Neiva-Silva e Koller (2002, p. 238), é uma maneira de serem “considerados importantes tanto o conteúdo, quanto o autor das fotos, assim como a sua percepção em relação às próprias imagens produzidas”. Nas palavras deles:

[...] o principal objetivo, ao se trabalhar com a fotografia junto à Psicologia, atualmente, é a atribuição de significado à imagem [...] assim, adotando-se o pressuposto de que parte das pessoas teria dificuldade em expressar verbalmente determinados temas, o uso da fotografia poderia auxiliar na comunicação destes significados, permitindo uma melhor compreensão destes conteúdos por parte do pesquisador (p. 237).

Ao contrário do que afirmam os autores, não foram percebidas dificuldades dos sujeitos da pesquisa em expressar verbalmente suas percepções sobre a vida adulta. No entanto, a produção das imagens, assim como sua interpretação, contribuiu definitivamente no processo de construção dos sentidos atribuídos por eles à vida adulta e na apreensão desses sentidos pela pesquisadora. Da mesma forma, propiciou maior reflexão e aprofundamento sobre o tema após a primeira etapa da entrevista, quando já haviam pensado a respeito e, portanto, encontravam-se envolvidos com o a temática da vida adulta.

Ainda sobre o uso e as possibilidades da fotografia como ferramenta metodológica, Strappazzon et al (2008, p. 4), salientam:

A fotografia é recurso que recupera a atenção, afeto e reflexão sobre percepções e objetos mecanizados, inscrevendo modos de subjetivação frente ao estranhamento do comum, num processo de desnaturalização do sócio-histórico. Trata-se da imagem como um ícone da realidade, que cria a possibilidade de tornar visível o aspecto semiótico ou sócio da realidade.

A opção pela utilização de imagens fotográficas como complemento às entrevistas semi-estruturadas veio portanto ao encontro dos objetivos desta pesquisa, na medida em que facilitou a apreensão dos sentidos atribuídos pelos sujeitos participantes à vida adulta. A coleta e o registro dos dados através das entrevistas deram-se em sua maioria na sala do Laboratório de Informação e Orientação Profissional – LIOP, na UFSC, a qual se mostrou adequada a esse procedimento, garantindo a tranquilidade e o sigilo da investigação. Como tal sala estava sendo utilizada, à época desta pesquisa, somente por uma professora substituta do curso de psicologia da UFSC, foi possível estabelecer combinação prévia para que não houvesse interrupção. A entrevista piloto, no entanto, foi realizada na casa do sujeito em suas duas etapas; a partir dessa experiência optou-se por eleger um local único para todos os demais sujeitos. Somente a entrevista com o quinto sujeito, por uma dificuldade sua em relação a horários, foi realizada em seu local de trabalho, em uma sala reservada.

De acordo com Aguiar e Ozella (2006), algumas características devem estar presentes na entrevista para que ela tenha o potencial de captar e apreender os sentidos e significados buscados: elas devem ser consistentes e amplas o suficiente; devem ser recorrentes, ou seja, o

entrevistado precisa ser constantemente consultado “no sentido de eliminar dúvidas, aprofundar colocações e reflexões e permitir uma quase análise conjunta do processo utilizado pelo sujeito para a apreensão dos sentidos e significados” (p. 229). Esse cuidado foi observado durante todo o processo, o que contribuiu para a riqueza dos dados coletados. Apenas um imprevisto ocorreu, por ocasião da terceira entrevista: houve uma falha momentânea do gravador, o que levou à perda de um trecho da fala do sujeito entrevistado. No entanto, a pergunta foi retomada na segunda etapa da entrevista, portanto não houve prejuízo na ocasião da análise dos dados. Durante as transcrições, foi mantida a fidelidade às falas dos sujeitos entrevistados, conforme orientações de Soares (1997). Para a autora, o ato de transformar a expressão oral em texto escrito é complexo, sendo preciso ouvir repetidas vezes a narrativa dos locutores e buscar reproduzir as sentenças na sua íntegra, considerando inclusive as hesitações, repetições e silêncios.

Ao final da entrevista, no segundo encontro, os sujeitos foram solicitados a verbalizar como vivenciaram a experiência dos registros fotográficos, bem como das duas entrevistas e da participação na pesquisa. Todos relataram ter gostado da experiência, a qual os levou a refletir sobre uma temática vivida cotidianamente, porém nunca antes pensada ou mesmo percebida.

3.5 O PROCESSO DE ANÁLISE E DEVOLUÇÃO DOS DADOS

O procedimento de análise dos dados coletados deu-se pela apreensão dos sentidos contidos nos discursos dos sujeitos, a partir dos objetivos propostos na pesquisa, e utilizando-se como recurso os núcleos de significação propostos por Aguiar e Ozella (2006). Partindo-se da palavra, “signo por excelência” (p. 225), chega-se a “uma forma privilegiada de apreensão do ser, pensar e agir do sujeito” (p. 226).

Tais autores trabalham com a noção de sentido partindo do empírico, mas buscando ir além das aparências e não se limitando à descrição dos fatos, estudando a constituição do sujeito em seu processo histórico. Ao trabalharem com tal noção, propõem a discussão de outra, a mediação, a qual tem como função organizar a relação entre singularidade e universalidade, além de ligar um ao outro. O homem é um ser social e singular e, “nas relações com o social (universal), constitui sua singularidade através das mediações sociais (particularidades / circunstâncias específicas)” (AGUIAR e OZELLA, 2006, p. 225). Com isso, pretendem “apreender as mediações sociais

constitutivas do sujeito, saindo assim da aparência, do imediato, e indo em busca do processo, do não dito, do sentido” (p. 225).

Os procedimentos para análise através dos núcleos de significação deram-se da seguinte maneira: tendo sido as entrevistas gravadas e transcritas, foram feitas várias leituras flutuantes, para familiarização com o material e organização dos pré-indicadores que levaram à identificação dos núcleos futuros. Tais pré-indicadores foram escolhidos por se caracterizarem pela maior frequência, importância enfatizada nas falas, carga emocional, ambivalências, insinuações não concretizadas, etc. Eles foram, em princípio, em maior número, e possibilitaram a organização dos núcleos.

Em seguida ao procedimento de organização dos pré-indicadores, passou-se à sua aglutinação, por similaridade, complementaridade ou contraposição, diminuindo a diversidade e já organizando os indicadores – os quais caminham em direção aos núcleos de significação. A partir desse momento, retornou-se às entrevistas e iniciou-se a primeira seleção de trechos que revelassem os indicadores. Após a re-leitura do material, passou-se a um trabalho de articulação para formar os núcleos de significação. Tal processo teve como critério a “articulação de conteúdos semelhantes, complementares ou contraditórios” (AGUIAR e OZELLA, 2006, p. 230). Nessa etapa, o objetivo foi chegar a um número reduzido de núcleos, e eles deveriam “expressar os pontos centrais e fundamentais que trazem implicações para o sujeito, que o envolvam emocionalmente, que revelem as suas determinações constitutivas” (p. 231). Segundo os autores, a análise começa num processo intra-núcleo, avançando para a articulação inter-núcleos, e deve ser sempre articulada com o contexto histórico dos sujeitos, não se detendo às suas falas. O procedimento visa avançar da fala para o seu sentido.

A análise dos dados foi iniciada paralelamente aos processos de coleta e transcrição, e contou com intenso trabalho de pesquisa teórica com vistas a enriquecer a articulação entre o material coletado e a teoria já construída por outros autores sobre o tema, sem perder de vista os objetivos da pesquisa. A interpretação das produções imagéticas, feita pelos próprios sujeitos na segunda etapa de entrevista, aprofundou a sua construção de sentidos. Com as fotografias nas mãos, e a partir das perguntas da pesquisadora, puderam tecer novos discursos sobre a vida adulta, refletindo sobre o que já haviam dito na primeira etapa da entrevista e articulando tais reflexões com o olhar sobre cada imagem e seus elementos.

Chegando-se ao momento final da análise, este foi reservado, conforme ensina Krawulski (2003, p. 53)

[...] à elaboração de ideias e ao livre pensar, estando aberto a novas ideias. É um momento fundamental ao êxito da pesquisa, que se caracteriza por um volume expressivo de trabalho ora operacional, ora intelectual, porém sempre minucioso, do qual resulta a essência do estudo.

Após a análise final dos dados, foi feita a opção de disponibilizar os resultados aos participantes da pesquisa de duas formas: através de um convite para participarem da defesa de dissertação, e pela entrega do endereço do *site* do PPGP da UFSC onde, posteriormente, estará disponível o arquivo da mesma.

Na sessão a seguir serão apresentados os resultados da pesquisa, divididos em três núcleos de significação, construídos e analisados a partir dos dados coletados pelas entrevistas e enriquecidos por algumas das produções imagéticas dos sujeitos bem como pelos discursos produzidos sobre elas. As imagens produzidas que não aparecem na sessão referente à análise estão todas descritas na sessão 4.1.1.

4 VIDA ADULTA – TRAJETÓRIAS, SENTIDOS E PRÁTICAS EXPRESSOS EM PALAVRAS E IMAGENS

Após longo trabalho de plantio e manejo da planta, chega-se enfim à colheita dos frutos. Utilizando como recurso para esse estudo o método de análise de discurso proposto por Aguiar e Ozella (2006) e estabelecendo os eixos norteadores da análise a partir dos objetivos traçados, foram delimitados três núcleos de significação¹²:

- (a) *Os sujeitos da pesquisa: trajetórias de vida em ciclos e momentos marcantes do reconhecimento da vida adulta*
- (b) *Sentidos de vida adulta: independência, responsabilidades e trabalho*
- (c) *Sentidos de vida adulta: autonomia emocional, família e a ética do cuidado*

Nesta sessão, serão apresentados os três núcleos de significação acima, bem como a descrição das produções imagéticas, algumas delas aqui ilustradas.

4.1 OS SUJEITOS DA PESQUISA: TRAJETÓRIAS DE VIDA EM CICLOS E MOMENTOS MARCANTES DO RECONHECIMENTO DA VIDA ADULTA

Este primeiro núcleo, diferentemente dos demais, apresenta-se dividido em três partes, com vistas a facilitar a compreensão do processo de análise: (1) os sujeitos da pesquisa; (2) as trajetórias de vida em ciclos e (3) os momentos marcantes do reconhecimento da vida adulta. A primeira parte traz, em relatos resumidos, cada um dos sujeitos da pesquisa. Na segunda parte busca-se analisar e compreender as trajetórias pelas quais estes se construíram em direção à vida adulta e, na terceira, analisa-se os momentos em que o reconhecimento de estarem vivendo essa vida adulta esteve presente de forma mais marcante. Tal reconhecimento traduz-se na constatação ou percepção de si mesmos

¹² Na busca pelos sentidos de vida adulta a partir dos discursos dos participantes, dois grandes grupos emergiram durante a análise e precisaram ser diferenciados, dando origem aos núcleos (b) e (c), nomeados com títulos similares, porém tratando de diferentes aspectos da vida adulta: os primeiros ligados ao externo e à objetividade, e os segundos mais voltados ao interno e à subjetividade.

como adultos, em situações da vida marcadas por determinadas práticas, conquistas ou mudanças.

Os relatos dos casos estudados são um resumo da história de vida de cada um e contêm informações básicas dos sujeitos. Além dos relatos, foram descritas as imagens produzidas por eles entre as duas etapas da entrevista. Destas últimas, alguns trechos foram escolhidos e discutidos à luz da teoria, para caracterizar as duas ideias centrais deste núcleo: primeiramente, a noção de que as trajetórias de vida se constroem em ciclos e, em seguida, a de que em tais trajetórias há momentos marcantes da adultez. Nesse sentido, são trazidas algumas narrativas retratando a noção de ciclos de vida pelos sujeitos, bem como outras descrevendo momentos onde o reconhecimento de estarem na vida adulta esteve presente de forma mais pronunciada: seja pelas respostas diretas a uma das perguntas feita pela pesquisadora investigando esses momentos, seja pelo conteúdo de algumas falas em trechos da entrevista, ou mesmo pelas emoções expressas por eles nessas ocasiões.

4.1.1 Os sujeitos da pesquisa

A opção por descrever os sujeitos e suas trajetórias, mesmo que brevemente, sustenta-se na escolha do estudo de caso multicase como método desta pesquisa, o qual prioriza a busca da singularidade e dos aspectos particulares de cada um deles independente das suas semelhanças. A compreensão das configurações históricas no processo de constituição desses sujeitos torna-se assim importante, como salienta Oliveira (2004) ao propor reflexões sobre a possível formulação de uma psicologia do adulto. Em sua pesquisa mostra temas singulares emergindo em um grupo relativamente homogêneo de trabalhadores adultos, e enfatiza a importância de historicizar a compreensão do desenvolvimento.

Os sujeitos participantes dessa pesquisa, descritos anteriormente¹³ no Quadro 1, também apresentam homogeneidades – todos têm curso superior, pertencem a classes econômicas próximas entre si e reconhecem-se como adultos. Apesar de tais similaridades, apresentam peculiaridades em suas histórias que contribuíram na construção dos sentidos de vida adulta para cada um.

¹³ Ver páginas 62 e 63.

Sujeito 1: Livia

Livia tem 26 anos, é solteira e reside com os pais e o único irmão, mais velho. É graduada em Psicologia há dois anos e meio, tempo no qual vem exercendo essa profissão. Ainda depende financeiramente dos pais em parte, apesar de já possuir um rendimento próprio. Livia é natural de São Carlos – São Paulo, onde viveu até os seis anos, ocasião em que sua família mudou-se para Florianópolis. Estudou sempre em escolas particulares, e graduou-se em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Antes de completar um ano de formada, foi aprovada em um concurso público para o interior do Estado, em sua área de formação. Mudou-se e lá trabalhou por dois anos, morando primeiramente com o namorado (que também fora aprovado em sua área), e depois sozinha, por ocasião do término do relacionamento. Retornou a Florianópolis e à casa da família de origem no fim do segundo ano, pedindo demissão do emprego e decidindo recomeçar sua trajetória profissional. Hoje recebe auxílio financeiro dos pais para algumas coisas; outras, ela assume com os próprios recursos. Livia associa a vida adulta principalmente à independência financeira dos pais, realização profissional e relacionamento afetivo estável.

Na segunda etapa da entrevista, produziu sete imagens: (1) uma das salas de atendimento do consultório onde atende; (2) a sala onde ela própria atende, nesse mesmo local; (3) a sala de espera desse consultório; (4) a fachada da escola onde atua como psicóloga em alguns dias da semana; (5) seu carro, presente dos pais mas que mantém com os próprios recursos; (6) uma foto sua em um quarto de hotel durante uma viagem a trabalho; (7) uma foto sua com *roupa de psicóloga*.

Sujeito 2: Estér

Estér tem 38 anos, um irmão mais novo, é natural de São Paulo – São Paulo, e desde pequena sentiu-se *meio adulta*. A questão profissional foi um interesse precoce em sua vida – quando pequena desejava dar aulas de natação – portanto refere-se frequentemente ao estudo e ao trabalho em seu discurso, apesar de definir vida adulta como *maturidade*. Começou a trabalhar no segundo ano do magistério – aos 16 anos, quando preocupada com o orçamento familiar, ofereceu-se para desenvolver atividades com as crianças da escola em alguns dias da semana em troca de 50% de desconto na mensalidade. Em seguida passou a trabalhar diariamente, recebendo bolsa integral, e sempre

trabalhou a partir daí. Ao concluir o magistério, graduou-se em Educação Física, e há oito anos mudou-se para Florianópolis com os pais, a avó materna e o irmão mais novo. Atua em sua profissão desde o início da faculdade, e atualmente trabalha em uma academia. É solteira, reside com os pais e a avó (o irmão mora sozinho) e colabora no orçamento familiar, sendo responsável pelas compras do mês, desde que os pais passaram por uma falência no negócio que iniciaram na nova cidade. A época ela tornou-se, junto ao irmão, a base financeira da família e aquela que determinava as regras de economia doméstica. Acaba de adquirir um carro próprio, conquista que atribui à vida adulta, e seu próximo objetivo é comprar um apartamento para poder sair da casa dos pais. Apesar desse desejo, sente-se responsável pela família.

Estér produziu seis imagens, retratando: (1) a si mesma junto da família; (2) a si mesma com um amigo; (3) seu carro; (4, 5) dois cães (um em cada imagem) que ajuda a tomar conta em um trabalho extra, onde cuida da casa de um amigo em sua ausência; (6) um varal, com toalhas estendidas, representando os *vários segmentos* que compõem a sua vida.

Sujeito 3: Helena

Helena tem 41 anos, é natural de São Paulo – São Paulo, Educadora Física e Fisioterapeuta. Coursou primeiramente a Educação Física em sua cidade natal, atuando na área por seis anos, e depois decidiu cursar também Fisioterapia. Mudou-se para Florianópolis com esse intuito, e na busca de qualidade de vida – dois de seus três irmãos, todos homens e mais velhos do que ela, já moravam aqui. Aqui morou sozinha, inicialmente em uma casa que pertencia aos pais, mas para onde os mesmos vinham apenas eventualmente, já que residiam em São Paulo. Ali se sentia ainda dependente, por mais que se responsabilizasse pelas contas da casa. Mais tarde, então, decidiu adquirir o próprio apartamento. Concluiu a graduação e optou por uma especialização em área de sua preferência – indo e voltando de Florianópolis para São Paulo para estudar, já atuando aqui como fisioterapeuta. Em seguida montou o próprio consultório, há sete anos, e hoje sente ter se encontrado profissionalmente após todo esse trajeto. Relaciona a vida adulta a auto-cuidado, auto-sustento, independência financeira e felicidade.

Helena produziu dez imagens na segunda entrevista, nomeando cada uma: (1) um folder de divulgação de seu trabalho; (2) a imagem de várias contas a pagar; (3) um porta-retrato com a foto da família; (4)

uma paciente sua, grávida; (5) uma imagem sua mostrando um material didático; (6) a imagem de seus acessórios de natação; (7) uma rosa; (8) a imagem de um grupo de amigos, todos sorrindo; (9) uma foto de uma amiga soprando as velas do bolo no seu aniversário de 70 anos; (10) a imagem de um casal - ela e um amigo.

Sujeito 4: Aragon

Nascido em Florianópolis, Aragon tem 26 anos e uma irmã materna, mais velha do que ele. Conviveu com pai e mãe até os 15 anos, quando eles se separaram e ficaram morando somente a mãe, a irmã e ele. Nessa época, tornou-se *o único homem da casa*, e sentiu que *tinha que evoluir, tinha que começar a trabalhar, começar a ajudar, tomar um outro posicionamento dentro da casa, da vida*. Aragon acredita que a separação dos pais levou-o a uma antecipação da independência e da autonomia. Para ele, a vida adulta está ligada principalmente à responsabilidade. Começou a trabalhar aos 17 anos, já estudando à noite. Trabalhou até os 22 anos e nessa ocasião entrou para o curso de Educação Física na UFSC; como sua graduação exigia dedicação em período integral resolveu somente estudar, com o consentimento e apoio financeiro da mãe. Mas logo iniciou estágio em uma academia e trabalhou durante toda a graduação, sendo que continua atuando no mesmo local. Ao final da faculdade conheceu a atual companheira, com quem mora desde o início de 2009. Ela tem uma filha que Aragon ajuda a criar, e os três moram na casa da mãe dele, onde também ela reside, e todos ajudam nas despesas. O desejo de Aragon divide-se entre sair logo da casa da mãe com a companheira e a enteada para *ter a própria vida*, ou permanecer onde está para cuidar da mãe, porém assumindo mais as despesas da família e da casa.

Aragon produziu cinco imagens na segunda entrevista: (1) uma casa, não a sua mas de outra pessoa, *adulta* no seu entender, pois tem *total autonomia*; (2) uma cena de trabalho – um trabalhador em uma obra; (3) a si mesmo com a esposa; (4) um garoto, portador de necessidades especiais, que treina na academia em que ele é professor: segundo ele, com idade para ser *adulto* mas ainda *uma criança*; (5) a imagem de uma creche pois, segundo ele, ser *responsável por uma criança, mesmo não tendo nenhum vínculo com ela, isso também retrata uma pessoa já adulta*.

Sujeito 5: Pedro

Filho mais novo e temporão de uma família de três filhos – dois homens e uma mulher, perdeu a mãe aos 18 anos e desde então conviveu bastante com o pai – que se aproximou mais dos filhos – e os irmãos. Tem 39 anos, é casado e tem dois filhos adolescentes. Graduado em Publicidade e Propaganda, fez da casa onde a família morava, junto com seus irmãos, uma agência de publicidade que se tornou um grande negócio em sua cidade, Campinas – São Paulo. Todos os três escolheram a mesma profissão, e trabalharam juntos até dez anos atrás. Pedro relata que ter trabalhado na casa onde nascera trouxe a sensação de *ninho*, e estabeleceu uma *dinâmica* familiar que se iniciou após o falecimento da mãe – onde todos os dias seu pai saía do próprio consultório ao fim da tarde e ia tomar café com os filhos no seu escritório. Diz que sempre viveram muito em família. Até que decidiu mudar sua vida e vir com a esposa e filhos para Florianópolis, recomeçar *do zero*, reconstruir a carreira – na mesma profissão – e restabelecer o relacionamento familiar com sua esposa e filhos, que havia sido deixado em segundo plano em favor da vida profissional. Para Pedro, a vida adulta está ligada com *ter filhos, cuidar, passar o que você aprendeu e, principalmente, conseguir se sustentar, e construir tanto a sua carreira, como a sua profissão, e conseguir que isso te dê retorno financeiro*.

Nas suas cinco produções imagéticas, Pedro escolheu retratar: (1) o painel da recepção de um prédio comercial indicando as salas dos vários profissionais e empresas ali estabelecidas; (2) a folha de capa do jornal Gazeta Mercantil, imagem buscada na internet e fotografada; (3) um carro da Mercedes Benz; (4) a cabine de uma aeronave; (5) a entrada de uma sessão de filmes pornô em uma vídeo-locadora, com uma cortina preta e uma placa no alto com a palavra *adulto*.

Sujeito 6: Janaína

Janaína, 29 anos e natural de Curitiba, foi mãe aos 16, do primeiro namorado. Aos quatro meses de gravidez terminou a relação: *já tinha essa consciência do certo e do errado, e vi que não ia dar certo*. Teve muito apoio da família nessa época, dos pais e da irmã, mais nova. Nunca parou de estudar e, quando seu filho estava com um ano de idade, veio com a família morar em Florianópolis, onde já vivia a avó materna. Fez faculdade de Hotelaria, sempre trabalhando e morando com a família. Em 2009, com o término de um noivado, resolveu passar um

ano na Austrália e, um mês após sua partida, soube que o pai estava com câncer. Relata ter sido uma fase difícil, longe do filho e do restante da família. Quatro meses após seu retorno, o pai faleceu. Mudaram de casa e de bairro, e a mãe decidiu voltar para Curitiba. Janaína ficou morando com a irmã, o filho e a avó materna na nova casa. Ela sente-se o equilíbrio da família, mesmo não se sentindo a *chefe* – nesse caso a avó, por questões de *hierarquia* e *idade*. Relaciona vida adulta a responsabilidade, principalmente ao trabalho e às leis – estar sujeito a elas – mas lembra que se sentiu adulta pela primeira vez quando deu à luz seu filho. Janaína deseja cursar Serviço Social, profissão com a qual se identifica muito, e fazer mestrado também na área.

Para a segunda entrevista Janaína produziu nove imagens: (1) a foto da família, que apresentou em primeiro lugar: a avó e a tia-avó, a mãe, a irmã, o filho e ela; (2) pessoas esperando o ônibus para ir ao trabalho; (3) o trânsito em seu trajeto matinal; (4) um pai indo levar a filha na escola; (5) pessoas trabalhando nas ruas em campanha política; (6) um senhor de idade caminhando, representando o envelhecimento com saúde; (7; 8) senhora de idade *caminhando com a filha*; (9) prédio em construção, representando a vida adulta como uma construção.

4.1.2 As trajetórias de vida em ciclos

Analisando as trajetórias dos sujeitos da pesquisa a partir da solicitação *conte-me sobre a sua trajetória de vida*, foram encontrados elementos que apontam para a noção de ciclos de vida. No contexto da Psicologia, tal noção remete “aos estágios do desenvolvimento humano, um modo de organização das etapas da vida humana” (OLIVEIRA, 2004, p. 213). Habitualmente, a Psicologia tem construído suas teorias de desenvolvimento pautadas principalmente nos processos de maturação biológica. Um estudo feito por Mota (2005) mostra uma evolução da psicologia do desenvolvimento, desde seu início até os dias atuais, revelando a substituição de metodologias tradicionais por estudos que envolvam o contexto dos sujeitos, incluindo aspectos sociais, históricos e culturais – a exemplo das abordagens sistêmicas, as quais “há muito chamam atenção para a importância de se entender as diversas interações que ocorrem nos múltiplos contextos em que o desenvolvimento se dá” (MOTA, 2005, p. 107).

A presente investigação não pretende conceituar o desenvolvimento adulto, e talvez não se encaixe exatamente como uma pesquisa na área do desenvolvimento humano, porém permeia este campo científico, visto ser difícil caracterizar vida adulta sem abordá-lo

de alguma maneira. Na medida em que a expressão *vida adulta*, assim como as palavras *adulterez* e *adulto*, as quais serão frequentemente utilizadas nesta análise, remetem a um momento do ciclo de vida diferente de outros como a infância, a adolescência, a juventude ou a velhice, não se pode ignorar que está se abordando, entre outras questões, o desenvolvimento – porém contextualizado social e historicamente. Sendo assim, concordamos com a opinião de Oliveira (2004, p. 215), segundo a qual: “[...] a questão não é eliminar o problema da etapização do desenvolvimento, mas historicizar sua compreensão”.

Partindo desse modo de entendimento investigaram-se, nas histórias dos sujeitos, elementos que trouxessem luz à questão proposta nesse estudo. Nesse primeiro momento, analisando as trajetórias de vida, buscou-se compreender as singularidades em torno das quais eles se desenvolveram rumo ao ciclo de vida adulto. Ainda citando as palavras de Oliveira (2005, p. 214):

As transformações mais relevantes para a constituição do desenvolvimento tipicamente humano não estão na biologia do indivíduo, mas na psicologia do sujeito, muito mais referida, portanto, [...] às peculiaridades da história e das experiências de cada sujeito.

Apesar da singularidade nas histórias de vida de cada um, algumas similaridades foram encontradas, como a utilização da vida escolar e profissional como o eixo de suas narrativas, como ocorre claramente nos discursos de Lívia, Estér e Helena:

... eu fui estudar numa escola particular, (...) estudei lá até o quinto ano, (...) fui para o A. (...) estudei lá até a oitava série e depois fui para o E. (...) estudei lá até o terceiro, prestei vestibular e passei (...) para Psicologia. Daí me formei em 5 anos (...) comecei a fazer a licenciatura, (...) aí tive que trancar pois passei num concurso (...) trabalhei dois anos... (Lívia).

...meu irmão e eu nós fomos estudar em colégio adventista (...) até o término da 8ª série eu tinha por idéia fazer secretariado (...) já estava treinando em casa datilografia (...) comecei a fazer inglês (...) numa dessas orientações vocacionais (...) tinha lá uma coisa voltada para a área de esportes (...) aí minha mãe ‘ah, né, mas porque não a educação física (...)?’ E aí eles me alertaram muito com relação a salário, e tal, mas aí eu falei ‘não, mas eu acho que eu gosto desse negócio’ (Estér).

*...com 17, 18 anos terminei o **fundamental**, fiz **magistério** (...) fiz **cursinho**, aí fiz **vestibular**, prestei para educação física, passei na USP (...) no segundo ano comecei a **trabalhar**, numa academia em São Paulo (...) **trabalhei** lá até me formar (...) aí dei aula durante três anos, e no terceiro ano descobri que queria **fazer fisioterapia** (...) entrei pra faculdade particular, aí eu **fazia faculdade de noite e trabalhava de dia** (Helena).*

Utilizar a trajetória escolar para descrever a trajetória de vida em direção à adultez não chega a ser mera coincidência, considerando o papel da escola na socialização de crianças e jovens e no direcionamento destes para uma vida adulta. Camarano et al (2004, p. 24) fazem uma oportuna colocação a esse respeito:

com objetivos e demandas reconfigurados ao longo do tempo, a escola permanece sendo uma das grandes responsáveis pela inserção dos jovens no mundo adulto, seja na acepção da escola como propulsora de cidadania, seja com a finalidade de preparação para o mercado de trabalho.

A trajetória escolar acontece em ciclos, e estes se evidenciam na descrição pelos sujeitos dos vários ciclos escolares pelos quais passaram – seguidos da trajetória profissional. Como salienta Oliveira (2004), a idéia de ciclos de vida, no contexto de vários sistemas de ensino brasileiros, remete aos ciclos de formação escolares, e nas narrativas acima essa ligação é evidente. Das três narrativas, a de Lívia mostra-se mais detalhada e dividida em cada ciclo escolar – o maternal, o ensino fundamental, o ensino médio, o vestibular, a faculdade, a licenciatura. O fato de ser uma profissional inserida há pouco tempo no mercado de trabalho possivelmente contribui para essa narrativa mais minuciosa da trajetória escolar, ainda recente. Mesmo quando se refere às mudanças psicológicas pelas quais passou, Lívia utiliza-se dessa trajetória como referência para localizar os acontecimentos no tempo:

*...quando eu vim para Florianópolis, eu me lembro que... tava bem assustada, assim, de **ir para um colégio novo** (...) mas eu acho que até que eu **me adaptei**, assim, foi indo (...) daí eu me lembro que teve uma fase, ali do **segundo, terceiro ano escolar**, que eu me lembro que passei por uma **fase assim bem ruim** (...)quando entrei **na faculdade melhorou um pouco...** (Lívia)*

Já nos discursos de Estér e Helena, por exemplo, profissionais há mais tempo no mundo do trabalho, os ciclos escolares apresentam-se de forma resumida, partindo do ensino médio ou da graduação em diante, já incluindo informações sobre o ciclo profissional, desde a escolha do curso até a entrada no mercado de trabalho.

Outras características das falas dos sujeitos também apontam para a noção de ciclos de vida. As mudanças de cidade são um exemplo, pois são citadas como momentos de fechamento de um ciclo e início de outro, seja do próprio sujeito ou de todo o sistema familiar, chegando a sugerir um corte, com o recomeço a seguir:

*...eu nasci em São Carlos (...) depois a gente mudou para Piracicaba por motivo de trabalho (...) aí eles resolveram vir prá Florianópolis (...) **começaram tudo de novo aqui...** (Lívia)*

*...aqui eu cheguei, com a mala cheia de conhecimento, vivência e tudo mais, mas num lugar em que ninguém... nem imaginava que eu existia né. Então **vamos começar do zero...** (Estér)*

*...e foi quando eu decidi há dez anos mudar prá cá, mudar minha vida (...) vivia numa loucura de trabalho (...) praticamente só trabalhava (...) e foi quando eu falei, né, **eu vou parar tudo e vou... reconstruir.** (Pedro)*

Independente da palavra que os sujeitos utilizem em seus discursos para definir as mudanças durante a trajetória para a vida adulta, tais mudanças evidenciam-se como períodos de aprendizado e crescimento, onde geralmente decisões importantes foram tomadas visando atingir outra fase, estágio ou ciclo, cada qual com particularidades e dificuldades próprias as quais, depois de superadas, se parecem mais simples do que eram no início:

*...então foi uma **nova fase**, que daí eu falei 'bom, então agora vou ter que... pensar só na minha família, né. (Janaína)*

*...fiz uma faculdade, tenho a minha independência financeira, tenho a própria família, tenho as próprias pessoas por quem... dependem de mim (...) isso já é um **outro estágio**, uma **outra evolução...** (Aragon)*

*...por isso que estou no **maior desafio da minha vida**, agora. Não sei, se dá prá codificar como era atrás, né, que montar a clínica foi difícil, fazer fisioterapia foi difícil... mas eu estou num **outro lugar** agora, (...) que vai mesmo me levar pra uma vida adulta (...) nesse **momento** que eu estou, que antes acho que era montar um consultório, comprar um*

*apartamento, morar sozinha, comprar um carro... mas **hoje em dia**, expressar quem eu sou, é o **maior desafio** prá mim...* (Helena)

Mesmo designando momentos da trajetória para a vida adulta como fases ou estágios diferente, os participantes da pesquisa revelaram uma **concepção histórica** dessas trajetórias, percebendo-as não como uma sequência linear de etapas intercaladas por momentos de mudança, mas como uma **construção**, um processo complexo envolvendo todo um contexto histórico e o qual se transforma em direção a esta vida adulta, o qual se configura em **ciclos** interligados entre si em vários aspectos, e que não chegam a se fechar.

Tal ponto de vista veio ao encontro da perspectiva sócio-histórica adotada nesta investigação, bem como da opinião de autores como Camarano (2006), Pais (2009) e Sousa (2007), segundo os quais a transição para a vida adulta na contemporaneidade não se configura em um processo linear e segmentado em diferentes etapas sincronizadas, caracterizando-se mais como impreciso e variável historicamente. Tal processo, entre os sujeitos pesquisados, muitas vezes mal foi percebido, tornando-se difícil para eles definir os momentos em que ocorreram mudanças de um para outro ciclo. Buscando descrever a vida adulta em palavras, eles trouxeram à pesquisa contribuições com narrativas singulares, mas todas elas denotando transição, movimento, formando um conceito aberto que remete à noção de **processo**:

*...a gente mesma não consegue ter um conceito totalmente formado do que é ser adulto, (...) é muito difícil, estabelecer, objetivar, **uma coisa que realmente está sempre em processo**, assim, e isso com relação ao conceito, né, à pergunta **o sentido do que é ser adulto**...* (Lívia)

*...no fundo acho que foi um **processo gradativo** meu né (...) foi tudo um processo.* (Helena)

*... é uma coisa tão natural, que não tem um momento exato (...) acho que é **uma construção**, né, que você vai se formando. É uma **coisa gradativa** (...) você vai crescendo e tendo que mudar de atitudes (...) seu grau de... adulto vai aumentando...(...) acho que é **mais gradativo, mais lento, você acaba não notando, mas acaba se formando**.* (Aragon)

*...**não sei como**, mas a gente chega lá, né. **Quando a gente olha, a gente já tá lá**, né, 'oh, já sou adulto'. A gente até se assusta quando... mas enfim acho que se concretizou.* (Pedro)

Um dos sujeitos, ao utilizar-se da palavra **construção**, deu um tom de finalização ao processo de se tornar adulto, produzindo uma imagem para falar sobre esse sentido da vida adulta:



Fotografia 1: construção (Janaína).

*... ser adulto é o quê, é **construir**. É **saber construir**. Então é montar cada tijolinho, é fazer o acabamento... prá depois (...) depois a gente vê, né, finalmente o prédio **todo prontinho**.* (Janaína)

Os trechos trazidos acima se mostraram, no contexto das entrevistas, como falas organizadoras das narrativas dos sujeitos, sendo ditas em tom de conclusão. Ao refletirem e falarem sobre o significado de vida adulta, construíram e revelaram também os seus sentidos em seus discursos, sustentados nas vivências pessoais, singulares, experimentadas por eles em suas trajetórias. Tal construção deu-se num processo circular, dialético, onde o que era dito se enriquecia a partir de novas lembranças da história de vida, e tais histórias iam se compondo com os sujeitos ora re-significando, ora reafirmando o que havia sido trazido pela linguagem até então. A produção de imagens ligadas à vida adulta pelos sujeitos, bem como a divisão da entrevista em dois momentos – sendo o segundo após tal produção – colaborou nessa construção e no aprofundamento da reflexão a respeito dos sentidos atribuídos a ela.

Em síntese, as narrativas e imagens selecionadas para este núcleo apontaram para a noção de ciclos de vida, bem como para a trajetória em direção à vida adulta como uma construção, um processo dialético e gradativo, corroborando com os autores aqui

referenciados e com a noção de sujeito constituído social e historicamente.

4.1.3 Os momentos marcantes do reconhecimento da vida adulta

Apesar de haver pontos marcantes da vida adulta nas trajetórias narradas, foi difícil para os sujeitos definir um marco exato, prevalecendo novamente a noção de movimento, construção. Como afirma Pais (2009, p. 372), “há uma grande variabilidade na determinação das fronteiras entre as várias fases de vida”. O autor ressalta que estudos recentes sobre ciclos de vida demonstram já não haver tanta intensidade nas fronteiras entre gerações. Torna-se difícil estabelecer limites entre diferentes ciclos da vida, e mesmo identificar quando um termina e outro se inicia. Da mesma forma ocorreu com os sujeitos da pesquisa: respondendo à pergunta *“você se recorda da primeira vez em que se reconheceu como adulto?”*, ora buscavam recordar um momento, ora voltavam a descrever vários deles, cada qual marcante no tempo e contexto em que ocorreram, demonstrando em seus discursos a dificuldade em se definir um único marco do status de adulto e o quanto suas trajetórias se definem como processos abertos e circulares. Tais respostas estão organizadas no Quadro 2, na próxima página.

As falas demonstraram novamente o caráter processual da vida adulta e o quanto ela se constrói em ciclos, com as transformações ocorrendo aos poucos, mas em alguns momentos, também aos saltos. Alguns acontecimentos parecem levar a um reconhecimento abrupto do status de adulto, como mostram os seguintes trechos:

...um outro ponto marcante, quando... formatura: ‘nossa, agora eu sou formada’... (Lívia)

...eu lembro quando eu comprei um terreno (...) depois que eu comprei e acabei de pagar eu me assustei – falei “olha!”, é... (...) isso me deu uma sensação assim de ‘olha, não sou mais moleque’. (Pedro)

...a primeira vez que você vai trabalhar. (...) quando você recebe o seu primeiro salário você acha que você é... ‘ah, não preciso mais da minha mãe’... (Aragon)

Quadro 2: momentos da trajetória de vida em que os sujeitos se reconheceram como adultos.

Nome	Momentos da trajetória de vida em que se reconheceu como adulto(a)
Lívia	<p>...quando entrei na faculdade, assim, eu me achava a adulta – ‘agora eu estou na faculdade’... esse é um ponto marcante, assim (...) formatura: ‘nossa, agora eu sou formada, sou psicóloga (...) cada vez a gente vai meio que (...) é um degrau a mais (...) nossa, quando eu comecei a trabalhar, né, meu primeiro emprego, que passei num concurso, não sei o quê (...) me senti super adulta (...) ter tido um namoro longo, duradouro, que não foi uma coisinha de adolescentes (...) isso me faz sentir assim, ‘nossa, já tenho uma super experiência de relacionamento’. E foi um relacionamento de adulto...</p>
Estér	<p>...eu sempre fui meio adulta (...) eu tinha 8 anos de idade (...) 10, 11 anos. Fui sair prá comprar uma roupa de aniversário, minha mãe me compra um <i>tailleur de bouclet</i>. Dez anos! Então, assim: quando ela falou assim ‘isso é roupa de mocinha’ – a partir daquele momento, nossa (...) eu já me posicionava mais formal, né.</p> <p>...o meu coordenador me chamou (...) ele falou assim... ‘só te chamei aqui para te dizer que estou extremamente satisfeito com o seu trabalho’. Aí foi lá que eu falei: ‘Pô, agora eu sou a cara né (...) quando eu tive esse... essa reposta eu falei ‘nossa...(suspira) cheguei</p> <p>...foi quando meu pai me deu o tal do carro e falou ‘a partir de agora vc vai se tornar responsável por ele’...</p>
Helena	<p>...a primeira coisa que vem na minha cabeça foi quando eu fui morar... quando eu comprei o apartamento, que eu fui morar sozinha. (...) esse movimento de sair, eu acho que ali eu dei um passo, prá minha vida adulta, assim. (...) por que daí eu assumi... sabe, essas contas básicas da vida que é IPTU, de casa, então (...) ali foi diferente mesmo (...) ali era meu primeiro imóvel (...) logo depois já comprei um carro mais novo...</p>

continua

continuação

Nome	Momentos da trajetória de vida em que se reconheceu como adulto(a)
Aragon	<p>...a partir do momento que eu comecei a ter aquela consciência minha, de ter que tomar novas atitudes, não ia poder simplesmente ser mais um na casa (...) participar mais (...) conseguir trabalhar (...) me manter mais, ter maior independência, não levar tantos problemas meus prá dentro de casa, eu mesmo resolver, ter essa autonomia, então aquele é um momento... (<i>quando os pais se separaram</i>)</p> <p>...acho que é sempre o primeiro emprego... a primeira vez que você vai trabalhar (...)você recebe o seu primeiro salário (...) ‘ah, não preciso mais da minha mãe’ (<i>risos</i>), ‘não preciso mais da minha mãe, tenho o meu próprio dinheiro...não tem mais que me dizer o que fazer...’</p>
Pedro	<p>...quando eu comprei um terreno (...) acabei de pagar eu me assustei – falei “olha!” (...) me deu uma sensação (...) ‘olha, não sou mais moleque’.</p> <p>...a sensação de adulto realmente veio quando eu me mudei prá cá. Por que aí eu me desliguei de tudo (...) o que é que eu faço, sozinho, sem ninguém (...) não é mais o sobrenome, né, que te carrega (...) que te facilita a conhecer pessoas (...) realmente a prova final foi quando eu me mudei prá cá (...) tive que refazer tudo de novo, minha vida e... deu certo. E quando deu certo, acho que a gente fala, ‘pô, eu consigo, né, sem aquilo’.</p> <p>...uma coisa que marcou minha vida, que é, foi a primeira vez que meu pai falou essa frase prá mim, que (...) me fez me sentir, sabe, homem (...) ele falou: ‘então é palavra de homem, posso confiar em você’ (...) e eu falei: ‘pai, é compromisso de homem’.</p>
Janáína	<p>...a primeira vez em que eu me senti adulta foi quando... foi no parto do C. (filho), né (...) ali eu me senti adulta.</p> <p>...o primeiro trabalho, também (...) fazia faculdade e trabalhava (...) a correria do dia-a-dia, né, sair às sete horas da manhã, voltar só onze e meia, meia-noite, todo o dia, todo o dia, todo o dia (...) ‘gente, to tendo vida realmente de adulto, né’ (...) quando eu me formei (...) me senti adulta; também quando eu viajei para fora do país sozinha, me senti adulta, né...</p> <p>...o que me tornou adulta mesmo foi a maternidade (...) a partir dali que eu comecei a enxergar a vida de outra forma, (...) a enxergar minha mãe de outra forma (...) com olhos de mãe...</p>

Os relatos recém-citados expressam um sentimento de surpresa ao se perceber adulto após um momento de mudança rápida de *status* – como a de estudante para profissional, no caso de Lívía ao ver-se formada. Mota (2005) aponta que os períodos tradicionalmente considerados como de transição rápida, ou seja, a infância, a adolescência e o envelhecimento, foram os mais estudados até então pelas teorias do desenvolvimento e supostamente os que acarretam maiores mudanças nos sujeitos. Porém, coloca o que há de novo na contemporaneidade a respeito dessas teorias:

Teorias contemporâneas do desenvolvimento aceitam que as mudanças são mais marcadas em períodos de transição rápida, mas mudanças ocorrem ao longo de toda a vida do indivíduo, não só nestes períodos. Portanto, é preciso se ampliar o escopo do entendimento do que é o estudo do desenvolvimento humano (p.107).

As afirmações dos sujeitos durante as entrevistas confirmam o quanto mudanças ocorrem durante toda a vida. Mais uma vez houve similaridades em seus relatos, bem como particularidades as quais se explicitam na unicidade de cada história de vida e demonstram os sentidos de vida adulta para cada um, como a exemplo de Janaína ao relacionar sua vida adulta à maternidade, e de Aragon ao falar da mudança pela qual passou por ocasião da separação dos pais. Alguns momentos, como aqueles relacionados à trajetória escolar e profissional, são citados com frequência como marcantes da vida adulta, denotando aquilo que Pais (2009) chama de uma regularidade, que traz em si marcas culturais:

As trajetórias de vida são singulares, mas inscrevem-se em regularidades que têm marcas culturais. As fases de vida – e as representações que delas se têm – são uma clara expressão dessas regularidades. Se existem fases de vida é porque se encontram sujeitas a regularidades, embora cada indivíduo possa viver singularmente o seu próprio curso de vida (p. 374).

O fato de haver regularidades nas falas dos sujeitos remete à noção de significado, este compartilhado socialmente: momentos como a formatura, o primeiro emprego, adquirir um bem (carro, imóvel);

práticas e experiências como ter um relacionamento estável, tornar-se independente dos pais, responsabilizar-se pelo próprio cotidiano, pagar contas, viver a correria do dia-a-dia, morar na própria casa, saber posicionar-se perante os outros e ser colocado na posição de adulto pelos pais.

De uma forma ou outra, cada sujeito procurou estabelecer em sua trajetória os momentos marcantes da vida adulta conforme as experiências singulares por ele vividas, a exemplo da frase de Estér:

...eu sempre fui meio adulta.

A narrativa de Estér marca o quanto o sentido de vida adulta para ela está bem mais relacionado às suas práticas, crenças e valores desde a infância, do que à idade cronológica ou a fatos marcantes que viveu. Estér sugere em seu discurso uma relação entre vida adulta e uma determinada maneira de se posicionar, de se construir e ser construído nas e pelas relações. Há os momentos marcantes, mas na história de Estér um posicionamento segundo ela adulto esteve presente desde muito cedo, e foi na relação com seus pais – especialmente com a mãe – que tal posicionamento se constituiu.

Janaína, de maneira similar, reconheceu-se cedo como adulta– ao tornar-se mãe repentinamente, com dezesseis anos, e passar por uma cesárea enfrentando um medo que sempre teve. **Tornar-se mãe**, no caso dela, foi o grande marco da vida adulta, assim como a marcou o **primeiro emprego** – o que igualmente aconteceu com Lívia e Aragon. Tradicionalmente, a saída da casa dos pais, aliada à constituição de uma nova família, são momentos que correspondem à transição para a vida adulta (PAIS, 2009; CAMARANO et al, 2004; GUERREIRO e ABRANTES, 2005; HENRIQUES; JABLONSKI; FÉRES-CARNEIRO, 2004; SOUSA, 2007; BORGES e MAGALHÃES, 2009), assim como a conquista da independência financeira pela entrada no mercado de trabalho. Porém, como nos lembram Camarano et al (2004), a idade em que tais eventos acontecem já não é previsível:

[...] Tais processos estão articulados com a inserção do jovem no mercado de trabalho, sua escolaridade e condição no novo domicílio, podendo alterar-se ao longo do tempo [...] esses processos, que tradicionalmente marcam a transição para a vida adulta, não ocorrem mais de

forma linear, não sendo também mais possível prever a idade em que eles ocorrerão (p. 31).

Mesmo com a crescente indefinição entre os ciclos de vida na contemporaneidade, continuam existindo alguns ritos de transição para a vida adulta, bem como faixas de idade socialmente estipuladas para a passagem por esses diversos ritos. Pais (2009, p. 374) sustenta:

[...] continuam a ser valorizados determinados marcadores de passagem entre as várias fases de vida, havendo um reconhecimento genérico quanto às idades mínimas para se ter relações sexuais, deixar a escola, casar ou ter filhos.

É provavelmente por essa razão que Janaína refere-se à maternidade como um evento precoce em sua vida.

Outras declarações dos sujeitos em relação à vida adulta dizem respeito ao **reconhecimento** vindo por parte de um outro significativo, como no caso dos pais. Ser **nomeado adulto** por eles reforçou o reconhecer-se como tal, nas experiências de Estér e Pedro:

...quando ela (mãe) falou assim 'isso é roupa de mocinha'... (Estér)

...ele (pai) falou: 'então é palavra de homem, posso confiar em você' (...) e eu falei: 'pai, é compromisso de homem'... (Pedro)

A identificação dos sujeitos como adultos foi ressaltada por Camarano et al (2004, p. 43) e considerada pelas autoras um aspecto importante a ser investigado em pesquisas posteriores à sua:

[...] se tornar adulto não depende apenas da passagem por determinadas etapas de vida, sendo importante também a identificação do jovem como um adulto. Ambas as condições são construções sociais que dependem do significado que lhe são atribuídos nos diferentes contextos culturais e nacionais.

As expressões *roupa de mocinha* e *palavra de homem*, ditas respectivamente pela mãe de Estér e pelo pai de Pedro, refletem as construções sociais referidas pelas autoras na citação acima, e qualificaram tais sujeitos como adultos em determinados momentos de suas vidas. Analogamente, essa identificação como sujeito adulto pode

partir de um outro que não seja pai ou mãe, mas igualmente significativo, como o chefe no local de trabalho – a exemplo do ocorrido com Estér, a qual recebeu um elogio que a fez identificar-se como adulta:

*...ele (chefe) falou assim... ‘só te chamei aqui para te dizer que **estou extremamente satisfeito com o seu trabalho**’ (...) quando eu tive essa resposta eu falei ‘**nossa...** (suspira) **cheguei**’ (Estér)*

Para os sujeitos, os momentos marcantes do seu reconhecimento como adultos distribuem-se em suas vidas de forma não linear, confirmando afirmações de vários estudiosos sobre o tema, as quais apontam para mudanças nos modos de transição para a vida adulta na contemporaneidade (PAIS, 2009; CAMARANO et al, 2004; GUERREIRO e ABRANTES, 2005; HENRIQUES, JABLONSKI e FÉRES-CARNEIRO, 2004; SOUSA, 2007; BORGES e MAGALHÃES, 2009). Mesmo sendo esses momentos em geral ligados a temáticas tradicionalmente atribuídas ao adulto – como autonomia dos pais, trabalho, casamento, filhos, independência financeira – não há uma regra entre os sujeitos. Reconhecer-se adulto é um processo que pode trazer, inclusive, **retrocessos** - como fica claro nesta colocação de Lívía:

*...agora que eu voltei prá casa né.. (...) volta num papel muito mais (...) de **filho**, assim, né (...) acaba se **acomodando de novo** nas coisas (...) eu mesma fazia, o **dia-a-dia**, né. (...) agora, aqui ‘ah (...) não preciso manter o banheiro, né, não preciso recolher o lixo do banheiro, porque amanhã, vão recolher prá mim’ (...) a gente vai deixando de fazer, e eu me sinto meio **retrocedendo**, assim... (Lívía)*

Atualmente, os modelos de transição para a vida adulta seguem mais o estilo proposto por Pais (2005, *apud* PAIS, 2009), denominado de “trajetórias ioiô”, em que os jovens ora estão empregados, ora desempregados; ora casados, ora descasados; ora estudando, ora abandonando os estudos; ora morando com a família de origem, ora não. Essas mudanças de modelos baseiam-se principalmente nas dificuldades que a juventude encontra para alcançar a independência financeira e consequente autonomia dos pais. Os seguintes trechos exemplificam o modelo ioiô:

*...fiquei 2 anos em C. trabalhando (...) **morei com meu namorado** da época e **depois morei sozinha** (...) daí voltei (...) para Florianópolis, por escolha (...) **tive que voltar para a casa dos meus pais** por questões*

financeiras, por que eu não teria, não tenho um salário fixo prá poder me manter sozinha.... (Lívia)

...eu já tinha morado sozinha, (...) mas quando eu mudei, saí... por que nessas trajetórias eu acabei voltando a morar com meus pais, mesmo eu pagando as contas da casa... – eles não moravam aqui, né, eles moravam em São Paulo (...) eu pagava as despesas da casa, mas a casa era deles... (Helena)

Interessante notar que, assim como no modelo ioiô de transição em que os filhos necessitam do apoio dos pais de tempos em tempos, há trajetórias como a de Estér, onde o fato de ainda morar com os pais advenha de uma combinação entre dois fatores de certa maneira antagônicos entre si: ao mesmo tempo em que ainda não tem condições de adquirir o próprio apartamento precisou, junto com o irmão, ajudar os pais a se manterem desde que estes passaram por um período de perdas financeiras:

...a partir daí, os meus pais passaram – é como se eles transferissem a responsabilidade, até de suas próprias vidas prá gente (...) antes de tomar qualquer atitude, entre eles mesmo, eles meio que olhavam prá mim e pro meu irmão – como criança olha pro pai, né – ‘e aí, você aprova, vc acha legal...’, né. (...) Assim, teve a transferência de responsabilidade, sim, e eu acredito que esse foi também um dos fatores que... que carimbaram assim: ‘você é adulta’”(Estér).

A transferência de responsabilidade à qual Estér se refere foi um dos marcos da sua adultez, na medida em que a fez trocar de papel com seus próprios pais. Por ainda residir com os mesmos, poderia estar abaixo deles na hierarquia familiar, ou seja, muito mais sendo apoiada por eles do que os apoiando. No contexto atual, muitos filhos adultos continuam morando com seus pais, com algum grau de dependência dos mesmos, ainda que possuam as condições mínimas para dali saírem e iniciarem a própria vida.

Mas este não parece ser o caso de Estér, a qual com sua independência financeira não só colabora no orçamento familiar como também estabelece regras em casa responsabilizando-se pelos pais e pela avó e, enquanto contribui com o orçamento familiar, organiza-se para adquirir o próprio imóvel. Ao usar o verbo *carimbar* para se referir ao reconhecimento como adulta, ela parece demonstrar uma condição em sua vida – pois só se pode ser carimbado por alguém – no caso dela, pelas circunstâncias de sua trajetória, pelos *fatores* aos quais se refere.

Os momentos marcantes da adultez para os sujeitos da pesquisa, portanto, vieram ao encontro dos estudos sobre a transição para a vida adulta na contemporaneidade, ao mesmo tempo revelando singularidades que indicam os sentidos atribuídos a ela por cada um deles. Dentre esses sentidos, têm destaque a conquista da independência, da autonomia no cotidiano, além das responsabilidades assumidas e do trabalho, citados por todos os sujeitos como importantes marcos da vida adulta, bem como a maternidade. Tais sentidos fazem parte do próximo núcleo de significação, descrito na sessão a seguir.

4.2 SENTIDOS DE VIDA ADULTA: INDEPENDÊNCIA, RESPONSABILIDADES E TRABALHO

Ao ouvirem a pergunta: *o que significa vida adulta para você?*, os participantes da pesquisa construíam com poucas palavras um conceito ou significado de vida adulta que, ao longo das questões seguintes, ia sendo pouco a pouco detalhado. Na medida em que aparecia a singularidade de cada relato, ampliavam o significado e ao mesmo tempo revelavam os sentidos de vida adulta para cada um. As respostas encontram-se selecionadas no Quadro 3.

Ao iniciar a análise deste núcleo, refletiu-se a respeito dessa primeira pergunta da entrevista – talvez pudesse ter sido construída de outra maneira, considerando que perguntar pelo significado remete naturalmente ao conceito. Porém, fazer tal questionamento utilizando a palavra “significado”, mas complementando-a com “para você” permitiu, tanto perceber em alguns sujeitos esse movimento entre a construção de sentidos e a revelação de significados, como obter em outros uma resposta remetendo mais claramente aos sentidos, ao que significava vida adulta para aquela pessoa em particular, como nessa afirmação:

Nossa, vida adulta para mim significa muito, porque é assim, quando percebi que eu estava adulta (...) o que me tornou adulta mesmo foi a maternidade (...) mesmo sendo nova, e antes da hora ou não... (Janaína)

Para Janaína o sentido de vida adulta reside no fato de ter-se tornado mãe. Essa experiência, que ocorreu em sua vida antes de atingir a maioridade, carregou em si elementos objetivos e subjetivos.

Quadro 3: concepções de vida adulta

Nome	O que significa vida adulta para você?
Lívia	Associo bastante à independência financeira , não conquistada já, mas uma busca, sempre. Fazer planos para sempre estar crescendo, conquistando coisas para chegar nessa independência dos pais , não depender dos pais, e uma busca também de realizações profissionais, pessoais , de repente já se envolver com alguém mais seriamente , no sentido de vida pessoal, e com relação à vida profissional, também, estar na busca disso para se firmar profissionalmente...
Estér	...eu definiria vida adulta como maturidade – ou conquistada, ou adquirida, enfim, acho que as duas coisas juntas. (...) essa maturidade, ela me permite (...) (<i>dizer coisas que</i>) anos atrás eu não falaria, eu deixaria prá lá. Talvez por uma insegurança, por uma incerteza de identidade... né. Hoje eu sei que essa minha identidade , ou essa minha maturidade me permite, não só contar quando uma coisa não me agradou como também o contrário. (...) como se algo me permitisse . Eu tenho permissão para. E aí, eu vou, eu falo, eu ajo (...) Ou eu me permito, sem ter medo...
Helena	Acho que a vida adulta é isso, tomar posse do seu conhecimento; que pode ser pouco, às vezes, mas pouco por que você às vezes... pensa que é pouco, mas para o outro pode ser uma... muito. Então é também a gente abaixar o nosso ego, né, abaixar um pouquinho a nossa auto-crítica , e... saber que sempre ta aprendendo , né; sempre ta aprendendo. Então eu acho que a palavra responsabilidade tá vinculado muito a uma vida adulta. É que eu acho que adulto, na maturidade você é mais... você, é... digere mais as coisas né. Você não pega e fala... é... você reflete mais no que você fala, você pensa mais . É menos impulsivo (...) acho que tem mais, um peso muito maior no que a gente fala, no que a gente faz... eu sinto isso, que alguma coisa que eu fale a pessoa ‘ah, você falou isso. Ah, é’ – quer dizer, tinha uma identidade , no que eu falei. ...prá mim acho que a fase adulta é isso, né. Você falar o que você pensa, o que você é, quem você é . Isso aí representaria a fase adulta.
Aragon	...vida adulta significa assim, a partir do momento que você começa a responder pelas suas responsabilidades , né, seus atos. (...) começa quando você começa a entender, que os seus posicionamentos , suas ações, vão refletir praticamente nas consequências...
Pedro	Vida adulta, né... olha, é difícil responder em poucas palavras, mas (...) acho que tá ligado um pouco com... você ter filhos, cuidar, passar o que você aprendeu – quando você era criança com o teu pai – passar isso para os teus filhos, criar os seus filhos, prá mim acho que é uma responsabilidade da vida adulta; acho que é você, principalmente, conseguir se sustentar , e construir tanto a sua carreira , como a sua profissão , e conseguir que isso te dê retorno financeiro (...) não vejo que necessariamente casamento tenha ligação com vida adulta, mas no meu caso acho que sim, eu tinha esse plano (...) ‘você fica adulto quando você casa, quando você tem filhos e quando você trabalha e estuda’ (...) Acho que esses três pontos aí são... o casamento, filhos e a sua profissão , o que você faz para poder se sustentar e chegar aonde você quer.
Janáína	Nossa, vida adulta prá mim significa muito , porque é assim, quando percebi que eu estava adulta, surgiu muita dúvida, medo, preocupação com o futuro, né, principalmente com o C. (<i>filho</i>), então acho que a vida adulta é sinônimo de responsabilidade , né. Responsabilidade. Fazer tudo com responsabilidade. É isso.

Objetivamente, Janaína passou pelo parto e deu à luz um filho; subjetivamente, esse fato a fez sentir-se adulta aos dezesseis anos de idade. Na frase dela fica explícita a noção de sentido – o signo adulto, para Janaína, correspondeu à sua **maternidade precoce**, e a ênfase com que respondeu rapidamente à pergunta demonstra o afeto presente em sua afirmação. Como afirmam Aguiar e Ozella (2006, p. 227):

[...] a separação entre pensamento e afeto jamais poderá ser feita, sob o risco de fechar-se definitivamente o caminho para a explicação das causas do próprio pensamento, pois a análise do pensamento pressupõe necessariamente a revelação dos motivos, necessidades e interesses que orientam o seu movimento.

Para os autores, o sentido aproxima-se mais da subjetividade que melhor expressa o sujeito, e há uma relação direta entre o aspecto afetivo e o simbólico. Assim como no relato de Janaína, nas respostas dos demais sujeitos apreenderam-se os sentidos de vida adulta por eles atribuídos, estes particularmente relacionados a motivações, necessidades e interesses – ou seja, relacionados ao afeto.

A **independência** ou **autonomia** – o **auto-sustento** na vida em geral, foi um aspecto enfatizado na fala de todos, assim como a **responsabilidade**. Aspectos como aprender a dar conta de si mesmo, sustentar-se financeiramente, saber realizar as tarefas do cotidiano sozinho, num processo que inclui se tornar independente dos pais, foram considerados por eles relevantes, quase condições do adulto. Como nos trechos a seguir:

...o auto-sustento é muito importante prá mim... (Helena)

...acho que é você, principalmente, conseguir se sustentar, e construir tanto a sua carreira, como a sua profissão, e conseguir que isso te dê retorno financeiro (...) isso está ligado com vida adulta... (Pedro)

...a correria do dia-a-dia, né, sair às sete horas da manhã, voltar só onze e meia, meia-noite, todo o dia, todo o dia... às vezes eu olhava e “gente, to tendo vida realmente de adulto, de gente grande..”.(Janaína)

A **independência financeira** é um dos marcos da vida adulta – primeiramente, como a conquista da independência dos pais, e a partir daí a capacidade de sustentar também outras pessoas e responsabilizar-

se por elas. Em famílias com filhos adultos morando em casa, ter dinheiro a partir do trabalho pode significar, para alguns deles, mais do que a capacidade de se manter, trazendo também a liberdade para negar explicações aos pais de suas escolhas, alterando as relações de poder e hierarquia na família, muitas vezes permeadas pelo dinheiro e evidentes entre pais e filhos, como se expressa no relato de Estér ao trazer as falas do pai e da mãe a esse respeito:

...no magistério, eu queria, já trabalhar. Mas ele dizia assim: “não precisa, eu te dou tudo” (...) aí eu falava assim, prá ele... “ta, mais acontece o seguinte, eu quero comprar um batom, e eu não quero falar prá você – me dá 5 reais que eu quero comprar um batom...” (Estér)

...quando ela disse assim... “ah, porque você fica comprando presente a torto e a direito, e o teu salário vai todo só nisso” – eu respondi prá ela: “Se eu quiser pegar o dinheiro e colocar no vaso e dar descarga, o problema é meu, porque quem trabalha sou eu, quem paga o preço dia-a-dia sou eu, não é você”. (Estér)

O auto-sustento financeiro, apesar de importante, está apontado como uma consequência do **trabalho**, este sim, central na vida dos sujeitos e um dos sentidos da vida adulta presentes em seus discursos. Sustentar-se economicamente mostra-se em evidência, porém trabalhar parece conferir mais valor aos sujeitos, possuindo um sentido de importância maior do que a independência econômica. O fato de todos eles possuírem curso superior provavelmente contribuiu para que enfatizassem não só o trabalho como também os estudos, mais ainda pelo fato de se mostrarem em geral bem identificados com suas próprias escolhas profissionais. Soares (2002) afirma que o desempenho de uma profissão é um dos requisitos para alguém ser considerado adulto, e a escolha profissional, nesse sentido, inauguraria a entrada na vida adulta para os jovens que decidem ingressar no ensino superior, o que foi o caso dos sujeitos desta pesquisa. Todos eles falaram a respeito da formação educacional e relacionaram o trabalho à vida adulta, tocando nesse aspecto logo no início de seus relatos de vida, a exemplo dos trechos a seguir:

Eu comecei a trabalhar com 17, quase 18 anos (...) sempre trabalhei, até os 22, aí eu entrei prá faculdade (...) acabei conseguindo um estágio, já de início, e sempre trabalhei durante a faculdade, foi um período bem difícil... (Aragon)

...desde os 19 anos eu trabalhava, já, era registrada, tudo (...) eu fazia faculdade de noite e trabalhava de dia. (Helena)

A **centralidade do trabalho** na vida dos sujeitos da pesquisa também está relevada em suas produções imagéticas. Aragon, Janaína e Lívya trouxeram falas e cenas relacionadas ao trabalho, para demonstrar a importância deste na vida adulta:



Fotografia 2: trabalhador em uma construção (Aragon).

*...a questão do **trabalho**, né, você ter um trabalho, ter uma renda, ter um... adquirir; aqui são os rapazes que estão trabalhando na construção... (Aragon)*

Lívia fotografou a sala em que atende como psicóloga para retratar a centralidade do trabalho na vida adulta:



Fotografia 3: a sala de atendimento (Lívia).

*...eu acho que ta muito associado, o trabalho com o adulto. [...] essa é uma sala em que eu atendo [...] toda a vez que eu vou nesse ambiente, essa sala e a sala de espera, eu sempre vou muito com a essa coisa do **profissional**. (Lívia)*

Janaína salientou a importância e centralidade do trabalho na vida adulta independentemente do tipo de labor realizado, enfatizando a **honestidade** e a **competência** como signos da adultez, e referiu-se à questão da igualdade entre as pessoas em diversos trechos de entrevista. Aqui, utilizou-se do vestuário como um símbolo ao afirmar que o trabalho insere as pessoas na vida adulta – independente do tipo de traje exigido socialmente para aquela função ou trabalho:



Fotografia 4: pessoas trabalhando nas ruas (Janaína).

...eu queria demonstrar aqui, na verdade, através (...) da aparência das pessoas, né, o trabalho. Que não importa o que você faça, não importa o seu trabalho. Acho que para ser adulto não importa o que você faça, né. Se você fizer bem feito, se você tiver um trabalho... honesto, é ser adulto. (Janaína)

Atribuir um significado ao **vestuário** como um definidor de papéis adultos ou não, profissionais ou não, foi observado nos discursos de mais de um sujeito durante as entrevistas, demonstrando haver um modo socialmente construído de vestir-se, bem como de se comportar, determinantes do sujeito adulto, como mostram esses relatos de Lívia e Pedro:

...tem que ver como que vai se vestir, como que vai se comportar em cada lugar, eu acho que isso faz parte da vida adulta também, né... (Lívia)

*...uma outra coisa, que é isso que me pega às vezes, de adulto: é, assim, a forma de vestir. Às vezes eu me olho e eu me cobro um pouco, porque eu sinto que eu me visto ainda como eu me vestia quando eu era jovem (...) às vezes eu me falava “pô (...), você não tem nenhum blaser?” (...) também nesses dias eu comprei uma blusinha xadrezinha clássica, assim, de... de adulto, e...minha filha assim – “pai, mas que roupa de velho! “ Me assustei até. **Roupa de velho?** (...) olha a imagem...* (Pedro)

Ainda em relação ao trabalho como um dos sentidos atribuídos à vida adulta percebeu-se o quanto, para os sujeitos, este se relaciona a aspectos como a disciplina, a regra, a ordem e o sentido de **aterramento** – trabalhar torna a pessoa mais ligada ao concreto, inserida na realidade à sua volta:

... a pessoa consegue ter disciplina, ter regra, ter... ela consegue até se sentir inserida (...) ter uma ordem na vida (...) eu acho que o trabalho dá esse (...) aterramento (...) a família, também, tá ali com o trabalho, mas é que a forma que eu fui foi com o trabalho, então acaba ficando muito forte prá mim. E quando eu verbalizo fica até mais ainda... (Helena)

Já sustentar-se sem o trabalho, como viver de renda familiar, não possui o mesmo sentido. Para Helena, trabalhar leva a ter **responsabilidades**, o que está vinculado à adulez mais do que a independência econômica em si, ou seja, para ser reconhecido como adulto é preciso mais do que a idade, o trabalho e a independência

financeira. Da mesma forma, ter responsabilidade pode não estar ligado necessariamente ao trabalho e leva, igualmente, a uma vida adulta:

*...a palavra **responsabilidade é bem importante prá mim** (...) eu posso ter renda e trabalhar, mas eu tenho amigos próximos de mim que têm renda e não trabalham. E não têm responsabilidade. Já uma mulher, dona-de-casa, ela tem os filhos prá criar, ela tem horários (...) a **palavra responsabilidade tá vinculado muito a uma vida adulta.***
(Helena)

Quando se refere aos horários de uma dona-de-casa e mãe, Helena toca na questão do trabalho como **organizador do cotidiano**, independente do tipo de atividade laboral – nesse caso, o trabalho doméstico. Essa organização no cotidiano pressupõe a responsabilidade, essa sim uma condição do adulto. As palavras de Helena, por outro lado, remetem novamente à centralidade do trabalho na vida adulta, expressa com veemência nos discursos de Pedro e Estér – ao ponto de quantificarem-no em suas vidas:

*...acho que **setenta por cento da minha vida adulta tá mais ligada com o lado profissional** do que com o lado afetivo, emotivo ou pessoal...*
(Pedro)

*O meu **maior tempo de vida** foi passado dentro de universidade e nas academias. Então... eu **gosto de trabalhar**, e gosto muito do que faço (...) se eu colocasse numa escala de zero a dez, em todas as áreas da minha vida, acho que o **meu trabalho ocupa noventa por cento...***
(Estér)

Nos discursos, as **trajetórias**, o **trabalho** e a **vida profissional** aparecem interligados e relacionam-se à vida adulta. Os sentidos de vida adulta passam em alguns momentos pelos sentidos atribuídos ao trabalho, aparentemente uma condição para se reconhecerem como adultos, bem como pelas escolhas profissionais e a carreira, muito citados em seus discursos. Um exemplo no qual vida e trajetória profissional encontram-se entrelaçadas está na resposta de um dos sujeitos, ao ser questionado quanto à sua trajetória de vida:

...mas a trajetória... profissional? (Estér)

A história de Estér pautou-se desde cedo nas trajetórias escolar e profissional. O trabalho e os sentidos que atribui a ele estiveram

presentes precocemente em sua vida, em suas brincadeiras que mais tarde a levaram à escolha profissional pela Educação Física:

...o trabalho tá desde os meus quatro anos de idade na minha vida (...) a minha mãe me levava, desde pequenininha (...) para o clube (...) eu levava três bonequinhas (...) eu punha as bonequinhas ali na borda da piscina (...) e eu falava com elas, como eu falei até... 8 anos atrás: “eu vou levar você até o outro lado, você vai bater perninha, e vocês duas, me esperem”... (Estér)

A trajetória no trabalho segue entrelaçada com a construção da identidade dos sujeitos, e esta se confunde com a **identidade profissional**. Ambas fazem parte do auto-reconhecimento desses sujeitos como pessoas adultas:

...o trabalho, ele leva a essa (...) identificação de identidade (...) à medida que eu vou me envolvendo com esse trabalho (...) mais aprimorado vc fica naquela atividade, né (...) isso te fortalece, né. E isso te impulsiona também a ir em frente e a assumir uma identidade. Talvez a identidade profissional, né... (Estér).

Hoje eu não me vejo trabalhando em outra coisa (...) me vi crescendo ali profissionalmente (...) me identifico muito ali (...) tudo isso faz parte... de tornar a pessoa mais adulta... (Aragon)

O sentido de vida adulta para os sujeitos da pesquisa tem ligações inequívocas com a vida profissional e o trabalho, sendo a construção de uma profissão parte do processo de tornar-se adulto e, ao mesmo tempo, de construir a própria identidade. Santos (2001, p. 135) compreende as identidades como “identificações em curso”, ou seja, elas não se encontram estagnadas, podendo se transformar ao longo da trajetória de vida. Da mesma forma, Ito e Soares (2008) referem-se à identidade sem considerá-la uma entidade caracterizando o sujeito, mas “uma constituição concreta, histórica e processual” (p. 67). Ainda compartilhando dessas concepções, Coutinho, Krawulski e Soares (2007) relacionam identidade e trabalho, alertando para as transformações no mundo produtivo contemporâneo:

A concepção do trabalho como um elemento imprescindível para a construção da identidade do sujeito deve ser, portanto, repensada à luz das várias transformações no mundo produtivo, examinando-se quais articulações ainda são

possíveis de serem estabelecidas entre os conceitos de identidade e trabalho, em um contexto no qual, inegavelmente, são modificadas as construções identitárias (p. 34).

A relação entre **identidade** e **trabalho** é expressa também na primeira produção imagética de Helena, que relaciona sua trajetória profissional à sua identidade, e esta ao material publicitário que construiu para divulgar seu trabalho:



Fotografia 5: folder profissional (Helena).

*...a primeira foto que eu tirei foi do meu folder (...) aqui dá **minha identidade**, dos cursos que eu fiz, como eu penso (...) a **minha identidade profissional**, atualmente. **Eu sou isso aqui, profissionalmente** (Helena)*

A **formação educacional** e a **carreira profissional** são tratadas como aspectos importantes, vinculadas à vida adulta. Mais do que o trabalho em si, estar identificado com a profissão e satisfeito com suas escolhas aparece entre os sujeitos pesquisados como um forte indicativo de adultez. O fato de todos os sujeitos terem curso superior provavelmente contribui para que dêem grande valor à trajetória profissional. Uma das imagens produzidas por Pedro a respeito da vida adulta traz um painel na recepção de um prédio com nomes de vários profissionais e empresas, demonstrando a **profissão** e a **formação** como sentidos da vida adulta:



Fotografia 6: painel de profissionais na recepção (Pedro).

*...isso aqui é uma forte evidência prá mim de coisa de adulto (...) representa a **profissão**, a tua **formação**, o que você vai ser, como você vai construir seu futuro (...) **representa a vida adulta** isso aqui, **prá mim**... (Pedro)*

Paralelamente à independência e ao trabalho, a responsabilidade – responder pelos próprios atos, pagar contas, assumir obrigações e deveres – também é forte indicador de vida adulta:

*...a partir do momento que **comecei a pagar IPTU e eu fiz um financiamento**, eu acho que foi o... agora eu sou (...) adulta. (Helena)*

*...você começa a **responder pelas suas responsabilidades**, né, seus atos (...) quando você começa a entender, que os seus posicionamentos, suas ações, vão refletir praticamente nas consequências, acho que começa a ficar... entrar na **vida adulta** né. (Aragon)*

A noção de **obrigações**, de **deveres** como inerentes à vida adulta são aspectos pontuados por alguns dos sujeitos como difíceis e não prazerosos, mas preponderantes na adultez:

*...prá mim, é muito do dever, né. É dever e prazer, mas **dever eu acho que representa muito a fase adulta** (...) você se comprometer com... com o teu custo, com a tua vida, com as tuas responsabilidades... (Helena)*

Uma percepção interessante referida por um dos sujeitos em suas produções imagéticas foi de que, ao buscar cenas e imagens que

captassem o sentido da vida adulta, não conseguiu encontrar nenhuma que revelasse somente seus aspectos prazerosos:

O adulto tem uma relação com obrigações (...) com rotina, que é uma coisa muito forte. Eu não consegui captar nenhuma coisa que fosse extremamente assim, só... alegria, conforto, felicidade, descontração, quase não... não veio. Vieram só mais as partes de obrigação de adulto... (Pedro)

Para Pedro, uma das imagens produzidas que mais representou a vida adulta traz uma atividade que ele, particularmente, não gosta e não compreende – economia. Pedro buscou na internet a imagem da capa de um jornal voltado aos profissionais dessa área, e registrou-a para trazer à entrevista e representar o aspecto difícil da adultez, ligada às **obrigações**, um dos sentidos de vida adulta para ele:



Fotografia 7: Gazeta Mercantil (Pedro).

...prá mim isso aqui representa, assim, a idade adulta muito forte. Esse jornal, essa imagem (...) o lado complicado, trabalhoso. (Pedro)

O sustento financeiro pelo trabalho configura-se na fala dos sujeitos como um aspecto que leva, entre outras coisas, à independência dos pais em primeiro lugar. Ter condições econômicas para se manter foi citado quase como uma condição da vida adulta. Porém, mais importante do que já ter conquistado essa independência é ter a atitude

de buscá-la. Entre os sujeitos entrevistados que ainda residem com seus familiares, essa busca mostra-se como um processo, aparentemente sem uma pressão familiar ou do próprio sujeito. Considerando o número de adultos jovens que ainda residem com seus pais na contemporaneidade, e as relações que têm se estabelecido entre eles dentro da mesma casa – muitas vezes permeadas por acordos e uma boa convivência – essa pressão tende a diminuir, assim como o sentimento de urgência em conquistar tal independência, que se apresenta como um plano para o tempo futuro, um objetivo a ser conquistado:

...associo bastante à independência financeira, não conquistada já, mas uma busca, sempre. Fazer planos para sempre estar crescendo, conquistando coisas para chegar nessa independência dos pais, não depender dos pais... (Lívia).

...a questão financeira é um processo mais lento, um processo mais... não que eu veja isso como um empecilho, né, acho que mais a necessidade, assim, não um empecilho, um problema (...) vejo como um objetivo. É difícil, mas num momento eu vou conseguir. (Aragon)

Frente às diversas formas atuais de transição para a vida adulta, em oposição ao já citado modelo linear tradicional, Lívia e Aragon representam uma parcela de jovens adultos que, apesar de já inseridos no mercado de trabalho, permanecem residindo com a família de origem ou uma parte dela, por ainda não se encontrarem em plenas condições de arcar com as despesas do próprio lar. Segundo Camarano et al (2004, p. 44):

[...] é cada vez mais recorrente, em determinados segmentos de renda, que os jovens permaneçam na casa de seus pais, formando ali suas próprias famílias ou postergando sua inserção no mercado de trabalho pelo aumento da escolarização, entre outros fatores.

No caso de Aragon, a permanência na casa da mãe continuou na vida adulta mesmo após ter conquistado um relacionamento estável. Sua companheira e a filha – enteada de Aragon – passaram a também conviver na sua casa de origem. Ambos, porém, contribuem no orçamento familiar.

No estudo¹⁴ de Camarano et al (2004) sobre jovens brasileiros que já haviam saído da casa dos pais e aqueles que ainda permaneciam na casa de origem, os autores observaram uma multiplicidade de situações em que pode ocorrer a transição para a vida adulta, entre elas a permanência na casa de origem mesmo após a formação da própria família, como no caso de Aragon. Tal situação é também bastante comum nos segmentos sociais de baixa renda, em função do determinante econômico na dificuldade em sustentar um novo lar.

Pais (2005, p. 373) propôs o conceito de “yoyogeneização” da condição juvenil, em que a transição para a vida adulta, outrora linear, mostra-se na contemporaneidade com movimentos descontínuos: “hoje em dia, são mais fluidos e descontínuos os traços que delimitam as fronteiras entre as diferentes fases de vida”.

As trajetórias do tipo *yoyo* podem incluir o movimento de saída da casa de origem com posterior retorno, como no caso de Lívia e mesmo de Janaína, que chegou a morar sozinha com o filho após o falecimento do pai e a mudança de cidade da mãe mas, em seguida, convidou a avó e a irmã para que morassem todas na mesma casa. De uma maneira ou outra, **morar na própria casa** é considerado um fator preponderante no auto-reconhecimento como adultos:

...o fato de estar dentro da casa da minha mãe (...) eu me sinto ainda como um dependente dela, mesmo que eu não seja (...) é o local dela, eu que, trouxe no caso a minha mulher prá morar ali, né (...) mesmo tendo responsabilidades adultas, eu ainda me sinto um pouco dependente dela, não tão adulto... diminui, né. (Aragon)

Tomar a decisão de sair da casa dos pais e morar na própria casa implica arcar com despesas que talvez não entrassem nos custos de vida no caso da permanência no lar de origem. Esse fato, dentro do contexto atual de dificuldades que o jovem encontra para adquirir a independência econômica e estabelecer-se no mercado de trabalho, contribui para que muitos prefiram residir com a família, mesmo já adultos, até que acumulem o suficiente para manter um padrão de vida similar ao anterior quando da saída da casa dos pais.

Ao ser questionada quanto aos critérios para ser reconhecido como adulto em nossa sociedade, Lívia opina a esse respeito afirmando que morar com a família, hoje em dia, não chega a ser obstáculo para tal

¹⁴ Este estudo baseou-se em uma análise dos dados das Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios (PNAD) do IBGE, de 1982 e 2002 (CAMARANO et al, 2004, p. 12).

reconhecimento, apesar de admitir que se sentirá **mais adulta** no dia em que sair da casa dos pais:

*...a gente vê ainda **um monte de adulto morando com a família**, já com uma estabilidade financeira, que já poderia estar indo atrás de morar sozinho, mas às vezes ainda mora com os pais (...) acho que **me sinto muito mais adulta se eu sair de casa...** (Lívia)*

Salienta-se a camada social à qual pertencem os participantes, todos com renda superior a três salários mínimos, com exceção de Lívia, a qual por sua vez recebe auxílio financeiro dos pais. São sujeitos em uma situação favorável economicamente, portanto representando uma minoria social cujas possibilidades para a individualização residencial são muito maiores.

A ideia de que, para tornar-se adulto, é importante a mudança para uma nova casa que não a paterna, atende à lógica individualista presente na contemporaneidade, onde é marcante a valorização das identidades pessoais e da autonomia dos indivíduos (BORGES e MAGALHÃES, 2009). Nesse sentido, a individualização residencial não necessariamente aponta para uma maior ou menor adulez – há muitos adultos morando na casa paterna e assumindo todas as tarefas deste ciclo de vida, até mesmo a formação da própria família.

A juventude pertencente a camadas sociais economicamente mais favorecidas, que optou por permanecer residindo com os pais mesmo com a chegada da idade adulta, tem sido denominada pelos autores de diferentes maneiras, mas com significados semelhantes: “geração canguru” (HENRIQUES; JABLONSKI; FÉRES-CARNEIRO, 2004), “geração-bumerangue”, “solteiros parasitas” ou “adultos co-residentes” (DEBERT, 2010) são adultos ou jovens adultos que, mesmo com condições econômicas para se manterem, optam por permanecer no lar de origem (BORGES e MAGALHÃES, 2009; DEBERT, 2010).

Há, no entanto, um preço a ser pago em cada situação, e permanecer morando com a família de origem pode significar pagar o preço de sentir-se menos feliz em contrapartida a arcar com a própria casa. Nesse caso, a felicidade é cara, mas vale à pena:

*...eu acho que **não tem preço que pague isso** (...) podia estar até hoje morando lá (...) podia estar melhor, financeiramente, até, pois não teria tanta conta pra pagar, mas não tem... não tem preço (...) **to muito mais feliz, aqui.** (Helena)*

Pedro traz uma contribuição à reflexão sobre a independência da família de origem que passa não pela saída da casa dos pais, mas pelo distanciamento físico. Em certo momento de sua trajetória de vida, optou por recomeçar tudo em uma cidade distante da família de origem, com quem convivia diariamente inclusive no trabalho. Essa decisão foi fundamental em seu reconhecimento como adulto:

*...sempre vivemos muito em família (...) a casa onde eu nasci virou o escritório nosso (...) passou o tempo a gente construiu uma bela agência (...) mas eu ainda estava dentro daquele berço (...) eu não tinha saído do meu vínculo familiar. Eu ainda era o meu sobrenome (...) e chegou o momento que eu decidi (...) quis me testar como... quem que eu sou mesmo nessa história, né. **Eu consigo realmente ser alguém fora da família?** (Pedro)*

O questionamento de Pedro a respeito de sua competência como adulto, ou seja, sua competência em *ser alguém* em um local onde ninguém o conhecia – e nem ao seu sobrenome, fez com que se mudasse com a esposa e os filhos para outra cidade e recomeçasse sua trajetória profissional da estaca zero. Pedro já não morava com a família nesse momento, e tampouco possuía algum grau de dependência financeira da mesma, no entanto precisou desse distanciamento para reconhecer-se ainda mais adulto.

A mudança na trajetória de Pedro remete à necessidade de diferenciação da família, especialmente porque atuava profissionalmente junto de seus irmãos, todos publicitários como ele, na casa que pertenceu a seus pais. De certa maneira, Pedro construiu sua trajetória profissional a partir de uma identificação profissional com seus irmãos mais velhos, e ao lado deles. Segundo Soares (2002, p.75):

as identificações com o grupo familiar e o valor que as profissões assumem neste grupo influenciam o jovem. Uma grande parte das escolhas do jovem inclui uma representação social positiva ou negativa da profissão exercida pelos pais, sua relação com o trabalho e de que maneira o filho se identifica com as profissões familiares.

A necessidade de provar para si mesmo que conseguia ser alguém fora da família demonstrou também o desejo de confirmar seu próprio projeto de vida e verificar a manutenção deste longe da família, do sobrenome. Como salienta Dias (2009, p.91), “a construção de um

projeto de vida constitui não só uma identidade no trabalho, mas também uma projeção de si no futuro, a antecipação de uma trajetória”. Ao mudar-se para uma nova cidade, distante da família de origem, Pedro projeta sua vida no futuro a partir do desejo de se diferenciar do projeto familiar.

Em relação à **independência financeira** na vida adulta, ela pode representar o próprio sentido da adultez e uma condição para tal, como é expresso na narrativa seguinte:

*...ser adulto é isso, é você **trabalhar**, você **conquistar** as suas coisas, você **ter** a sua casa (...) **a sociedade exige** isso, do adulto (...) que **tenha** a sua **própria casa**, seu **próprio carro**... eu acho que é isso. Eu acho que é essa parte **financeira**. (Janaína)*

Por outro lado, pode não ser o único ou principal requisito do estatuto de adulto. Ser independente pode não se resumir ao auto-sustento financeiro, mas incluir a tomada de decisões e a prática das **tarefas do cotidiano**, sem necessitar de outra pessoa. Segue um trecho para ilustrar esse diferente ponto de vista:

*...conseguir se virar sozinho, não só economicamente, se precisar... ser auto-sustentável (...) se precisar, no caso, procurar um médico, ou... **ir sozinho**, não ter que esperar por alguém, se precisar conseguir alguma coisa prá comer, alguma coisa prá vestir, **não só esperar que lhe tragam mas começar a ter a sua independência**... (Aragon).*

As palavras de Aragon trazem mais um sentido de vida adulta para além da independência econômica; expressam a capacidade de **autonomia** em geral na sociedade e no cotidiano, descrita nas palavras dele como *se virar*. Heller (2000, p. 19) traz uma argumentação semelhante ao afirmar:

O homem aprende no grupo os elementos da cotidianidade [...] mas não ingressa nas fileiras dos adultos, nem as normas assimiladas ganham “valor”, a não ser quando essas comunicam realmente ao indivíduo os valores das integrações maiores, quando o indivíduo – saindo do grupo (por exemplo, da família) – é capaz de se manter autonomamente no mundo das integrações maiores, de orientar-se em situações que já não possuem a dimensão do grupo humano comunitário, de mover-se no ambiente da

sociedade em geral e, além disso, de mover por sua vez esse mesmo ambiente (Grifo da autora).

Entre os vários sentidos de vida adulta construídos pelos sujeitos, chamou a atenção em seus relatos o valor dado ao **carro** como um **signo da adultez**. Obter ou ganhar um carro e ser responsável por ele, mesmo quando este foi um presente dos pais, revelou-se como um marco importante da trajetória para grande parte dos participantes. Todos eles trouxeram este signo em suas narrativas e relacionaram-no à vida adulta, aliando-o ou não a possuir outros bens materiais como o próprio imóvel, por exemplo. Entre as produções imagéticas aconteceu o mesmo: todos os sujeitos fotografaram carros, seja como figura principal da imagem, seja como um dos componentes dela – porém sendo este objeto sempre citado nas falas que explicavam as imagens:



Fotografia 8: o carro atual (Estér).

*...o marco da minha vida adulta não foi...’ ai, nem lembro o que eu tinha dito, mas foi quando meu pai me deu o tal do **carro** (mostrando a foto do seu atual carro) e falou ‘a partir de agora você vai se tornar responsável por ele’... (Estér)*

No discurso de Estér, a responsabilidade coloca-se como um signo da adultez. No caso dela, ter-se tornado **responsável por um carro**, um bem de alto valor monetário – que exige cuidados, mas também disponibilidade financeira para arcar com gastos – foi um dos sentidos de tornar-se adulta. Somente na segunda etapa da entrevista, após ter fotografado o carro atual para retratar uma conquista da vida adulta, lembrou-se do episódio do primeiro carro, presente do pai, porém responsabilidade que passou a ser sua, fazendo com que se

percebesse adulta, já naquele momento. Essa percepção de Estér a partir de sua produção imagética confirmou a importância do uso do recurso fotográfico na ampliação dos sentidos de vida adulta pelos sujeitos, bem como a afirmação de autores nessa mesma direção:

Fotografar é uma maneira de questionar a imagem inicialmente percebida. A fotografia provoca dúvidas, gera reflexões, produz soluções e sua utilização na realização de pesquisas teóricas tem sido significativa (MAHEIRIE; BOEING; PINTO, 2005, p. 215)

Assim como Estér, também Helena apontou o carro como signo da vida adulta e registrou-o pelo recurso fotográfico de maneira criativa. A responsabilidade por ele acarretada, bem como a **independência que proporciona**, faz dele signo de adultez, assim como a casa própria:



Fotografia 9: as contas para pagar (Helena).

...o carro também é importante – o IPTU e o carro são os mais importantes em termos de... pois são os que têm as contas mais altas, né, são... (...) uma independência, né... (Helena)

A relação com o carro também foi expressa nas entrevistas por sua presença e utilidade na vida cotidiana. Além da posse de um carro e da responsabilidade por ele, o ato de dirigir é tido como uma prática da vida adulta e do seu cotidiano, considerando a condição de idade mínima para dirigir. Dirigindo um automóvel, o sujeito está inserido em um conjunto específico de normas sociais – as leis de trânsito, que o

tornam responsável pelas suas atitudes nesse espaço determinado da vida social, o qual faz parte do já citado “mundo das integrações maiores” referido por Heller (2000, p. 19):



Fotografia 10: o trânsito (Janaína).

*...eu tava dirigindo, né, e eu tirei foto do trânsito (...) e são as pessoas indo trabalhar, enfim, bem cedo, ou indo prá algum compromisso... representa isso, **as pessoas dirigindo**, né... representa isso prá mim, **é a rotina de todo mundo**, enfrentar trânsito, perder horas no trânsito... mas que **faz parte da rotina adulta**. (Janaína)*

Também Lívia refere-se ao **trânsito** como um **espaço social do adulto**:

*...tem uma coisa que representa bastante assim, que é o próprio **carro**, né, que apesar de eu ter ganho dos meus pais, e tudo, é... é meu, eu que tenho responsabilidade por ele, posso (...), tem conta prá pagar, e (...) **dirigir**, tem também uma postura adulta ali, por trás assim (...) também **me sinto bem adulta por isso**, assim. (Lívia)*

Nem todos os sujeitos trouxeram a imagem do carro ligada a um momento da trajetória em que se reconheceram como adultos, como o fizeram claramente Lívia, Estér e Helena. Pedro fez uma outra leitura: os **simbolismos** ligados ao carro, produzidos e incentivados pela mídia, também falam a respeito do adulto. A percepção de Pedro, reforçada por seu olhar profissional como publicitário, revelou esse outro lado da relação entre o carro e a vida adulta:

*...a Mercedes, ela passa, (...) como ela quis se posicionar no mercado. Que ela tem essa posição de uma coisa – **as outras marcas não têm um***

posicionamento tão claro de adulto, de uma pessoa já de idade, que chegou num patamar de conquista. (...) não é tanto o valor, mas o que essa marca conseguiu construir Quando eu vejo um Mercedes prá mim me passa essa coisa de mais adulto, uma pessoa de mais idade...com mais conhecimentos, mais madura, muito mais maturidade. Não passa uma coisa de jovem, assim, então é isso que ela me passa. (Pedro)

Pedro, ao contrário dos demais sujeitos, utilizou-se de sua produção imagética, um carro da marca Mercedes, como **signo da vida adulta** não pelo fato de se possuir um e ser responsável por ele mas sim para ilustrar, através da mensagem midiática por trás de uma marca, o adulto *maduro*, de mais idade, que já fez muitas conquistas. Debert (2010) é uma autora que sustenta o papel da mídia na construção de signos ligados a determinados ciclos de vida. Ela destaca a manifestação de uma cultura infantil a atingir o público adulto, através da mídia, a qual estaria infantilizando-o.

Juntamente à constituição social e histórica das idades na modernidade, determinadas práticas sociais vêm sendo relacionadas a cada uma delas. A mídia representa, particularmente na contemporaneidade, cada vez mais um poderoso instrumento de construção e afirmação de tais práticas, invariavelmente ligadas a determinados objetos de consumo. Assim, no âmbito da lógica capitalista, possuir determinada marca de carro – assim como consumir este ou aquele produto – liga o sujeito a uma faixa etária ou ciclo de vida específico, produzindo sentidos relacionados a ser criança, jovem, adulto, velho. Vemos na mídia tanto o automóvel destinado ao consumidor jovem como aquele voltado ao consumidor adulto, e até ao adulto mais velho que, no entanto, não deseja ser visto como tal. Como naquela propaganda¹⁵, veiculada em 2008, onde uma marca direcionada a esse público aparecia com uma música de fundo que dizia: “não existe idade prá cair na tentação (...) mas será que é prá mim, algo tão moderno assim (...) não tem cara de ‘tiozão’, mas acelerou meu coração...”

Kehl (2008, p. 155) atenta para o poder da mídia nas economias capitalistas como “um recurso indispensável para o escoamento dos bens de consumo”. Segundo a autora, a publicidade é tão intrínseca à cultura na modernidade que não imaginamos mais nossa vida sem ela, tornando-nos cada vez mais submetidos à mídia e, conseqüentemente, aos objetivos do capital. O fato de todos os participantes terem fotografado carros e trazido esse símbolo em seus discursos pode estar

¹⁵ Vídeo disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=aLjI3Uqwtbk>

relacionado à forte e constante presença desse produto na mídia e ao poder que ela exerce na sociedade. Também demonstra ser esse um desejo de consumo, um bem considerado indispensável em determinada camada social possuidora de condições para adquiri-lo.

Pensar na mídia enquanto produtora de signos e de sentidos ligados à vida adulta reporta também à reflexão sobre os vários **papéis** que o adulto é destinado a representar na sociedade contemporânea, além dos bens que supostamente deve consumir para ser considerado como tal. Entre os papéis do adulto criados pela mídia está o de um adulto vencedor, aquele que trabalha para consumir e manter o sistema capitalista – o mesmo a aparecer frequentemente nos meios de comunicação o qual tem o poder de consumir aquilo que deseja.

Outra ilustração para essa afirmativa encontra-se em mais uma propaganda¹⁶, atualmente presente na TV, também demonstrando claramente a ligação da marca à adulez – ao narrar através de cenas rápidas a trajetória de vida de um homem desde a infância até a vida adulta, afirmando ao final: “é... sua vida já está pronta... prá *esse* carro”. No vídeo, é evidente o ideal de adulto sustentado pela mídia, aquele **adulto padrão, estabilizado profissionalmente, financeiramente bem-sucedido, casado e com filhos** – ou seja, completo segundo os padrões da sociedade capitalista contemporânea.

O discurso trazido por Aragon, e retratado em uma de suas fotografias, acaba por reproduzir alguns desses signos tradicionais da vida adulta produzidos na cultura e sustentados pela mídia:



Fotografia 11: a casa de uma pessoa adulta (Aragon).

¹⁶ Vídeo disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=TD6THtG1AMM&feature=related>

*... aqui retrata bem tipo, uma pessoa, um indivíduo, que tem uma **casa**, tem um **carro**, tem uma **família**, nota-se pelo parque que tem uma criança, tem um **filho** (...) isso prá mim retrata bem o que aquela pessoa já... **definiu** como **adulto**, né. Tem **total** autonomia. Né, já tem responsabilidade assim por uma família, (...) por alguma coisa, assim, por algo.... (Aragon)*

Para Aragon, a produção imagética acima foi determinante para a expressão dos sentidos de vida adulta para ele. A casa por ele fotografada não lhe pertence, mas pertence a um ideal de vida adulta que ele almeja alcançar. Aragon reside com a esposa e a enteada na casa da mãe, mas sonha com a própria casa, o próprio carro, a independência e estabilidade financeira. Como lembram Aguiar e Ozella (2006, p. 227), “o sentido refere-se a necessidades que, muitas vezes, ainda não se realizaram, mas que mobilizam o sujeito, constituem o seu ser, geram formas de colocá-lo na atividade. [...] A categoria sentido destaca a singularidade historicamente construída”.

As narrativas trazidas pelos sujeitos com relação às responsabilidades e deveres da vida adulta fazem refletir a respeito do papel ocupado pelo adulto em nossa sociedade e das supostas exigências sociais e de consumo em relação a ele, ou pelo menos ao tradicional adulto padrão. Será que, para aqueles que não chegam a adquirir um carro, ou uma casa própria, existe um sentimento de fracasso por não terem atingido uma condição para o *status* de adulto? É provável, por outro lado, que muitas outras preocupações – como a saúde, a alimentação, o acesso à educação e ao mercado de trabalho, estarão à frente desses ideais de consumo produzidos pela sociedade contemporânea.

Analisando a concepção tradicional de adulto sob um outro ponto de vista, percebe-se a adulez em contraposição à juventude tal qual é concebida em sua forma mais usual: como instável e perigosa. A respeito da estabilidade do adulto, Oliveira (2004, p. 217) amplia essa concepção tradicional, sustentando que:

para além dessa definição genérica de um estágio supostamente estável, poderíamos arrolar algumas características dessa etapa da vida que distinguiriam, de maneira geral, o adulto da criança e do jovem. O adulto está inserido no mundo do trabalho e das relações interpessoais de um modo diferente daquele da criança e do jovem.

No entanto, as diferentes formas de juventude bem como de transição destas para a vida adulta na contemporaneidade mostram que o adulto de hoje muitas vezes não chega a preencher esse lugar de estabilidade, ou mesmo inserir-se nas relações de um modo diferente. Pode demorar a conquistá-lo, ou mesmo preferir não ocupá-lo – como enfatiza Kehl (2008, p.11) ao afirmar que “a vaga de ‘adulto’, na nossa cultura, está desocupada”, pois a juventude tornou-se mais interessante e há um desconforto em ter que repassar aprendizados às próximas gerações. Sob esse ponto de vista, a vida adulta pode acabar sendo percebida, conforme as falas de Janaína e Pedro, como somente um leque de **obrigações, cobranças e responsabilidades**, e nem todos estariam dispostos a assumi-la, como eles o fazem:

...você tem que pagar os seus impostos, tem que pagar as suas contas, tem que ter conta em banco, aquela pressão, e a sociedade te cobra milhões de coisas, né, impõe algumas coisas também... (Janaína)

... prá pegar uma imagem, o adulto, quando você para prá pensar, juntar tudo e deixar conciso numa única idéia, vem a coisa mais da responsabilidade, prá mim. A responsabilidade do adulto, acho que fica mais forte (...) do trabalho, das obrigações, de você ter que fazer tuas coisas, você precisa ganhar dinheiro, você precisa cuidar dos teus filhos, você precisa encaminhar, né, então... é um monte de obrigação... (Pedro)

Por outro lado, parece existir entre os sujeitos um sentimento de esperança em relação às conquistas futuras caso se encaixem nessa cobrança social. Por mais que aparentem se queixar em alguns momentos, mostram-se em concordância com a lógica produtiva segundo a qual supõe-se que o trabalho, as responsabilidades e os deveres são mesmo tarefas do adulto as quais, mais tarde, serão recompensadas:

...é um monte de obrigação, do adulto. Essas obrigações, você cumprindo, acaba chegando à conquista, também. (Pedro)

...depois de toda essa responsabilidade, eu quero ter uma vida tranquila. Né, quero chegar na aposentadoria, é isso, mas prá isso eu tenho que passar por tudo isso... (Janaína)

Com a frase acima, Janaína descreveu uma das imagens por ela produzidas, em que sua intenção foi retratar um adulto de mais idade, já gozando dessa suposta tranquilidade:



Fotografia 12: velhice tranquila (Janaína).

*...pelo que eu percebi é um senhorzinho, né... bem cedo da manhã, fazendo os seus exercícios físicos (...)de repente já pode ser um aposentado, eu imaginei... mas é **uma pessoa adulta que está vivendo a sua vida após uma grande trajetória**... (Janaína)*

Ao usar a expressão *grande trajetória* em sua narrativa, Janaína sugere o significado vigente e padrão de vida adulta, onde o adulto, após percorrer todas as etapas de sua trajetória de vida e alcançar as conquistas próprias de cada uma delas, está estabelecido e poderá aposentar-se e gozar dos benefícios dessas conquistas. A imagem produzida por ela, bem como a descrição que lhe atribuí, mostram o quanto ainda se pauta nas concepções tradicionais de adultez, e o quanto almeja isso em sua própria vida, da mesma forma como Aragon, que almeja ter a casa própria, e Pedro, ao afirmar que cumprindo suas obrigações chegará às conquistas. Pedro e Helena, por seu momento de vida pessoal e profissional, parecem encontrar-se entre os sujeitos da pesquisa como aqueles que atingiram um grau de estabilidade e independência um pouco maior em suas vidas, simbolizando o adulto, descrito por Soares (2002, p. 34), que está em um momento de alto potencial:

[...] quando a vida transcorreu bem, quando as ambições e expectativas não excederam o potencial, ou quando as modificações das metas para cima ou para baixo foram feitas de acordo com a realidade, os anos intermediários podem trazer grandes satisfações. A maioria das pessoas está no seu alto potencial.

Por mais que novas e diferentes formas de vivenciar a adultez se delinham na contemporaneidade, os sujeitos ainda aparentam-se presos à exigência de responderem ao padrão comum da vida adulta como um ciclo **estável, estabelecido e sem conflitos**. Essa busca por um padrão totalizante de adultez também se coloca na seguinte frase de Aragon, dita em um tom de humor, porém com sinceridade:

*...pelo conceito que eu tenho de adulto, prá mim ainda faltam algumas coisas para eu ter a... **formação total**... (Aragon)*

Analisando os discursos dos sujeitos nas duas etapas da entrevista, em especial quando da interpretação de suas produções imagéticas, ficou evidente a importância da independência, das responsabilidades e do trabalho como fundamentais e diretamente ligados aos sentidos de vida adulta por eles construídos. Para se reconhecer como adulto é preciso conquistar, em primeiro lugar, a independência ou autonomia, a qual se concretiza com a aquisição financeira através do trabalho, que por sua vez agrega responsabilidades – e muitas – à vida dos sujeitos. O carro como signo da adultez foi um achado da pesquisa, pouco citado entre os autores pesquisados. Ligado à liberdade, à independência e ao poder de consumo, sua relação com o adulto padrão é construída pela sociedade contemporânea, corroborada e mantida pela mídia, onde é frequentemente veiculada, conforme demonstrado. Paralelamente ao cenário revelado por este segundo núcleo de significação, a conquista de uma autonomia emocional apresenta-se como relevante, bem como as relações afetivas, especialmente quando se trata de relações familiares – como será demarcado no núcleo a seguir.

4.3 SENTIDOS DE VIDA ADULTA: AUTONOMIA EMOCIONAL, FAMÍLIA E A ÉTICA DO CUIDADO

A autonomia ou independência emocional, também designada pelos sujeitos em alguns momentos como maturidade ou crescimento, mostrou-se em seus discursos como um aspecto imprescindível à vida adulta e ao reconhecimento de si como sujeito adulto. Além do auto-sustento adulto no que se refere aos aspectos práticos da vida cotidiana, já explicitados no segundo núcleo de significação, a **autonomia emocional** parece permitir aos sujeitos fazer suas próprias escolhas e

arcar com as consequências – mesmo que sozinhos. Essa capacidade confere-lhes ferramentas para lidar não só com seus conflitos psicológicos, mas também justamente com as questões do dia-a-dia, com segurança e prescindindo do direcionamento dos pais ou de outras pessoas quaisquer:

*...quando a gente adquire uma **independência emocional**, a gente consegue **viver nossa rotina** (...) sem tanto estar sempre acionando os pais (...) grandes decisões, ou coisas assim, quando a gente precisar acionar, vai acionar, mas, eu acho que pro **dia-a-dia, cotidiano** (...) **essa independência é importante, e acho que mostra bastante, assim, o adulto** (Lívia)*

A construção da autonomia emocional revela-se entre os sujeitos como um processo tão ou mais difícil do que a conquista da independência financeira e do crescimento profissional. Tais aspectos parecem estar interligados e em alguns casos, também, interdependentes, um alimentando o outro na medida em que vão se construindo. Dependendo da história familiar e pessoal de cada sujeito, a autonomia emocional parece mais ou menos difícil de conquistar. É interessante perceber que, para alguns deles, a independência econômica parece ter se dado antes da emocional e, para outros, depois. Comparando essas diferenças com as singularidades de cada história de vida e das famílias dos sujeitos, supõe-se haver uma conexão entre o padrão de relacionamento familiar – particularmente dos pais para com seus filhos – e a maior ou menor autonomia emocional. Tal conexão é afirmada pelos próprios sujeitos, como novamente no discurso de Lívia:

No lado emocional tem dificuldade clara, até por essa coisa da minha família, que é bem, acolhedora, bem... assim... do cuidado, agregadora, assim. Então tem uma dificuldade emocional de... se emancipar de... sair disso. (Lívia)

Helena também revela em seu discurso uma clara ligação entre o padrão dos pais na relação com seus filhos e a maior ou menor facilidade em se emancipar emocionalmente – nas palavras dela, *crescer*:

*...a grande dificuldade minha foi cortar, mesmo, o vínculo com meus pais, a minha **resistência em querer crescer** (...) **demorei muito prá cortar esse cordão, com eles, emocional né** (...) foi muito difícil, acho que isso demorou muito para eu me lançar (...) Pela educação dos meus*

pais, ninguém é dependente, meus pais são muito independentes da gente. E quando eu consegui me desapegar deles, cortar, foi mais saudável, porque eu é que era muito ligada neles, não é que eles eram ligados em mim. (Helena)

Percebe-se que os padrões relacionais entre pais e filhos descritos por Lúvia e Helena em suas trajetórias são praticamente opostos: Lúvia argumenta serem seus pais muito acolhedores, enquanto Helena ressalta a independência de seus pais em relação aos filhos. Em ambos os casos, no entanto, há uma referência à dificuldade em adquirir a autonomia emocional – como se pais acolhedores ou independentes demais em relação aos filhos dificultassem igualmente seu processo de autonomia emocional.

A autonomia emocional pode representar algo além do poder de tomar decisões e guiar a própria vida, incluindo também aquilo que os sujeitos da pesquisa designam de maturidade, assentada em características como segurança, auto-estima, ponderação, equilíbrio. A maturidade relaciona-se, em seus discursos, com a construção da identidade, e esta parece permitir um posicionamento do sujeito perante os outros, no qual ele assume tal identidade, *sendo ele mesmo*:

*...eu definiria vida adulta como **maturidade** (...) coisa que anos atrás eu não falaria (...) talvez por uma insegurança, por uma incerteza de identidade... né. Hoje eu sei que essa minha identidade, ou essa minha maturidade me permite, não só contar quando uma coisa não me agradou como também o contrário* (Estér)

*...não é fazendo tudo, ou fazendo o que a pessoa quer, e tal, que você vai (...) ser melhor, ou pior. Então eu acho que **você tem que ser você mesma, acho que isso é ser adulto, é ser você mesma e agir conforme o que você está a fim de fazer, né, e não pelo outro, fazer por você. Acho que isso é... é maturidade.*** (Janaína)

Uma das expressões utilizadas pelos sujeitos para designar essa maturidade é o equilíbrio emocional, traduzido nas falas dos sujeitos como **ponderação, densidade, coerência, calma, capacidade de análise e síntese**, de **ouvir** e de **se posicionar**, além de **sabedoria**. Tais atributos são tomados como pré-requisitos para que alguém seja considerado adulto:

*...ele é considerado adulto quando ele é **ponderado**, né, quando ele está em **equilíbrio** (...) tem condição de **ouvir o que o outro tá falando**, esperar ele terminar de falar (...) e **se posicionar** de uma forma*

*coerente, né (...) analisa um pouco mais antes de tomar atitudes, né (...) ele adquire um pouco mais de **sabedoria** prá lidar com as situações.*
(Estér)

*...tem algumas situações que eu acho que... **ser adulto é saber se impor**, né, principalmente no meu caso eu sou mulher, e mãe solteira...*
(Janáína)

*...eu **sei me posicionar** diante de algumas situações, sem a sombra de ninguém (...) e toda e qualquer consequência que vier disso, eu consigo também trabalhar sozinha...* (Estér)

*...as coisas se tornam um pouco mais **densas**, eu acho (...)a **cabeça do adulto**, ela faz uns **links de síntese**... (Helena)*

A referência de Helena à *cabeça do adulto* expressa a diferença por ela percebida entre um sujeito adulto e uma criança, ou jovem, que ainda não possua essa capacidade de síntese. O desenvolvimento do pensamento e da linguagem, da criança até o sujeito adulto, foi estudada por Vygotski (2008), que mostrou serem diferentes os processos mentais de pensamento da criança e do adulto, mesmo que para ambos o significado das palavras se refiram aos mesmos objetos, o que permite a comunicação entre ambos através da linguagem: “a criança pensa a mesma coisa de um modo diferente, por meio de operações mentais diferentes” (p. 86), explica o autor.

Outro sentido de adulez, ligado ao equilíbrio e à ponderação, remete à capacidade de lidar com diversas situações sem permitir, contudo, que uma interfira na outra:

...cada situação ela precisa ser resolvida a seu momento (...) e para cada momento que eu estiver envolvida com um segmento, ele tem que ser levado a sério, ele tem que ser curtido, ele tem que ser aproveitado.
(Estér)

Essa capacidade de lidar com diferentes situações sem permitir que as emoções se misturem ao processo de pensamento e tomada de decisão mostra-se como uma capacidade do adulto para Estér. Resolver várias questões da vida simultaneamente, ou mesmo assumir diversas atribuições e papéis, foi representado por Estér em uma produção imagética na qual retratou um varal:



Fotografia 13: varal (Estér).

*...o varal, ele representa prá mim, as várias faces, (...) **vários segmentos que compõem a minha vida**. Então um é profissional, o outro é pessoal, o outro enquanto amiga, outro enquanto personal trainer, a outra enquanto instrutora da academia... então **eu defino a minha vida adulta dessa forma**. (Estér)*

Helena traz um ponto de vista similar ao de Estér quanto aos diversos aspectos da vida, porém acredita que não seja possível separá-las, mas sim evitar que os problemas de um afetem os outros, e expressa novamente o sentido de vida adulta ligado a equilíbrio:

*...hoje em dia, que **eu tenho equilíbrio, de não afetar minhas outras partes**. Eu acho que quando eu era mais nova, afetava. Então, eu ficava numa tristeza constante. Hoje em dia não (...) consigo não contaminar. **Não que separe, porque a gente não consegue, não dá prá separar, mas eu não contamina**. (Helena)*

O aspecto emocional da vida adulta, ou da transição para ela, é um dos tópicos menos estudados entre os autores que tratam desse tema. Porém, é clara a importância dada pelos sujeitos da pesquisa a esse quesito. Na frase de Lívia, a seguir, fica expressa a relação entre a superação de suas dificuldades emocionais e o reconhecimento de si mesma como adulta. Ao falar de problemas difíceis de solucionar, afirma:

*... quando eu fico muito focada nisso, me traz exatamente essa sensação (...) de “ai, que **coisa de adolescente**, ficar preocupada com isso” (Lívia).*

Juntamente à autonomia emocional como uma característica da adultez, outro aspecto inerente à vida adulta nos discursos de alguns sujeitos é o **autoconhecimento**. Mais do que conhecer-se, é necessário uma busca de si mesmo, da própria *verdade*, e a atitude de assumi-la perante os outros. Assumir essa **verdade** leva a um equilíbrio maior, no sentido de não se desestabilizar com a opinião alheia, de autorizar-se a buscar seus objetivos e viver de acordo com os próprios valores e escolhas, remetendo novamente à concepção de identidade e, por outro lado, revelando a presença do individualismo como um valor contemporâneo. A conquista do autoconhecimento parece ser percebida como uma liberdade, a **suposta liberdade do adulto** – que tem seu preço, como todas as outras conquistas dessa etapa da vida, e carrega as suas dificuldades também, implicando na auto-aceitação necessariamente:

...eu to bem nessa (...) de assumir mesmo, o que eu penso, o que eu quero, o que eu acho importante, as minhas opiniões. E isso prá mim é a fase adulta (...) é muito a coisa de verdade, a tua verdade, (...) autenticidade, não sei, é meio complexo, mas... acho que é a minha verdade (...) a vida adulta é isso. Você se buscar, a sua verdade, para dar um significado para a vida. E não colocar a tua vida, assim, na culpa dos pais (...) ou no relacionamento (...) não vai se desestabilizar com a crítica, o julgamento externo, ou porque você não está suprindo a necessidade do outro, acho que isso é a grande coisa da vida adulta mesmo, é você se buscar, (...) conseguir realizar as tuas coisas, entendeu... (Helena)

O relato de Helena deixa clara a noção de indivíduo como um valor central, sendo a igualdade e a liberdade associadas a ela, confirmando a afirmação de Borges e Magalhães (2009) em relação à configuração ideológica moderna. Nela, a sociedade é percebida como um fardo a constranger o exercício da liberdade individual. “A influência do individualismo na constituição da vida social contemporânea deve considerar também que o comprometimento com a ideologia individualista dá ênfase ao sujeito psicológico”, afirmam as autoras (p. 45). Esse sujeito psicológico parece desenvolver-se, entre outros aspectos, pela prática do cuidado consigo mesmo e da busca do autoconhecimento. A auto-aceitação também faz parte desse processo, e inclui aceitar as mudanças físicas, o envelhecimento, as limitações que a idade traz inevitavelmente. Helena produziu uma bela imagem para expressar essas questões trazidas em seu discurso:



Fotografia 14: desabrochar (Helena).

*Então a fase adulta prá mim, eu me sinto desabrochando, a gente desabrocha prá um outro olhar, mesmo (...) não tenho tanta necessidade, de saber o que os outros pensam da gente, **não tenho uma autocrítica tão grande**, assim, é uma aceitação do teu corpo, com as mudanças... esse é um sinal do amadurecimento. **Aceitar mesmo, o envelhecimento, os cabelos brancos, as rugas (...)** é um outro olhar que tem... que ter prá o adulto né. E o que tem de bonito no adulto, é essa coisa do conhecimento, mesmo, até essa, esse movimento mais lento, esse olhar diferente, mesmo esse **auto-cuidado**... (Helena)*

Na representação do indivíduo como sujeito psicológico, a individualidade ganha expressividade. “Afirmando-se como um valor, o indivíduo é concebido como sujeito de direitos iguais, mas de experiências singulares”, salientam Borges e Magalhães (2009). Entre as experiências singulares da vida adulta para os sujeitos da pesquisa estão, além do seu aspecto **difícil e pesado**, outras características como **alegria e felicidade**. Saber conciliar as responsabilidades, deveres e tarefas do adulto com as amizades, a alegria e os momentos felizes, configura-se em uma diferente concepção sobre esse ciclo da vida e parece conferir aos que o sabem um tipo de felicidade mais intensa, mais completa:

*...antes, tinha muito o medo de não ser aceita, de não ser feliz (...) a felicidade de alguém, o prazer de alguém na fase adulta, entendeu (...) **tem felicidade muito grande na fase adulta, né (...)** existe felicidade, né, na vida adulta. Muito, e é uma **felicidade muito mais plena, mais completa**... (Helena)*

...uma coisa que eu não quero que morra, né, assim, essa coisa da diversão, de ser adulto mas de poder brincar, poder rir, poder se passar às vezes, eu não acho isso ruim. Não acho que é uma coisa que tem que acabar, porque senão eu não vou ser adulta. (Lívia)

A dificuldade da vida adulta expressa pelos sujeitos diz respeito não somente às conquistas da independência econômica, mas também aos aspectos emocionais. A esse respeito, Sheehy (1991, p. 30) coloca:

Não é fácil viver uma vida adulta. Tal como na infância, cada passo implica não apenas novas tarefas de desenvolvimento, mas exige um abandono de técnicas que funcionaram anteriormente. A cada passagem, é preciso renunciar a alguma magia, é preciso lançar fora alguma cara ilusão de segurança e algum sentido confortavelmente familiar de identidade, é preciso levar em conta a dilatação de nossa própria individualidade.

Assim como a autonomia emocional, a **família** foi um tópico especialmente abordado por todos os sujeitos participantes da pesquisa. Questões como estabelecer um relacionamento estável com outra pessoa, casar, ter ou não ter filhos e as relações com a família de origem, especialmente os pais, foram relevantes em seus discursos e em suas produções imagéticas – quatro dos seis sujeitos escolheram fotografar suas famílias e levar essas imagens à segunda etapa da entrevista, citando a família como um dos sentidos da vida adulta. As falas a respeito das relações com os pais, por exemplo, parecem ligar-se diretamente com o reconhecimento de si mesmos como adultos. Aceitar os pais, cuidar dos pais, colocar-se no lugar deles – trocar de papel com eles, tornando-se responsável até certo ponto, foram alguns dos aspectos trazidos pelos sujeitos.

Aceitar o que os pais puderam dar e assumir a si mesmo, fazer a própria vida, fazer diferente, é tratado no discurso de Helena como uma das clarezas da vida adulta, a qual ela relaciona a *cortar o cordão umbilical*, um processo que se parece com separar-se, individualizar-se, incluindo não só uma atitude dos filhos para com seus pais, mas destes para com eles também:

...não posso culpar de uma coisa que eles não tiveram (...) essa é uma clareza adulta, né, é uma coisa madura (...).faz parte da vida adulta, aceitar o que você teve, aceitar o que eles puderam te dar, e que você

vai poder fazer diferente. **Acho que a grande sacada minha, foi “eu quero fazer diferente”**, entendeu. (...) *Eu acabei me separando deles, eu cortei o cordão umbilical...* (Helena)

...meus pais não sei se foram ideais, assim, acho que não, faltou bastante coisa, mas... mas eles souberam assim, acho que... “oh, vai, né, guria” (...) eu acho que de outra forma eu não teria ido, viu... então não vou questionar. (Helena)

Nesse processo de separar-se dos pais e buscar a própria autonomia, aos poucos os lugares daquele que cuida e daquele que é cuidado vão se diferenciando também, e **os filhos passam a cuidar dos pais:**

*...acho que também isso significa mais virar adulto; quando a gente passa, ah, agora a gente que se preocupa com os pais (...) por exemplo: hoje minha avó tava meio doente, eu: “não, pode deixar que amanhã levo ela no médico”(...) **Me faz sentir mais adulta.*** (Lívia)

As mudanças de papéis dentro da família fazem parte do ciclo de vida familiar, que varia no tempo conforme se modificam também os ciclos de vida de cada componente da família (BORGES e MAGALHÃES, 2009). Em uma família com filhos adultos – como no caso da família de Lívia – é de se esperar que o cuidado dos pais para com os filhos vá cedendo espaço, paulatinamente, a um movimento inverso – de cuidado dos filhos para com os pais.

De acordo com Carter e Mc Goldrick (1995, p. 9):

É extremamente difícil pensar na família como um todo, em virtude da complexidade envolvida. Como um sistema movendo-se através do tempo, a família possui propriedades basicamente diferentes de todos os outros sistemas.

Em algumas circunstâncias e padrões de relacionamento familiar, pode acontecer de os filhos assumirem um papel até “mais adulto” do que os pais no que diz respeito ao cuidado e às responsabilidades, tomando as rédeas da casa, cuidando dos pais não só no quesito saúde, mas também assumindo as decisões financeiras da família e qual direção escolher a cada momento (Grifo da pesquisadora). Como no caso de Estér, após seus pais terem passado por um período significativo de perdas nesse sentido:

...meu irmão e eu a gente começou a dar um certo direcionamento pros meus pais (...) a gente conseguia, pelo menos ter uma visão um pouco diferente (...) eu acredito que a partir daí, os meus pais passaram – é como se eles transferissem a responsabilidade, até de suas próprias vidas prá gente (...) eu via que meus pais, antes de tomar qualquer atitude, entre eles mesmo, eles meio que olhavam prá mim e pro meu irmão – como criança olha pro pai, né – “e aí, você aprova, vc acha legal...”, né. (Estér)

Nesse caso, a mudança na conduta familiar foi o resultado da articulação entre o ciclo no qual a família de Estér se encontrava e as ocorrências nas trajetórias individuais onde, ao mesmo tempo, Estér e o irmão estavam trabalhando e sendo remunerados enquanto seus pais passavam por um momento de perdas financeiras e desemprego.

Entre os eventos que imprimem mudanças no ciclo de vida familiar existem aqueles que já se mostraram culturalmente universais e marcados por rituais de passagem: os funerais, os casamentos e o início da puberdade (FRIEDMAN, 1995). São acontecimentos que transformam rapidamente a configuração e as relações familiares, como fica claramente expresso no discurso de Janaína ao descrever o falecimento do pai, seguido da mudança de cidade da mãe:

...meu pai faleceu em outubro, de repente a minha mãe também foi embora e eu pensei “pô, e agora, né?” (...) eu confesso que eu fiquei sem chão, assim, né. Porque meu pai tinha falecido, aí de repente eu me vi numa situação que eu pensei assim – gente, eu não tenho nem pai nem mãe! (Janaína)

Para Janaína, a perda do pai foi um dos acontecimentos que relacionou à adulez. Para ela, assim como tornar-se mãe, lidar com a perda trouxe **maturidade**, e outra forma de perceber a vida e as transformações que ainda estão por vir, as quais não podem ser evitadas. A vida acontece em ciclos que obedecem, segundo ela, a uma determinada lógica, ou lei:

...a vida é maturidade! Porque uma hora, é a lei da vida, uma hora vou perder a minha mãe, meu pai, minha avó... então é uma coisa que já tem de ir trabalhado, né. (Janaína)

Janaína esteve entre os sujeitos que descreveram a **família** como um dos sentidos da vida adulta, trazendo para a segunda etapa da entrevista uma produção imagética já construída em um momento

anterior à sua participação na pesquisa – pois fez questão de incluir três gerações na imagem. Foi a primeira foto a descrever, demonstrando a relevância da família como um dos sentidos da vida adulta para ela:



Fotografia 15: família (Janaína)

*...uma foto que prá mim **representa a família**. Que tem tudo a ver com a **fase adulta**, que é **criar, ter família**, é a foto que representa a minha família hoje. (Janaína)*

Outros dizeres a respeito da família e sua relação com a adultez também focalizaram a importância da família de origem para os sujeitos, bem como a construção da própria família como um dos atributos da vida adulta. Poder contar com o apoio dos familiares em quaisquer situações e reconhecer seu papel na própria vida foi enfatizado em algumas narrativas:

*...essa aqui é a minha família, né (...)a gente não tem apego, a gente fica até... uma semana sem falar (...) mas **sempre estão ali**. **Posso contar**. Então é importante, **isso aí... é maturidade**... (Helena)*

*...como a minha família me apoiou muito (...) foi muito fácil, assim, a minha gestação, a maternidade prá mim foi algo que foi muito... muito simples de lidar. Né, foi muito fácil de lidar, acho **que pelo apoio da minha família**, assim. (Janaína)*

Para Borges e Magalhães (2009), a família tem se constituído em importante rede de suporte para os sujeitos, sendo o apoio familiar indispensável à realização de projetos individuais.

Outro aspecto da importância familiar trazido nas narrativas tem relação particular com o aprendizado recebido por parte dos pais, ou de um dos pais em particular. Aragon, por exemplo, enfatizou a **importância da mãe** em sua trajetória e **formação rumo à vida adulta**. Para ele, a forma como ela o educou foi um diferencial no aprendizado da autonomia que mais tarde o possibilitou reconhecer-se como sujeito adulto:

*...dar ferramentas para o filho, no caso, ter essa consciência, essa noção de que uma hora vai ter que se preparar porque vai ter que se virar sozinho, no caso, contribui bastante, **a minha mãe foi muito importante nisso** (...) nunca me faltou nada, mas eu nunca tive tudo. Então, eu **acho isso muito importante, prá formação do adulto**, né. (Aragon)*

Em outro trecho da entrevista, novamente enfatiza o exemplo da mãe em sua trajetória:

*(...) minha mãe construindo a casa dela sozinha (...) isso contribuiu prá gente ver, **o reflexo das atitudes dela foi refletindo nas nossas atitudes** – minha irmã começou a criar mais responsabilidade, tanto eu quanto ela, então isso foi... foi importante, né. No caso, inspirador. (Aragon)*

Já Pedro referiu-se várias vezes durante as entrevistas à sua **relação com o pai** e à importância que ele teve em sua trajetória, como um **modelo de adulto** que acabou repetindo, sem perceber. Falar do pai levou Pedro a reconhecer a sua imagem em si mesmo, hoje, como adulto, inclusive como pai – na relação com seus filhos, onde repete a educação recebida, segundo ele eficiente em torná-lo adulto. Em alguns momentos, chegava a ficar surpreso com essa percepção:

*...sempre via no meu pai aquilo e achava que aquilo era o adulto. Então me preparei para fazer igual. Então eu... eu segui os mesmos caminhos. E muitas vezes eu **me pego agindo igual meu pai**. (Pedro)*

*Meu pai sempre me enxergou como homem, como adulto. Eu tenho uma relação muito boa com meu pai (...) eu puxei essa forma também de educar meus filhos, dele. De pontuar as responsabilidades, e deixar a pessoa carregar as responsabilidades, jogar prá ela (...) porque ele deixava, mesmo que eu tivesse errado (...) às vezes eu **penso nisso, quando eu vou tomar alguma atitude, eu penso assim: o que o meu pai me falaria** (...) até hoje eu busco tentar fazer a reflexão do que ele falaria. (Pedro)*

Tanto Pedro como Aragon têm em suas trajetórias uma singularidade que os levou, provavelmente, a enfatizarem somente um dos pais: Aragon praticamente foi criado somente pela mãe, e Pedro pelo pai, que ficou viúvo quando este ainda era bem jovem.

Ao referirem-se às suas famílias como importantes na vida adulta, os sujeitos também citaram a **constituição da própria família**, pela prática do casamento e geração dos filhos. Vários autores citam o **casamento** como um dos rituais da vida adulta. Entre eles Pais (2009) que, em seu estudo sobre os jovens portugueses e os ritos de passagem, afirma:

Na verdade, em sociedades de outrora existiam ritos de passagem que demarcavam, de modo preciso, a transição dos jovens para a idade adulta, como os ritos de circuncisão. Mais recentemente, o casamento e a obtenção de um trabalho constituíam momentos-chave para a aquisição do estatuto de adulto (...). Hoje em dia, são mais fluidos e descontínuos os traços que delimitam as fronteiras entre as diferentes fases de vida (p. 373).

Entre os sujeitos pesquisados, observou-se que o casamento é citado pela maioria como algo importante, porém não imprescindível a uma vida adulta, se comparado ao trabalho, aparentemente mais marcante. Em pesquisa sobre o casamento entre jovens adultos solteiros e seus projetos de vida, Féres-Carneiro, Magalhães e Ziviane (2006) constataram que a independência financeira e o aprimoramento profissional são prioridades em relação a casamento e filhos, para a maioria das mulheres entrevistadas. A narrativa de Estér expressa essa afirmação:

*...se assim acontecer de vir a **me casar com alguém** ou de vir a **constituir família com alguém**, isso vai dar um outro... grande passo prá ser considerada adulta, né, acredito que isso **vai agregar valores, à questão de ser adulta** (...) do mais, eu... eu acho que eu posso colocar o **crachá** escrito adulta... (Estér)*

Interessante, na frase de Estér, a alusão ao **crachá** de adulta, que remete ao reconhecimento como adulta – um crachá, afinal, serve para que alguém seja identificado pelos demais. Nesse caso, parece pesar o reconhecimento dela como adulta pelos outros.

Já em relação à importância dos **filhos** para a vivência do adulto, Pedro afirma ter passado para outro momento, no ciclo de vida em que se encontra hoje: com filhos adolescentes, vendo-o como adulto. Através dos filhos, ele se reconhece como tal, e às vezes se assusta:

*...hoje eu to vivendo **uma fase de adulto diferente que é... meu filho me vendo como adulto**, né (...) eles me vêem como adulto, hoje. E isso também me pega às vezes de achar ‘pô, mas então eu já sou adulto, né...’ (...) alguma coisa que eles dizem ‘pô, pai, você ta velho...’ – ‘não é possível que você ta falando isso de mim, eu ainda me acho tão jovem...’ **Eu sempre me assusto com isso.** (Pedro)*

Aragon segue pelo modelo tradicional de adulez: para ele, casar-se e ter filhos faz parte da formação do adulto:

*...a partir do momento que tu começa a **construir tua família**, uma nova família, né, porque tem a sua família com seus pais, aí você começa a criar uma nova família, isso também já inicia, **já é um processo da formação da pessoa adulta**, no meu entender. (Aragon)*

Ao contrário da opinião de Aragon, no entanto, na atualidade é possível que o casamento já não represente tão nitidamente um marcador de entrada na vida adulta, considerando as inúmeras transformações no modo como as pessoas se relacionam afetivamente e mesmo a mudança de comportamento frente ao casamento. Como salienta Soares (2002, p. 35):

[...] nem todas as pessoas se casam. Algumas preferem permanecer solteiras e outras ficam solitárias sem o desejar [...] O número de viúvos e de divorciados aumentou significativamente nesta última década, e um menor número de mulheres encontra novos cônjuges.

Apesar de prescindível, o **casamento** e o desejo de constituir uma **família** e ter **filhos** são ainda enfatizados – porém não tanto quanto o trabalho e a independência financeira. A alusão a um relacionamento sério muitas vezes se torna importante não pela falta do casamento em si, mas pela constatação de que outras pessoas, no mesmo momento do ciclo de vida, já o conquistaram:

*...eu to com 27 anos, **muitas amigas minhas já são noivas, ou casadas, ou moram juntas, ou estão numa relação de anos, super firme.** A*

maioria, eu acho. Então eu acho que isso também... pesa né, “ai, então...então eu não sou adulta nesse lado”. (Lívia)

Helena refere-se ao casamento como uma alegria a mais, algo que realmente fica faltando para supostamente sentir-se inteira, plena, considerando a já alcançada independência econômica e profissional:

Eu acho que eu não sou plenamente feliz, porque eu não desenvolvi o lado familiar. Até então, não que eu tenha desistido, né (...) tem uma partezinha minha, que ta vazia, né (...) acho que eu vou ser um pouquinho mais feliz, um outro tipo de alegria, vamos dizer assim, ter uma companhia... (Helena)

A busca pela concepção mais tradicional de vida adulta – na qual o casamento é imprescindível – no entanto, nem sempre chega a ser alcançada. Muitas vezes, sustenta Tonelli (2001), esbarra nas dificuldades existentes nos relacionamentos contemporâneos, os quais seguem uma lógica que implica no questionamento e reflexividade incessantes sobre as ações e direcionamentos a serem seguidos e, conseqüentemente, nas ações frente às inúmeras opções a que se tem acesso. As relações amorosas, frisa a autora, também estão submetidas a essas condições:

Ainda que as relações entre as pessoas nunca tenham sido fáceis, os modos de vida que atualmente parecem regular as relações sociais incluem dificuldades específicas que atingem o modo de convivência mais íntimo das pessoas e impedem a realização de experiências mais satisfatórias (p. 245).

As falas de Helena e Lívia, descritas anteriormente, expressam essa dificuldade em conciliar a demanda familiar às outras associadas à vida adulta, como responsabilidades, trabalho, independência econômica, e que aparentemente exigem bem mais tempo e dedicação dos sujeitos para se realizarem, fazendo com que o projeto familiar fique de fato para segundo plano. Por outro lado, tanto amor quanto trabalho, as duas grandes dimensões da vida das pessoas adultas, estão em crise na contemporaneidade, aponta Tonelli (2001, p. 259). Sobre o **amor** e o **trabalho** como áreas da vida adulta, vale ilustrar a seguinte narrativa, trazida por Erikson (1976, p. 137) em uma de suas obras clássicas, ao ponderar sobre esses dois grandes temas:

Perguntaram uma vez a Freud o que pensava que uma pessoa normal estaria habilitada a fazer bem. O seu interlocutor esperava, provavelmente, uma resposta complicada, “profunda”. Mas Freud disse, simplesmente: “*Lieben und arbeiten*” (“Amar e trabalhar”). (Grifos do autor).

Além da importância da família e da consideração do casamento e dos filhos como circunstâncias da adultez, uma prática relacionada ao adulto diz respeito ao que Erikson (1976, p. 138) chamou de “generatividade”, ou seja, o cuidado em “estabelecer e orientar as gerações seguintes”. Outra estudiosa, Gilligan (1982), enfatiza que para Erikson a virtude de preocupar-se com os outros é “a força da vida adulta”, porém em seus estudos ele “vira-se frequentemente para as vidas dos homens” (p. 171). Ela abordou a perspectiva do cuidado no desenvolvimento moral das mulheres, ao estudar a relação entre julgamento e ação em situações onde estavam presentes o conflito moral e a opção, e ali percebeu diferenças nas vozes femininas. Emergiu de seus estudos uma ética do cuidado que, nas palavras de Zoboli (2004, p. 22), questionou “as concepções éticas vigentes com vistas a valorizar não apenas os atos, as motivações e o caráter dos envolvidos, mas se as relações positivas são ou não favorecidas”.

Esta autora refere-se à noção de cuidado como um recente paradigma da ética e da bioética, e volta-se à filologia da palavra cuidado, concluindo, a partir daí:

[...] a natureza da palavra “cuidado” inclui duas significações básicas, intimamente ligadas entre si: a primeira uma atitude de desvelo, de solicitude e de atenção para com o outro e a segunda uma preocupação e inquietação advindas do envolvimento e da ligação afetiva com o outro por parte da pessoa que cuida. Assim, parece que a filologia da palavra “cuidado” indica que cuidar é mais que um ato singular; é modo de ser, a forma como a pessoa se estrutura e se realiza no mundo com os outros (Grifos da autora). É um modo de ser no mundo que funda as relações que se estabelecem com as coisas e as pessoas (ZOBOLI, 2004, p. 22).

A noção de cuidado acima descrita expressa o que vários sujeitos da pesquisa trouxeram em seus discursos como um dos sentidos da vida adulta. Para eles, **ser adulto é saber cuidar do outro** – dos que chegam à velhice, das crianças, de todos que precisem de uma atenção maior ou especial, da família, dos filhos, dos pais. Essa é uma tarefa do adulto, nas suas opiniões. O adulto, a partir de sua estabilidade, precisa ter a paciência e a responsabilidade de cuidar do outro. Janafna retratou esse cuidado em uma de suas produções imagéticas, em que fotografou duas mulheres que supôs serem mãe e filha:



Fotografia 16: cuidar dos mais velhos (Janafna).

...o que eu achei bem bonitinho, é que assim, ela tinha o cabelo bem branquinho, então deu prá retratar bem, assim. E é o cuidado, né, que eu tanto falei prá você. É o cuidar da família, é o cuidar das pessoas mais velhas, das pessoas mais novas, né, ter essa paciência, você pode ver que elas estão de mãos dadas, aqui... é o carinho, assim... então eu tentei retratar isso... (Janafna)

O **cuidado com o outro**, suprir suas necessidades em primeiro lugar, também é expresso na fala de Estér como um sentido da vida adulta. Mesmo que tal cuidado se dirija a um animal – o qual necessita da pessoa que lhe dá comida e atenção. Duas das imagens feitas por ela retratam os dois cães de quem cuida em uma de suas atividades de trabalho, e é assim que ela se refere a eles e faz a relação com a vida adulta:



Fotografia 17: cuidar de um cão (Estér).

...na hora que eu termino de atendê-los, aí eu vou preparar meu almoço, eu vou preparar meu jantar, eu vou cuidar das minhas coisas. Isso prá mim define muito o ser adulto, pensar na necessidade do próximo. (Estér)

Gilligan (1982, p. 199), após entrevistar mulheres que haviam passado pelo dilema de decidirem por fazer ou não o aborto, teceu as seguintes considerações:

[...] a capacidade para assumir responsabilidades e preocupação com os outros evolui através de uma sequência coerente de sentimentos e pensamentos. Na medida em que os acontecimentos na vida e história das mulheres se cruzam com os seus sentimentos e pensamentos, uma preocupação com a sobrevivência individual passa a ser vista como “egoísta” e é contraposta à responsabilidade de uma vida entre relações (Grifo da autora).

Já Aragon trouxe outro aspecto relacionado à atitude adulta do cuidado com o outro: cuidar das crianças, sejam quais forem, é uma responsabilidade do adulto. Ele retratou esse sentido de vida adulta na imagem de um parque em uma escola infantil:



Fotografia 18: parque infantil (Aragon).

...aquela pessoa mesmo não tendo nenhum vínculo com aquela criança, ela é responsável por ela... (Aragon)

É perceptível no discurso de Aragon sua atenção aos aspectos legais das responsabilidades do adulto. **Ser responsável pelas crianças** é uma das tarefas sociais do adulto, e está previsto como um direito tanto delas como dos adolescentes no ECA (BRASIL, 1990). Da mesma forma, o cuidado de Janaína com as pessoas mais velhas está previsto no Estatuto do Idoso. O direito de ser cuidado, de que gozam legalmente a criança, o adolescente e o idoso, remete à existência de um cuidador – no caso, resta o adulto. O adulto ocupa portanto esse lugar central, fora do qual todas as outras idades, ou *status*, configuram-se como marginais, ou minorias, poder-se-ia assim dizer.

Se fosse imaginado um “estatuto do adulto”, por sua vez, ele se constituiria em todas as outras leis, muito mais obrigações do que direitos – as quais estão previstas no Código Civil (Grifo da pesquisadora). Talvez por isso a forte relação entre vida adulta e obrigações, já descrita anteriormente em algumas falas dos sujeitos¹⁷. Mas, não se chama tal código de estatuto do adulto, por estar previamente construída a noção do adulto como sujeito padrão na sociedade, “estatuto a atingir pelos mais jovens e a recordar com nostalgia pelos mais velhos”, como sustenta Sousa (2007, p. 64).

Sem a pretensão de discutir nesta pesquisa as diferenças de gênero em relação à noção de cuidado, cabe destacar a sutil diferença entre o discurso de Aragon e os de Estér e Janaína no que diz respeito a

¹⁷ Ver páginas 101 e 102.

ela. Aragon fala do cuidado como uma responsabilidade civil do adulto, independentemente do vínculo afetivo – ou seja, ele remete à lei, à objetividade. Já Estér e Janaína são mais subjetivas em seus discursos, falando em “pensar na necessidade do próximo”, “ter paciência”, “carinho”. Mesmo sabendo da responsabilidade civil do adulto com o idoso, com as crianças, com os animais, elas falam de cuidado, e seus discursos têm um tom afetivo.

Citando novamente as pesquisas de Gilligan (1982): a partir das mesmas, emergiu uma ética do cuidado contrapondo-se a uma ética da justiça. Segundo a autora, a **ética do cuidado** tem as seguintes características: abordagem contextual, conexão humana, relacionamentos comunitários, âmbito privado, reforça o papel das emoções e é relativa ao **gênero feminino**. Já a **ética da justiça** caracteriza-se por: abordagem abstrata, separação humana, direitos individuais, âmbito público, reforça o papel da razão e é relativa ao **gênero masculino**.

Para poder cuidar do outro, é preciso antes ter **cuidado consigo**, dizem alguns sujeitos. Esse é mais um aspecto importante da vida adulta, trazido na fala de Helena, e que novamente remete à noção de **individualismo** presente na contemporaneidade:

...eu lembro do dia que eu decidi “vou pagar um plano de saúde”. Eu falei assim, “porque eu vou cuidar de mim, vou me cuidar”... (Helena)

...a natação, ela tem uma coisa de saúde prá mim, e assim, eu tenho uma disciplina, uma regularidade, porque eu vou toda segunda, quarta e sexta (...) eu tenho todo esse ritual, eu acho que isso é uma coisa de adulto, assim, de você ter essa... assumir essa responsabilidade, com você, de auto-cuidado, de cuidado. (Helena)

Adquirir autonomia emocional, aceitar os pais, dar importância à família, casar e ter filhos, cuidar dos outros foram temas centrais apresentados pelos sujeitos como inerentes ao processo de tornar-se adulto, delimitados neste último núcleo de significação. Em seus discursos, estabelecem-se relações entre esses temas e as singularidades da trajetória de cada um deles, e nelas se constroem os **sentidos de vida adulta**. Como a natação para Helena, que remete à saúde e ao auto-cuidado vividos por ela no ciclo de vida em que se encontra, ou a importância que teve a família de Janaína em sua trajetória, dando sentido ao aspecto familiar na adultez, ou mesmo o cuidado com qualquer criança, independente de ser ou não o próprio

filho ou filha – experiência que Aragon vive com sua enteada e que remete sentido a esse cuidado como inerente ao adulto.

5 CONSIDERAÇÕES OU CUIDADOS FINAIS

Plantada a árvore, após tempo e cuidados aparecem os frutos. A semente jogada trazia, no início da pesquisa, a seguinte questão: **quais os sentidos de vida adulta para pessoas com formação universitária?**

A partir da colheita foram identificados e desenvolvidos, à luz do referencial teórico, três núcleos de significação:

- (a) Os sujeitos da pesquisa: trajetórias de vida em ciclos e momentos marcantes do reconhecimento da vida adulta;
- (b) Sentidos de vida adulta: independência, responsabilidades e trabalho;
- (c) Sentidos de vida adulta: autonomia emocional, família e a ética do cuidado;

A divisão dos núcleos dessa forma buscou seguir uma lógica que facilitasse a compreensão dos sentidos de vida adulta expressos pelos sujeitos. No entanto, cabe salientar que tais temáticas estiveram entrelaçadas durante todo o processo em seus discursos, bem como na análise, onde ler e reler as entrevistas tornou-se um exercício sistêmico e dialético de construção.

Organizando as considerações finais a partir dos núcleos pode-se dizer, em relação ao **primeiro núcleo de significação**, que as entrevistas e produções imagéticas confirmaram a concepção de sujeito adotada nessa pesquisa, segundo a qual ele é construído social e historicamente e segue uma trajetória de vida que acontece em ciclos, de forma não linear e sem seguir um modelo padrão, apesar de haverem alguns momentos significativos compartilhados por vários sujeitos, como aqueles relacionados à trajetória escolar e profissional – formatura, primeiro emprego – e outros que ainda se constituem como ritos de passagem – o casamento, o nascimento dos filhos.

Além de momentos, práticas ligadas à adulez foram referidas, como a obtenção de bens materiais como o primeiro imóvel, o primeiro carro, e a autonomia diante das situações do cotidiano. Ser reconhecido como adulto por um outro significativo, como o pai ou a mãe, bem como o reconhecimento profissional por parte de um superior também foram percebidos como marcadores da vida adulta, demonstrando que a constituição dos sujeitos sempre se dará em relação à sua história e ao social, incluindo-se aí todas as relações das quais faz parte, todos os sistemas com que interage.

A trajetória em direção à vida adulta é concebida como uma construção, um processo, e as formas de transitar para ela, referidas por alguns, confirmaram a literatura atual sobre o tema onde trajetórias incertas e fragmentadas decorrem das inúmeras transformações nas relações do mundo contemporâneo, tanto no trabalho como interpessoais. Assim, tornar-se adulto passa a ser um processo de múltiplas formas, e o ciclo de vida adulta deixa de ter um início e estágios definidos pela idade para se tornar bem mais elástico e aberto, aceitando tanto os jovens de trinta e poucos anos morando com seus pais – geração “canguru” – como os cinquentões com roupas juvenis ou as senhoras sexagenárias com aspecto de adolescentes – os “adultescentes”. Entre os participantes, aqueles com menos de trinta anos ainda moram com a família, apesar de já trabalharem, e um deles necessita do auxílio financeiro dos pais. Não chegam a representar a geração “canguru” – apesar de, em alguns aspectos, estarem bem próximos a ela.

Essa demora social, expressa na permanência dos filhos em casa e recebendo apoio financeiro dos pais cada vez por mais tempo não se trata, no entanto, de um fenômeno global. Entre os jovens das chamadas classes populares, desfavorecidas economicamente, a permanência na família de origem geralmente ocorre com os filhos não só trabalhando, como dividindo as despesas familiares. Não significa permanecer usufruindo do conforto do lar de origem, mas sim enfrentar dificuldades para manter financeiramente mais uma casa, sendo mais fácil permanecerem todos na mesma, ou construir uma segunda casa no mesmo terreno, como tanto se observa. A questão sócio-econômica, portanto, traz diferenças no processo e nos sentidos de tornar-se adulto.

Quanto à faixa etária, percebe-se que ela não define necessariamente um *status* social. Para aqueles com suficiente poder econômico, ser possuidor de um determinado *status* está mais ligado ao consumo de determinadas mercadorias: ser jovem implica consumir produtos joviais, este ou aquele refrigerante ou marca de cerveja, assim como o adulto *cult* consome livros, filmes e teatro. O movimento inverso é também permitido, até mesmo incentivado: uma pessoa pode se tornar mais ou menos adulta, ou jovem, dependendo dos produtos que consome – a mulher de quarenta ou cinquenta anos que usa roupas joviais, tingi os cabelos e recorre à medicina estética torna-se uma adulta jovem, ou simplesmente jovem, enquanto que não o fazendo poderá ser percebida como uma mulher mais velha, uma senhora, uma adulta madura.

O que muda são os valores, as escolhas individuais dentre as inúmeras mercadorias destinadas a cada público, ou com vistas a tornar alguém pertencente a determinado grupo dentro do ciclo de vida humano – e a crescente valorização da juventude e do desejo de nela permanecer indefinidamente, vale lembrar, é cada vez mais notória. Claro que mudam também as condições para se fazer tais escolhas. Pois o *status* da juventude, neste caso, é um bem de consumo, e para adquiri-lo é preciso pertencer a determinada classe econômica, é preciso ter poder de compra.

A adulez torna-se, ou corre o risco de tornar-se, paulatinamente, menos atraente em relação à juventude, mostrando-se uma construção subjetiva e deixando de pertencer ao caráter objetivo da idade, do envelhecimento biológico, da suposta distância da morte, passando para o campo das subjetividades.

Ao mesmo tempo, a idade não deixa de possuir uma importância social, pois situa objetivamente as pessoas em determinados grupos. Legalmente, é a idade quem determina a maioridade, imputando aos sujeitos as responsabilidades civis e penais. É ela também que costuma determinar outros fatores, como a entrada na escola, a possibilidade de ser legalmente empregado no mercado de trabalho, a chegada da menopausa para as mulheres, o momento da aposentadoria. Também a identidade inclui em si a idade de uma pessoa, sua data de nascimento, o momento social, cultural e econômico em que nasceu e cresceu – essa é uma objetividade da qual não se pode escapar, e que indiscutivelmente faz parte da constituição identitária dos sujeitos.

No **segundo núcleo de significação** fica evidente, principalmente, a relação entre a vida adulta e o trabalho, as responsabilidades e independência. Para serem reconhecidos adultos os sujeitos precisam se sentir autônomos na sociedade em que vivem, e capazes de dar conta de si mesmos e de seu cotidiano. Para isso, quase sempre na sociedade contemporânea, é necessária a independência financeira, adquirida principalmente através do trabalho. O trabalho apresentou-se como central para os sujeitos da pesquisa – todos, sem exceção, relacionaram-no à adulez. O fato de serem graduados enfatizou ainda mais essa relação e a centralidade do trabalho em suas vidas; mais do que isso, a identificação profissional expressou-se como um dos sentidos da vida adulta.

Ser adulto é trabalhar na profissão escolhida, sustentar-se, ter responsabilidades, contas a pagar. Precisar do apoio familiar para chegar a estes objetivos, por menos ou mais tempo, não chega a ser um obstáculo ao reconhecimento de si como adultos, num primeiro

momento, sendo porém um objetivo a ser conquistado ao longo do tempo. Permanecer na casa dos pais, entre jovens adultos de classe média e alta, é uma forma de preparar-se por mais tempo para o mercado cada vez mais concorrente, a ponto de poder sair dali sem tantas dificuldades e gozando de um conforto já conhecido.

O cotidiano também foi ressaltado: a correria, a disciplina, as obrigações do dia-a-dia foram temáticas recorrentes, contrapondo-se ao desejo de ter, também na vida adulta, alegria, lazer, felicidade.

A presença do carro como um forte signo da adulez para os sujeitos entrevistados foi um achado curioso da pesquisa, por não ter sido referida em nenhuma das obras consultadas – ao menos não de forma tão específica. Ao não só falarem sobre ele como produzirem imagens, o carro mostrou ser um símbolo da adulez nas classes média e alta, pela presença na vida cotidiana, pela suposta independência que acarreta no sentido de deslocar-se e pela responsabilidade que pressupõe, inserindo o sujeito em um aspecto do mundo adulto – as leis e relações de trânsito.

Pensar no carro como símbolo de vida adulta remete aos valores presentes nas classes de maior poder econômico, e ligados ao individualismo contemporâneo. São os mesmos valores continuamente reproduzidos e reforçados pela mídia, e que passam pelo consumismo: o desejo de ter o próprio carro, ou o carro de tal marca; a própria casa, o próprio estilo de vestir-se, este ou aquele objeto, esta ou aquela marca, o próprio negócio. Nesse contexto, para tornar-se adulto há um preço a ser pago, e provavelmente o será através do trabalho, que pode passar a ter como sentido principal obter dinheiro para ter tal poder de consumo. A partir desta suposição, percebe-se que a relação entre vida adulta e sentidos do trabalho poderia ser um tema de investigação para pesquisas futuras.

Outra descoberta interessante da pesquisa foi a percepção de um discurso por vezes paradoxo no que diz respeito à noção de adulto: ora os sujeitos construíram reflexões quebrando a lógica do adulto tradicional – estabelecido profissional e financeiramente, casado e com filhos, ora confirmaram essa mesma lógica trazendo esses aspectos entrelaçados em suas falas, revelando-os como sentidos da vida adulta. Como se, no momento atual ao qual pertencem, estivessem mesmo vivendo uma contradição, entre reproduzirem o modelo tradicional vivido na geração anterior e viverem, no próprio cotidiano, práticas que desconstruíssem esse mesmo modelo. Esse resultado aponta para mudanças significativas nos modos de constituição dos sujeitos na contemporaneidade, confirmando autores aqui citados.

O **terceiro núcleo de significação** foi o que trouxe maiores dificuldades em termos de encontrar literatura sobre o tema. No entanto, a ênfase dada pelos sujeitos aos aspectos emocionais, relacionais e éticos da vida adulta justificou sua construção. A autonomia emocional mostrou-se de grande importância na vida adulta, e foi descrita por alguns deles como uma capacidade de resolver os próprios problemas, superar as crises, cuidar de si mesmo, desabrochar, reconhecer as próprias verdades. Ela remete ao sujeito psicológico, construído historicamente e presente na contemporaneidade. Remete também, em parte, ao individualismo moderno, à valorização prioritária do “eu”, o que foi percebido em alguns discursos.

Assim como a autonomia emocional, foi enfatizada a importância das relações familiares na vida adulta: aceitar os pais, contar com a família e manter com ela uma relação de afeto, além da busca pela construção do próprio sistema familiar através das relações estáveis e dos filhos. Novamente neste ponto a lógica individualista é reafirmada, no sentido de se ter a própria família, cuidar da própria família, remetendo a uma preocupação maior com aquele que é próximo, e não com um outro desconhecido e distante.

Em relação à constituição da própria família – casar e ter filhos, percebeu-se uma sutil diferença entre os gêneros masculino e feminino: para os homens entrevistados, o casamento e os filhos foram referidos diretamente como sentidos de adultez; já para as mulheres solteiras e sem filhos, casamento e maternidade foram expressos como importantes, porém não determinantes da adultez. Segundo suas falas, se chegarem a constituir uma relação estável e vierem a ter filhos, será um passo a mais, porém já se sentem adultas agora. A única mãe entre as mulheres, no entanto, relacionou diretamente a maternidade à vida adulta.

Tais percepções, apesar de pouco conclusivas pelo número de sujeitos desta investigação, levam a refletir sobre a mudança de paradigmas, que vem ocorrendo na contemporaneidade, no que se refere ao gênero feminino: cada vez mais o trabalho tem se tornado foco na vida das mulheres, ocupando um espaço preferencial e principal em seus cotidianos, deixando em segundo plano os projetos de relacionamento estável e maternidade. Seria interessante um estudo que investigasse melhor essa relação entre adultez, casamento e filhos, comparando-se os gêneros feminino e masculino.

Apesar de uma aparente prevalência da noção de indivíduo, em consonância com os valores sociais contemporâneos, outro achado da pesquisa surpreendeu por ampliar a noção de vida adulta: o cuidado com

o outro, que se revelou também como um sentido da adultez, trazendo à tona o conceito de ética do cuidado, referido por alguns autores e pertinente às colocações dos sujeitos. O cuidado com os outros – a criança e o idoso em especial – não se restringiu ao outro conhecido, particular, mas sim generalizado a todos os outros, apesar de se deter preferencialmente nesses dois grupos. Esse detalhe da ética do cuidado voltada para as crianças e os velhos reforçou a noção de um adulto padrão, ocupando um lugar central no ciclo da vida, de onde pode estabelecer regras para os demais, cuidá-los e protegê-los, além de deter a tarefa de levar adiante a sociedade através do trabalho, do casamento e da procriação.

Mas, então, quem cuida do adulto? Poder-se-ia dizer que cuidar do adulto é tarefa do Estado? Pois, se é ele quem move a economia, se o adulto é a principal força de trabalho e, portanto, o principal pagador de impostos, ele teria o direito de ter seu cuidado garantido pelo Estado. Infelizmente não é o que vem acontecendo muitas vezes, em nosso país. Nem a criança, nem o adolescente, nem o idoso se veem totalmente protegidos como deveriam, e o mesmo acontece com o adulto.

O adulto pobre precisará trabalhar duro por toda a vida, cuidar ele próprio de suas crianças e idosos, e esperar ter o mínimo de saúde em seu próprio envelhecimento, sob o risco de não ser cuidado a tempo pela saúde pública. O adulto de classe média, por sua vez, mesmo pagando seus impostos precisará trabalhar em dobro, pagar um plano de saúde para não depender da saúde pública e incluir os filhos no ensino privado, buscando garantir a permanência destes na mesma classe econômica futuramente. Para isso, frequentemente envelhecerão cuidando dos filhos adultos e mantendo-os em casa por um bom tempo.

A questão do trabalho novamente aqui se coloca, de maneira imperativa, na vida adulta: o adulto, definitivamente, precisa trabalhar. Deseja manter-se e principalmente melhorar seu padrão econômico; movido pelos valores da classe média, o adulto brasileiro deseja poder trabalhar para ganhar e consumir mais. E, no contexto atual do mundo do trabalho, precisa estar sempre em constante aprimoramento e busca de escolarização. Todo este cenário leva a maiores níveis de *stress* no trabalho e a doenças ligadas a ele, como a Síndrome de *Burnout*.

Considerando as nuances da contemporaneidade no que diz respeito aos vários aspectos da vida, pode-se dizer que o adulto não deixou de ocupar um lugar social central do qual “fala” a respeito dos demais. Porém, a forma e o momento em que chegará a ocupá-lo não obedecem mais a um padrão determinado. Enquanto a adultez será inadiável para o jovem de classe baixa, que precisa começar a trabalhar

o quanto antes para sobreviver, poderá ser bem mais tardia para aquele que permanece recebendo auxílio financeiro dos pais enquanto galga melhores posições no mercado de trabalho.

Paralelamente a essa realidade, supostamente é possível permanecer jovem por muito tempo, bastando para isso consumir produtos e serviços destinados a esse fim. Na vida contemporânea, onde a fluidez das concepções e das relações entre as pessoas dificulta qualquer tipo de permanência, e onde o poder de consumo dita o que é e o que não é possível a cada grupo ou sujeito, reconhecer-se como adulto pode ser praticamente uma questão de escolha, desde que se tenha poder econômico.

Voltando ao objetivo geral traçado no início desta pesquisa, ou seja, compreender os sentidos atribuídos à vida adulta por pessoas com formação universitária, pode-se dizer que ele foi atingido, na medida em que os participantes construíram tais sentidos durante as entrevistas, bem como ao produzirem imagens sobre o tema e interpretarem-nas com as próprias palavras, expressando também através delas suas concepções a respeito da vida adulta – o que atende ao primeiro objetivo específico, que foi identificar essas concepções entre os sujeitos.

Quanto ao segundo e ao terceiro objetivos específicos, que buscaram identificar suas trajetórias de vida e as práticas cotidianas da vida adulta, os mesmos também se cumpriram, tanto pelas histórias relatadas durante as entrevistas, quanto pelas falas a respeito do dia-a-dia e em suas produções imagéticas. Os participantes da pesquisa se consideram adultos, em sua grande maioria, apesar de alguns deles considerarem que ainda precisam conquistar outros estágios ou concluir determinados ciclos para se reconhecerem plenamente como tal. No olhar da pesquisadora, todos eles são adultos, porém com singularidades que os tornam mais ou menos identificados – e consequentemente reconhecidos, como tal.

O fato de ter sido a pesquisa realizada junto a pessoas com formação universitária remete à reflexão de como teriam sido os resultados caso a mesma investigação tivesse sido realizada entre sujeitos com um menor nível de escolaridade. Tal reflexão também se estende à classe econômica, visto que os participantes pertencem à classe média. As particularidades sociais e educacionais da população escolhida marcam as concepções de vida adulta para os sujeitos, suas trajetórias de vida, suas práticas cotidianas. Com pessoas inseridas em outro contexto social e educacional, provavelmente teriam sido diferentes os resultados.

Que sentidos de vida adulta teriam sido construídos entre sujeitos pertencentes a classes menos favorecidas? Trata-se de uma limitação do estudo, que por se concentrar em sujeitos de classe média e com formação universitária, não pôde ser mais abrangente. Fica a sugestão para novas pesquisas sobre o tema, porém com participantes de classes sociais e escolaridades diversas.

Dentro das singularidades da população estudada, pode-se arriscar a dizer que o adulto padrão, pertencente à classe média brasileira, reproduz uma determinada lógica, um determinado modelo societário, onde obrigações e deveres estão acima do prazer e do lazer, onde existem estágios a serem alcançados para tornar-se “pronto”, sendo que tais estágios incluem conquistas materiais e a aquisição de determinados bens. Nessa lógica imperam o individualismo e o consumismo, e o trabalho é central.

Os sentidos de vida adulta encontrados pelos caminhos desta pesquisa são os frutos da semente plantada em seu início. Não têm a pretensão de esgotar o assunto nem tampouco de enunciar verdades – pelo contrário, desejam cair na terra para render novas plantas, novos frutos, continuar em movimento e mudança. Frente às concepções tradicionais do adulto – como modelo social a ser atingido, estável e completo – e os achados desta pesquisa, propõe-se o cuidado de se construir novas concepções e novos termos para falar da vida adulta na contemporaneidade, enriquecendo o tema com novos achados.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1982. 976p.
- ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981. 92p.
- ABRAMO, Helena W. **Cenas juvenis**: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta, 1994. 172p.
- _____. Condição Juvenil no Brasil Contemporâneo. In. ABRAMO, Helena W. ; BRANCO, Pedro P. M. (orgs). **Retratos da Juventude Brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005. 448p.
- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. ; OZELLA, Sérgio. Núcleos de Significação como Instrumento para a Apreensão da Constituição dos Sentidos. **Psicologia Ciência e Profissão**, v.26, n.2, p. 222-245, 2006.
- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. A pesquisa em Psicologia Sócio-Histórica: contribuições para o debate metodológico. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Orgs.), **Psicologia sócio-histórica**: uma perspectiva crítica em psicologia. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 129-140.
- ALVES, Giovanni. **Dimensões da Reestruturação Produtiva**: ensaios de sociologia do trabalho. 2 ed. Londrina: Praxis, 2007.
- ANTUNES, Ricardo. O mundo precarizado do trabalho e seus significados. **Cad. psicol. soc. trab.** [online]. vol. 2, p. 55-59, 1999. ISSN 1516-3717.
- _____. A erosão do Trabalho. **Jornal Folha de São Paulo**, São Paulo, 1º de maio de 2009. Caderno Opinião. Seção Tendências e Debates, p. A3.
- ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 25, n. 87, p. 335-351. mai/ago 2004 . Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302004000200003&lng=en&nrm=iso>.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 195-276.

ARNOLD, W. (coord). **Dicionário de psicologia**. São Paulo: Edições Loyola, 1982. 567p.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. p. 7-63.

BARROSO, João. Juventudes e inserção profissional. (Rescensão: Natália Alves, Juventudes e inserção profissional, Lisboa: Educa/Ui&DCE, 2008) Sísifo. **Revista de Ciências da Educação**, n.8, pp. 116-118, jan./abr. 2009.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1982. p. 15-35.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 24, n. 62, p. 26-43, abr. 2004. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622004000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 set. 2011.

BORGES, Carolina de Campos e MAGALHÃES, Andrea Seixas. Transição para a vida adulta: autonomia e dependência na família. **Psico**. PUC-Rio. Rio de Janeiro. v.40, n.1, p. 42-49, jan./mar. 2009.

BOUDON, Raymond; BOURRICAUD, François. **Dicionário crítico de sociologia**. São Paulo: Ática, 1993. 653p.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero Limitada, 1983. p. 112-121

BRASIL. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm> Acesso em: 24 set. 2011.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000. 81p (Folha explica) ISBN 8574022152.

CÂMARA, Sheila Gonçalves; SARRIERA, Jorge Castellá. Critérios de seleção para o trabalho de adolescentes-jovens: perspectiva dos empregadores. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 6, n. 1, p. 77-84. jan./jun. 2001. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722001000100010&lng=en&nrm=iso>.

CAMARANO, Ana Amélia; MELLO, Juliana Leitão; PASINATO, Maria Tereza; KANSO, Solange. Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. **Última décad.** [online]. vol.12, n.21, p. 11-50, 2004. ISSN 0718-2236.

CAMARANO, Ana Amélia. Considerações finais: transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?. In: CAMARANO, Ana Amélia (org.). **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?**. Rio de Janeiro: Ipea, 2006. p. 319-330.

CARTER, Betty; Mc GOLDRICK, Monica. As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. In: CARTER, Betty; Mc GOLDRICK, Monica. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 7-29.

CORREA, Sílvio M.S. Brasil: uma sociedade de jovens? In: **Um olhar sobre o jovem no Brasil**. Ministério da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008, p.11-28 (Série B. Textos Básicos de Saúde).

COUTINHO, Maria C.; KRAWULSKI, Edite; SOARES, Dulce Helena P. Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. **Psicologia e Sociedade**, v. 19, nº especial, p. 29-37, 2007.

CRITERIUM Assessoria em pesquisas. **Perfil da Juventude Brasileira**. Projeto Juventude: pesquisa de opinião pública. 2003. Disponível em: <www.planalto.gov.br/secgeral/juventude/juventude.pps>.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira Educacional** [online]. n. 24, p. 40-52, 2003. ISSN 1413-2478.

DEBERT, Guita G. A cultura adulta e juventude como valor. **Revista Kairós**, v.7, n.2, p. 21-44, dez. 2004.

DEBERT, Guita Grin. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 16, n. 34, dez. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832010000200003&lng=pt&nrm=iso>.

DESLANDES, Suely F. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. In: MINAYO, M. Cecília de S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26 ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 31-60.

DIAS, Maria Sara de Lima. **Sentidos do trabalho e sua relação com o projeto de vida de Universitários**. 2009. 270f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC, Florianópolis, SC, 2009.

DICIONÁRIO de Sociologia. Porto Alegre: Globo, 1970. 377p.

ERIKSON, Erik H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p. 90-141.

FÉRES-CARNEIRO, T., MAGALHÃES, A. S. e ZIVIANI, C. Conyugalidad de los padres y proyectos vitales de los hijos frente al matrimonio. **Revista Cultura y Educación – Familia y Pareja**, v.18, n. 1, p. 95-108, 2006.

FORACCHI, Marialice. M. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo: Pioneira: 1972. 168p.

FRIEDMAN, Edwin H. Sistemas e Cerimônias: uma visão familiar dos ritos de passagem. In: CARTER, Betty; Mc GOLDRICK, Monica. **As**

mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 106-130.

GILLIGAN, Carol. **Teoria psicológica e desenvolvimento da mulher.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982. 283p.

GONÇALVES, Maria da Graça M. Fundamentos metodológicos da Psicologia Sócio-Histórica. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Orgs.), **Psicologia sócio-histórica:** uma perspectiva crítica em psicologia. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 113-127.

GROPPO, Luís A. **Juventude:** ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000. 301p.

GUERREIRO, M. das Dores; ABRANTES, Pedro. Como tornar-se adulto: processos de transição na modernidade avançada. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.20, n.58, p.157-175, 2005.

GUIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991. p. 11-60.

GUIMARÃES, Nadya A. Trajetórias inseguras, autonomização incerta: os jovens e o trabalho em mercados sob intensas transições ocupacionais. In: CAMARANO, Ana Amélia (org.) **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: Ipea, 2006. p. 171-197.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história.** São Paulo: Paz e Terra, 2000. 121p.

HENRIQUES, Célia Regina; JABLONSKI, Bernardo; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. A “Geração Canguru”: algumas questões sobre o prolongamento da convivência familiar. **Revista Psico**, v.5, n.2, p.195-205, 2004.

HENRIQUES, Célia Regina; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha e MAGALHÃES, Andrea Seixas. Trabalho e família: o prolongamento da convivência familiar em questão. **Paidéia**, v.16, n.35, p. 327-336, 2006.

IBGE. **Sinopse do censo demográfico 2010.** Sala de Imprensa. 2011. Disponível

em:<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1866&id_pagina=1>. Acesso em: 11 set. 2011.

IBGEa. **Pesquisa mensal de emprego** (antiga metodologia). Disponível em:<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme/pmemet2.shtm>>. Acesso em: 01 set. 2011.

IPEA. **População economicamente ativa**. Mercado de trabalho. 2010. Disponível em:
<http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/boletim_mercado_de_trabalho/mt42/10_anexo01_populacao.pdf>

ITO, Larissa Hery e SOARES, Dulce Helena Penna. Projeto de futuro e identidade: um estudo com estudantes formandos. **Aletheia**, n. 27, p. 65-80, jan./jun. 2008.

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1996. 785 p.

KEHL, M. Rita. **Juventude: a fratria órfã**. São Paulo: Olho D'água, 2008. 216p.

KRAWULSKI, Edite. **Construção da identidade profissional do psicólogo: vivendo as “metamorfoses do caminho” no exercício cotidiano do trabalho**. 2004. 206 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da UFSC. Florianópolis, SC, 2004.

KRAWULSKI, Edite. **O processo de construção da identidade profissional do psicólogo no seu cotidiano de trabalho**. Projeto de tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2003.

LA MENDOLA, Salvatore. O sentido do risco. **Tempo soc.** [online], v. 17, n.2, p. 59-91, 2005.

LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Rio de Janeiro: Imago, 1983. p. 23-54.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A Construção do Saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda.; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean- Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. 10. ed. São Paulo: M. Martins, 1988. 707p.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean C. **História dos Jovens I e II**. São Paulo: Cia das Letras, 1996. 382 p.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. 99p.

MAHEIRIE, Kátia; BOEING, Patrícia; PINTO, Gissele C. Pesquisa e intervenção por meio da imagem: o recurso fotográfico no cotidiano de varredores de ruas. **Psico** [online]. v. 36, n.2, p. 213-219. mai./ago. 2005. Disponível em:
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/1392/1092>

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La juventud és más que uma palabra. In: MARGULIS, Mario. **La juventud és más que uma palabra** – Ensayos sobre cultura e juventud. Buenos Aires: Biblos, 2000. p. 13-30.

MARX, Karl. Processo de trabalho e processo de produzir mais valia. In: **O Capital**: crítica da economia política, livro 1, parte terceira. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. p. 583-607.

MAURENTE, Vanessa; TITTONI, Jaqueline. Imagens como estratégia metodológica em pesquisa: a fotocomposição e outros caminhos possíveis. **Psicol. Soc.** [online], v.19, n.3, p. 33-38, 2007. ISSN 0102-7182.

MCKINNEY, Jonh P.; FITZGERALD, Hiram E.; STROMMEN, Ellen. A. **Psicologia do desenvolvimento**: o adolescente e o adulto jovem. Rio de Janeiro: Campus, 1983. p. 15-36.

MEAD, Margaret. **Adolescencia y cultura in Samoa**. Buenos Aires: Pidos, 1961. 268p.

MIGUEZ, Luciene Alves. **A maioridade e o “ser adulto” na representação de adolescentes e jovens em situação de rua**. 2005. 257f. Dissertação. (Mestrado em Psicologia Social). Universidade do Estado do

Rio de Janeiro, UERJ, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em:
<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=200011731004016013P1>

MOTA, Márcia Elia da. Psicologia do Desenvolvimento: uma perspectiva histórica. **Temas em Psicologia**, Universidade Federal de Juiz de Fora, v.13, n.2, p. 105 – 111. 2005.

MORIN, Edgar. Teses sobre a ciência e a ética. In: **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 125-133.

MOSQUERA, Juan J. M. **Vida adulta**: personalidade e desenvolvimento. Porto Alegre: Sulina, 1978. 186p.

NAMURA, Maria Regina. Por que Vygotski se centra no sentido: uma breve incursão pela história do sentido na psicologia. **Psic. da Ed.** São Paulo, n.19, p. 91-117. 2004.

NEIVA-SILVA, Lucas; KOLLER, Sílvia Helena. O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. **Estud. Psicol.** [online], v.7, n.2, p. 237-250, 2002. ISSN 1413-294X.

NEIVA-SILVA, Lucas. **Expectativas futuras de adolescentes em situação de rua: um estudo autofotográfico**. 2003. 176f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento) Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, UFRGS, Porto Alegre, 2003. Disponível em:
< <http://www.msmedia.com/CEPRUA/neiva-silva.pdf>>.

OECD (2011), **Education at at Glance 2011**: OECD Indicators, OECD Publishing. <http://dx.doi.org/10.1787/eag-2011-en>
Disponível em: <<http://www.oecd.org/dataoecd/61/2/48631582.pdf>>

OLIVEIRA, Marta K.. Ciclos de vida: algumas questões sobre a psicologia do adulto. **Educ. Pesqui.** [online], v.30, n.2, p. 211-229, 2004. ISSN 1517-9702.

OMS (Organização Mundial de Saúde). **Child and adolescent health and development**. 2011. Disponível em:
<http://www.who.int/child_adolescent_health/about/en/index.html>

OZELLA, Sérgio; AGUIAR, Wanda M. J. Desmistificando a concepção de adolescência. **Cadernos de Pesquisa**, v. 38, n. 133, p. 97-125, jan./abr. 2008.

PAIS, José M.; CAIRNS, David; PAPPAMIKAIL, Lia. Jovens europeus: retrato da diversidade. **Tempo soc.** [online], v.17, n.2, p. 109-140, 2005. ISSN 0103-2070.

PAIS, José M. A juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Saúde soc.**, v.17, n.2, p. 59-91, 2009.

_____. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1996.

PEIXOTO, Clarice Ehlers; LUZ, Gleice Mattos. De uma morada à outra: processos de re-coabitação entre as gerações. **Cadernos pagu**, n. 29, p. 171-191 jul./dez. 2007.

PERALVA, Angelina T. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação** – ANPED – Juventude e Contemporaneidade. n. 5 e 6, p. 15 -24, 1997.

PIMENTA, Melissa de Mattos. **Jovens em transição**: um estudo sobre a transição para a vida adulta entre estudantes universitários em São Paulo. 252f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP. São Paulo, 2001. Disponível em:
<<http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/1243/1/tese.pdf>>

PIMENTA, Melissa de Mattos. **“Ser jovem” e “ser adulto”**: Identidades, representações e trajetórias. 464f. Tese (Doutorado em Sociologia) Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP. São Paulo, 2007. Disponível em:
<http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/1243/1/tese.pdf>

_____. Transições incertas. **Tempo soc.**, v.17, n.2, p. 381-386, 2005. (Resenha: Maria das Dores Guerreiro e Pedro Abrantes, Transições incertas. Lisboa, Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego, Direção Geral de Estudos, Estatística e Planeamento, Lisboa, 2004, 183 p.) Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?>>

PINO, Angel. A interação social: a perspectiva sócio-histórica. In: ALVES, M.L. et al. **Construtivismo em revista**. Série IDÉIAS, v. 20, São Paulo: Fundação para o desenvolvimento da educação, p.49-58, 1993.

POCHMANN, Marcio. Educação e trabalho: como desenvolver uma relação virtuosa?. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 87, ago. 2004. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302004000200005&lng=pt&nrm=iso>

<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302004000200005>.

POCHMANN, Marcio. Estrutura social no Brasil: mudanças recentes. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 104, dez. 2010 . Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282010000400004&lng=pt&nrm=iso>

<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-66282010000400004>.

PRADO, Laís. **Juventude 30 quilates**: pesquisa da Viacom descreve jovens entre 16 e 34 anos. 2009. Disponível em:

<<http://ccsp.com.br/ultimas/noticia.php?id=42756>>. Acesso em: 20 set. 2010.

PRADO FILHO, Kleber; TRISOTTO, Sabrina. Psicologia, ética e bioética. **Psicol. Argum.**, Curitiba, v. 24, n. 47, p. 45-48, out./dez. 2006.

QUAPPER, Klaudio D. Juventud o juventudes? Acerca de como mirar y remirar a lãs juventudes de nuestro continente. In: BURAK, S. **Adolescencia y Juventud em América Latina**. Costa Rica: Libro Universitario Regional, 2001, p. 57-76.

RESOLUÇÃO CNS 196/96. Disponível em:

<<http://www.conselho.saude.gov.br/resolucoes/1996/Reso196.doc>> Acesso em: 10 ago 2011

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998, 874p. ISBN 85-7110-444-1

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2001. p.135-157.

SARRIERA, José C.; CÂMARA, S. G.; BERLIM, C. S. Elaboração, desenvolvimento e avaliação de um Programa de Inserção Ocupacional para Jovens Desempregados (Relato de Experiência). **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.13, n.1. Porto Alegre: PUC, 2000.

SHEEHY, Gail. **Passagens: crises previsíveis da vida adulta**. 15 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1991. p. 29-46.

SIRGADO, Angel P. O social e o cultural na obra de Vigotski. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 71, 45-78. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302000000200003&lng=pt&nrm=iso>

SOARES, Dulce H. P. **Choix Professionnel: Projet Des Parents - Projet Des Adolescents**. 1. ed. França: Presses Universitaires du Septentrion, 1997. v. 1. 334 p.

SOARES, Dulce H. P. **A escolha profissional do jovem ao adulto**. São Paulo: Summus, 2002. p. 19-37.

SOARES, Dulce H. P. e COSTA, Aline Bogoni. **Aposent-Ação: aposentadoria para a ação**. 1 ed. São Paulo: Vetor, 2011. p. 30-39.

SOARES, Dulce H. P.; DIAS, Maria S. de L.; BAPTISTA, Isabel. Situações de risco: jovens “sem projeto de vida”, a construção de um objeto de estudo. **Cadernos de Pedagogia Social**, v.2, p.163-178, 2008.

SODRÉ, Olga. Símbolo, mito e interpretação da passagem para a vida adulta. **Arq. Bras. Psicol**; v.59, n.1, p.3-15, jan./jun. 2007.

SOUSA, Filomena Carvalho. O que é “ser adulto”: as práticas e representações sociais sobre o que é “ser adulto” na sociedade portuguesa. **Revista Moçambras: acolhendo a alfabetização nos países de língua portuguesa**, São Paulo, ano 1, n. 2, 2007. Disponível em: <<http://www.mocambras.org>>. Publicado em: março 2007.

SPOSITO, Marília P.; CARRANO, Paulo C. R. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista de Educação**, n.24, p. 16-39, set/out/nov/dez. 2003.

STRAPPAZZON, André; SANTA, Beatriz; WERNER, Francyne W.; MAHEIRIE, Kátia. A criação fotográfica e o aumento da potência de ação: experiências e possibilidades. **Cad. psicopedag.**, v.7, n.12, p.00-00, 2008.

TOLFO, Suzana R.; COUTINHO, Maria Chalfin.; ALMEIDA, A. R.; BAASCH, D.; CUGNIER, J. S. Revisitando abordagens sobre sentidos e significados do trabalho. In: **Fórum CRITEOS**, Porto Alegre: UFRGS/EA. Rio Grande do Sul, v.2, 2005. Anais... Porto Alegre: UFRGS/EA, CRITEOS, 2005 (CD-ROM).

TOLFO, Suzana da Rosa; PICCININI, Valmíria. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 19, n. spe, 2007 .

Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000400007&lng=en&nrm=iso>.

TONELLI, Maria José. Organizações, relações familiares e amorosas. In: DAVEL, E.; VERGARA, Sylvia Constant (Org.). **Gestão com pessoas e subjetividade**. São Paulo: Atlas, 2001. Cap. 9. p. 243-261.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. . **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. 175p. ISBN 8522402736

VERIGUINE, Nádia Rocha. **Autoconhecimento e informação profissional: implicações para o processo de planejar a carreira de jovens universitários**. 2008. 124f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC. Florianópolis, 2008.

VIEIRA, Joice Melo. Transição para a vida adulta no Brasil: análise comparada entre 1970 e 2000. **Revista bras. estud. popul.** [online], v.25, n.1, p. 27-48, 2008. ISSN 0102-3098.

VYGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 65-190.

ZANELLA, Andrea Vieira et al. Questões de método em textos de Vygotski: Contribuições à pesquisa em psicologia. **Revista Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v.19, n.2, p. 25-33, 2007.

ZANELLA, Andrea Vieira et al. Diversidade e diálogo: reflexões sobre alguns métodos de pesquisa em psicologia. **Interações**, v. 12, n. 22, p.11-38, jul./dez. 2006.

ZOBOLI, Elma L. C. P. A redescoberta da ética do cuidado: o foco e a ênfase nas relações. **Rev Esc Enferm, USP**, v. 38, n.1, p. 21-27.

WINNICOTT, D. H. **A família e o desenvolvimento individual**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, 247p.

APÊNDICE A

Tabela 1: Artigos da base de dados Index psi periódicos

Palavras usadas na pesquisa	Autor	Título	Fonte	Ano
Vida and adulta	SODRÉ, Olga	Símbolo, mito e interpretação da passagem para a vida adulta	<i>Arq. bras. psicol</i> ;59(1):3-15, jan.-jun. 2007	2007
Juventude and adulta	DEBERT, Guita Grin.	A cultura adulta e juventude como valor	<i>Rev. Kairós</i> ;7(2):21-44, dez. 2004	2004

APÊNDICE B

Tabela 2: Pesquisa: artigos na base de dados Scielo

Palavras usadas na pesquisa	Autor (es)	Título	Palavras-chave do artigo	Fonte	Ano
juventude and vida and adulta	PAIS, José Machado; CAIRNS, David e PAPPAMIKAIL, Lia	Jovens europeus: retrato da diversidade	Juventude; Europa; Transições para a vida adulta.	<i>Tempo soc.</i> [online]. 2005, vol.17, n.2, pp. 109-140.	2005
juventude and vida and adulta	LA MENDOLA, Salvatore	O sentido do risco	Modernidade; Sociologia da juventude; Risco; Reflexividade.	<i>Tempo soc.</i> [online]. 2005, vol.17, n.2, pp. 59-91.	2005
juventude and vida and adulta	PAIS, José Machado	A Juventude como Fase de Vida: dos ritos de passagem aos ritos de <i>impasse</i>	Juventude; Curso de vida; Gerações; Ritos de passagem; Ritos de <i>impasse</i> .	<i>Saude soc.</i> [online]. 2009, vol.18, n.3, pp. 371-381.	2009
juventude and vida and adulta	VIEIRA, Joice Melo	Transição para a vida adulta no Brasil: análise comparada entre 1970 e 2000	Juventude; Transição; Renda domiciliar <i>per capita</i> ; Gênero; Cor; Situação de domicílio.	<i>Rev. bras. estud. popul.</i> [online]. 2008, vol.25, n.1, pp. 27-48.	2008
transição and vida and adulta	GUERREIRO, Maria das Dores e ABRANTES, Pedro	Como tornar-se adulto: processos de transição na modernidade avançada	Transição para a vida adulta; Gerações; Trabalho; Família.	<i>Rev. bras. Ci. Soc.</i> [online]. 2005, vol.20, n.58, pp. 157-175.	2005
Sentidos and vida and adulta	OLIVEIRA, Marta Kohl de	Ciclos de vida: algumas questões sobre a psicologia do adulto	Cultura e desenvolvimento psicológico; Psicologia do adulto; Educação de jovens e adultos	<i>Educ. Pesqui.</i> [online]. 2004, vol.30, n.2, pp. 211-229.	2004

APÊNDICE C

Tabela 3 – Teses e dissertações do banco de teses da Capes

Palavras usadas na pesquisa	Autor (es)	Título	Palavras-chave	Tipo	Ano
sentido or vida or adulta	MIGUEZ, Luciene Alvez	A maioria e o "ser adulto" na representação de adolescentes e jovens em situação de rua	maioridade, representação social,adolescentes em situação de rua	Dissertação de mestrado	2005

APÊNDICE D

CARTA DE APRESENTAÇÃO E SOLICITAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO

Florianópolis, ___ de _____ de 2010.

Eu, Luciana Guimarães Boeing, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Área de Concentração Práticas Sociais e Constituição do Sujeito da Universidade Federal de Santa Catarina, apresento minha proposta de pesquisa para elaboração de dissertação, sob a orientação da Profa. Dra. Dulce Helena Penna Soares.

Meu estudo, intitulado “Sentidos de vida adulta para pessoas com formação universitária”, objetiva compreender quais os sentidos atribuídos à vida adulta por pessoas que possuem curso superior. A pesquisa será desenvolvida sob a perspectiva qualitativa e os dados serão coletados por meio de entrevistas, que serão gravadas e em seguidas transcritas. Solicito, assim, sua permissão pra utilizar o gravador. Caso lhe interesse, poderei trazer esse material para você ler e fazer as correções que julgar necessárias.

Complementariamente às entrevistas utilizarei imagens fotográficas registradas pelos próprios participantes mediante o empréstimo de uma câmera digital. Saliento que se houverem dúvidas em relação à pesquisa, você poderá entrar em contato comigo via telefone ou e-mail, a qualquer tempo.

Ressalto que nos procedimentos metodológicos a serem adotados comprometo-me a obedecer aos preceitos éticos implicados em pesquisas envolvendo seres humanos, conforme normatizado pelas Resoluções 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e 16/2000 do Conselho Federal de Psicologia. Estes preceitos incluem:

- a manutenção do sigilo quanto à identidade dos participantes;
- sua liberdade de adesão voluntária ao estudo, cientes da sua natureza e objetivos, assegurado o direito de desistência de participação a qualquer momento;
- a não publicação de informações sem o consentimento dos participantes;
- a garantia de utilização dos dados tão-somente para os fins deste estudo.

Isto posto, solicito sua participação em minha pesquisa, ao tempo em que me disponibilizo para prestar todo e qualquer esclarecimento que se faça necessário.

Atenciosamente,

Mestranda

Telefone (48) 3233-4575 / 9991-7180 E-mail: luboeinng@yahoo.com.br

APÊNDICE E**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, _____, aceito participar da Pesquisa da Mestranda Luciana Guimarães Boeing, de forma livre e espontânea, observados o conteúdo informado e o compromisso firmado pela pesquisadora na "Carta de Apresentação e Solicitação de Participação" anexa.

Data: ____/____/_____

Sujeito da Pesquisa

APÊNDICE F

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

UFSC/ Programa de Pós-Graduação em Psicologia
 Área de Concentração Práticas Sociais e Constituição do Sujeito
 Pesquisa: “Sentidos de vida adulta para pessoas com formação universitária”

Mestranda: Luciana Guimarães Boeing

Orientadora: Dulce Helena Penna Soares

1 Informações sobre a entrevista

Entrevista n°: _____ Sujeito (nome fictício): _____
Data: ___/___/___
Horário de início: _____ Horário de término: _____
Local: _____

2 Informações sobre os sujeitos

Naturalidade: _____

Estado civil: _____ Sexo: _____

Idade: _____

Formação universitária: _____

Instituição e Local onde se formou _____

Tempo de Formado: _____

Formação complementar: _____

Atuação profissional/local: _____

Outras atividades laborais: _____

Com quem reside: _____

Renda atual aproximada: _____

Colabora com a renda dos pais? Quanto (%)? _____

Seus pais colaboram com sua renda? Quanto (%)? _____

3 Questões norteadoras

- a) O que significa vida adulta para você? O que é vida adulta para você?
- b) Quais as percepções a respeito da vida adulta
- c) Na sua opinião, quais os critérios para se tornar adulto em nossa sociedade atualmente?
- d) O que é preciso para ser reconhecido como adulto
- e) Se existe uma pressão social para se tornar adulto
- f) Conte-me sobre a sua trajetória de vida.
- g) Conte sobre sua vida escolar e familiar
- h) Conte sobre sua trajetória profissional
- i) Nessa trajetória, quais práticas possibilitaram ou possibilitam a você reconhecer-se como adulto?
- j) Você se recorda da primeira vez em que se reconheceu como adulto?
- k) Você sentiu ou sente pressões para se tornar adulto?
- l) Você é considerado adulto pelas outras pessoas?
- m) Que pessoas são essas e porque consideram você adulto
- n) Quais dificuldades você encontrou, ou encontra, em sua trajetória, para tornar-se adulto?

4 Registros imagéticos

- a) Que imagem é esta? O que ela representa para você?
- b) Qual a relação desta imagem com a vida adulta?
- c) Porque você escolheu fotografar esta imagem para representar a vida adulta?

ANEXO
CERTIFICADO DO CEPESH / UFSC